

# REVISTA DO ENSINO

APPARECE A 15 DE CADA MEZ

## SUMMÁRIO de 15 de Outubro de 1911

|   |                             |
|---|-----------------------------|
| A lingua portuguesa (SYSTEMAS ORTHOGRAPHICOS.—ORIGEM DO PORTUGUES.—ANARCHIA GRÁFICA, SCISSA PROSÓDICO)..... | <i>Fléxa Ribeiro.</i>       |
| Higiene social (SELECÇÃO NATURAL NA HUMANIDADE).....  | <i>Acyllino de Leão.</i>    |
| Formações deltaicas (O DELTA AMAZONICO).....  | <i>Alfredo Lamarfina.</i>   |
| A philosophia no Brasil.....  | <i>R. Moreira de Souza.</i> |
| Notas sobre o clima da Amazonia.....  | <i>Adolpho Ducke.</i>       |
| A cultura da memoria segundo a pedagogia scientifica.....   | <i>João de Figueiredo.</i>  |
| Questões de grammatica e philologia (A CHÓLERA OU O CHÓLERA).....   | <i>Paulino de Brito.</i>    |
| Ensino Público (EXCERPTOS DO RELATORIO DE 1911, APRESENTADO AO GOVERNADOR DO ESTADO)..                      | <i>Augusto Olympio.</i>     |
| História da Terra (EPÓCA PRE-HISTÓRICA).....  | <i>S. de Padilha.</i>       |
| Ensino do desenho.....  | <i>Arthur Loureiro.</i>     |
| Nótulas d'arte.....   | <i>Joris Koris.</i>         |
| Pelo magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS).....  | <i>N.</i>                   |
| Notas e noticias.....   | <i>N.</i>                   |
| A Revista.....  | <i>N.</i>                   |
| Bibliographia.....  | <i>F. de S.</i>             |

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á CAIXA POSTAL N. 502

BELEM

PARÁ—BRASIL

Dec. 17-11-1911.

*Director:* Desembargador **AUGUSTO OLYMPIO** — *Redactor-chefe:* **FLÉXA RIBEIRO**  
(SECRETARIO D'ESTADO DO INTERIOR)

*Secretario geral:* **OLAVO NUNES**

*Redactores:* Drs. LEOPOLDINO LISBOA E JURUEMA FRANCO

---

## Principaes collaboradores

---

DR. R. MOREIRA DE SOUZA, PROFESSOR JOÃO DE FIGUEIREDO,  
ALVES DE SOUZA, DR. ACYLINO DE LEÃO, PROFESSOR EUSTACHIO DA COSTA  
RODRIGUES, DR. PAULINO DE BRITO, DR. THEODORO BRAGA, A. DUCKE,  
ALFREDO LAMARTINE, DR. VIRGILIO CARDOSO, DR. JOÃO CHAVES,  
DR. OSCAR DE CARVALHO

---

A REVISTA DO ENSINO tem suas columnas francas á collaboração dos membros do magistério  
público e pessoas dedicadas  
ao estudo das questões de ensino, sob censura da redacção

---

Para tudo o que fôr concernente á REVISTA DO ENSINO, dirigir-se ao  
sr. Olavo Nunes, na Secretaria do Interior (das 9 ás 11 horas do dia)

---

## ASSIGNATURAS

|                      |                         |
|----------------------|-------------------------|
| Pará.....            | Doze mil réis, por anno |
| Outros Estados ..... | Quinze mil réis         |
| Número avulso .....  | Mil e quinhentos réis   |

**Para o professorado primário official será de 10\$000 a assignatura annual.**

---

Todo assignante da REVISTA DO ENSINO terá direito a uma bella capa, trabalho original de reputado professor de desenho, impressa em percalina, e que será distribuída quando completo o 1.º tomo, para sua especial encadernação.

---

**Publicação official de sciencias, letras e especialmente de**  
**pedagogia.**

A apparecêr brevemente:

# Fialho d'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Critica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

## LIVROS NOVOS:

**De J. Leite de Vasconcellos:**

Lições de Philologia Portuguêsa.

Textos Archáicos (2.<sup>a</sup> edição).

**De Gonçalves Viana:**

Vocabulario Orthographico e Orthoépico

**De Epiphânio Dias:**

Os Lusíadas, de Luis de Camões, edição critica.  
Grammática Histórica da Lingua Portuguêsa (no prelo).

# LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papéis  
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.  
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos atamades pianos de  
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

*Fabrica de livros em branco.*

*Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos*

CASA ESPECIALITA EM JORNAES DE MODA

**Preços reduzidissimos**

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM



# A lingua portuguesa

Systemas orthographicos—Origem do português—Anarchia gráfica—As linguas artificiaes—Scisma prosódico—Simplificação da escrita portuguesa.

Por FLÉXA RIBEIRO

De longos annos o desmantelo gráfico do português-a sua ausência de uniformidade na escritura, vem provocando reparos e commentários dos intendidos e estudiosos.

Vários projectos de reforma se tem apresentado; e as gramáticas explicam com assiduidade as divergências, vantagens e prejuisos dos tres chamados systemas orthographicos—phonético, etymológico e misto.

Este último, quási que se podia dizer nunca teve existência consubstanciada numa tabuada homogênea, devido ao seu natural aspecto movediço, obedecendo ao sabôr dos caprichos individuaes. No entanto, é de clara evidência que delle uma média normal se obtem, e que constitue o typo orthographico dos escritôres que regem a penna com lisura e assêio.

Dos processos gráficos, o etymológico é de todo impossivel seguir, porque é vário o destino do vocábulo, e a língua não se submette a uma disciplina uniforme na sua evolução morphológica, alem de que o étymo de numerosas palavras, pelo emmaranhado dos desvios que ellas soffrem no decurso do tempo,—é obscuro ou hypothético, ou totalmente desconhecido.

Quanto ao systema phónico, alguns dos nossos gramáticos, sem a precisa cultura philológica, sem conhecimento demorado da história da língua, explicavam a sua absurdidade deste molde: *porque nelle cada um escreveria conforme a sua pronúncia individual.* Essa falta de conhecimento e de observação levaria a admittir-se que os vícios de prosódia logareira, ou mesmo os simples desvios orthoépicos individuaes, fossem elevados a título de estalão prosódico.

Toda língua tem o seu typo normal de pronúncia. De accôrdo, em geral, com a origem e a evolução lídima dos vocabulos, o quadro prosódico obedece á corrente de gente culta, que, numa certa época, dá cunho á physionomia da língua, emquanto os escritôres lhe emprestam expressão literária definitiva, *valôres* de sentido, na sua modelagem generalizada.

Póde dizêr-se que o systema phónetico é o característico natural da língua.

Até quási ao fim do século XV, o português tinha a escrita simples; os sons eram reproduzidos por letras singelas. Os grupos consonantæes, em que mais tarde entrariam phonemas parasitários, não eram empregados. Foi a erudição dos humanistas que, — por uma illusão da gênese histórica da língua, acreditando o português originário do latim clássico, cicerónico — quís fazel-o modelado em primôres orthographicos, a exemplos da latinidade, — (1) Como é sabido o gallécio-português como todas as demais línguas novi-latinas — foi fusionado pelo latim plebeu, pelo *latim sórdido*, ao contacto das legiões romanas. O latim popular não as viu nascêr; pela fusão, operou o seu desdobramento, assignalou a sua metamorphose linguística, nellas perpetuando-se (2)



Por 1907 a Academia brasileira de letras recebia um projecto de reformação orthographica. Facto singular, commettimento verdadeiramente heróico, que vinha rasgar o manto de lantejoilas, com que de ordinário, de nossa natural usança, nos involvemos para dormir sobre questões scientificas que demandam cultura aprofundada, esforço decidido e tenaz. O seu autôr, o illustre jornalista Medeiros e Albuquerque, hábil no desporto das testilhas diárias, era de certo uma das competências de menos monta no assunto, que de sua natureza requeria, a

(1) Até mesmo nos que tinham uma comprehensão mais téchnica da estructura organica do português, e nelle haviam estereotypado modelos verbaes duma belleza e graça desconhecidas, como o Padre Vieira, ha equívocos interessantes. — « . . . só mendiga de outras línguas os que são pobres de cabeças da nossa, tão rica e bem dotada como filha primogênita da latina, » escreveu o grande prégador. Sabidamente a primeira língua em que o latim vulgar se fixou, desdobrando-se, foi o antigo provençal. O português não é das línguas românicas a primogênita, e sim a penúltima que se organisou mail-o gallego. Como attestado de que aquella idea era geral, na época, — Cofr. CAMÕES, *LUSÍADAS*, C. I. est. 33; ANTÓNIO FERREIRA, *Coenas Lusitanos*, T. II, pg. 17, ed. Rollandiana; DUARTE NUNES DO LEÃO, *Orthographia da Língua Portuguesa*, C. IV.

(2) É de divulgado conhecimento, que os romanos victoriosos impunham aos vencidos o predomínio de sua língua vulgar. Assim, sob esse influxo, os dialectos evolveram repartindo-se nas seguintes formas typicas: na península Ibérica temos o português e o castelano; na Gália o provençal e o francês; na Suissa oriental, o ladino; na península itálica, o italiano; e o rumeno falado na bacia inferiôr do Danúbio. — O português, que teve fórma literária no século XII, sómente se desenvencilhou por completo do gallego, no início do século XIV.

par de fôrma literária no escrever exemplar e erudita, um vasto conhecimento da glóttica, um saber técnico.

Pareciam por de todo alheios ao digno e laborioso acadêmico estes predicados.

Ainda assim, o documento academical trazia no seu bôjo e circunvisinhança algumas excellentes disposições: eram porêm transplantações dos princípios simplificadoros e uniformizadores do eminente philólogo Sr. Gonçalvez Viana, que os havia ennumerado, de parçaria com G. de Vasconcellos Abreu, indianista emérito, nas *Bases da Ortografia portugûesa*, no anno remoto de 1885. Remoçou-os elle ao de novo, dispondo-os em método definitivo, numa applicação systemática, na sua obra mestra—*Ortografia Nacional*.

Não me quero tresmalbar numa crítica á reforma da Academia brasileira, que de sobejo está conhecida no muito de seus feios vícios e no pouco de suas virtudes, e principalmente no effeito negativo que a sua decretação veio patentear. A orthographia adoptada por essa assembléa literária não simplificou, tam pouco uniformizou a nossa escrita. E si a anarchia não foi completa, é que as leis que não são a synthese dos phenómenos homogêneos, observados na vida consuetudinária, morrem pela atrophia, perecem á indifferença da funcção que deviam exercitar.—Sob um ponto de vista geral, e que affecta a esthética da idioma portugûes, o projecto da Academia tentava proclamar o que já se chamou um *scisma prosódico*, aquem e alem-mar, na língua portuguesa.

Examinemos rapidamente os pontos de divergência entre as bases propostas pelo Sr. Gonçalvez Viana e o projecto da Academia brasileira.

O Sr. Medeiros e Albuquerque, homem de muito andar com o tempo, intende que o padrão normal da pronúncia portugûesa deve de ser o falar de brasileiros, ou especialmente, o falar de académicos. Juizo este, leviano talvez, e tanto quanto temerário.

As línguas não são engrenagens artificiaes. Cada uma é um organismo vivente como os da biologia. E os volapuques e esperantos, verdadeiras máchinas de falar, não passam de curiosidades infantis, exercícios de pessoas sem excessivas occupações. E assim é que se póde dizêr que o esperanto, por exemplo, está entre os idiomas naturaes, como um manequim entre criaturas vivas. Com essas línguas, que nem ao menos merecem o epítheto de *mortas*, pois que nunca viveram, já se poderia formar um outro *Museu Grévin*, de palavras e frases, plasticizadas em bonecas de cêra.

Está fóra portanto do poder discrecionário dum cenáculo de letras, ainda mesmo duma Academia, aferir ao seu talante da pronúncia de uma língua, sem attender á sua textura histórica, não tomando por modêlo o povo que a criou, e a vem disciplinando através dos séculos pela obra de seus

grandes e immaculados escritôres. Jamais se viu que dialectos fixassem a prosódia ou a syntaxe das línguas mãis (1)

O dialecto é um galho da árvore, não é a árvore: e só vive da seiva que as raízes desta absorvem no sub-solo fecundo da terra natal.

Ora a nossa língua é a dos nossos antepassados éthnicos, a dos nossos descobridores; só aos lusos cabe o dever imprescindível de dar-nos o modelo da pronúncia normal do português. As inevitáveis alterações de quantidade prosódica das syllabas, resultantes da transplantação do idioma para outro mêio physico, do influxo de outras correntes sociaes, nunca serão de molde a alterar a accentuação orthoépica da língua portuguesa na sua expressão phonética, que, differençando-a das demais línguas congêneres, a caracteriza num typo linguístico inconfundível.

Nem por amar "fingir grande negócio em conta de pouca tomo", mas sómente por impensado gracêjo, pode comprehendêr-se o seisma que quis abrir o acadêmico brasilês na nossa linguagem commum. A tão insólito rebate acudiu aliás, com vehemência e vividez, o erudito phonetista autôr do *Vocabulário Ortográfico*:

« Não convem pois generalizar-se a Portugal a reforma brasileira, quando contradiga, como dêste modo contradirá, factos glóticos próprios do reino, e que pertencem á história da língua portuguesa, nele desenvolvida: e nenhuma das considerações que na imprensa da grande e próspera República tem apparecido, com o intento de colocar o português de Portugal na dependência do português do Brasil, é plausível ou aceitável, mesmo no ponto de vista filológico, único que deve ser tido em consideração para o caso sujeito. Não o é, pelos mesmos motivos pelos quaes nem o inglês dos Estados-Unidos do Norte da América, nem o castelhano das várias nações de origem espanhola, estabelecidas em todo o continente americano, podem servir de pauta ou dar leis ao inglês ou ao castelhano da Europa. Sobre tam infundadas pretensões é conveniente que se tenha em attenção o que a tal respeito lucidamente expuseram Guilherme Dwight Whitney e Jorge Perkins Marsh com relação ao inglês, e Rufino Cuervo acêrca do castelhano, apesar de serem todos tres das primeiras auctoridades nesses idiomas, e todos tres americanos.

A ALMA MATER continuará a ser para o português Portugal, como para o inglês a Inglaterra, como para o castelhano a Espanha, enquanto estas nações subsistirem; e muitas, muitíssimas alterações e importantis-

(1) Aquelle lucidíssimo espirito que foi Herbert Spencer, affirmava, num interessante artigo, indignar-se: "com as corrupções que seu idioma nativo soffria na América." (*Faits et Commentaires*, trad. franc. p. 19).

—E mais particularmente, em referência ao que se convencionou de chamar *dialecto brasileiro*, escreve virtuosamente RUY BARBOSA: "Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de ALENCAR, e outros menores, o dialecto brasileiro, todas as mazellas e corruptelas do idioma que nossos paes nos herdaram, cabem na indulgência plenária dessa forma da relaxação e do desprezo da grammática e do gosto. Aquella formosa maneira de escrever, que deleitava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus tristes descendentes, o typo da inelegancia e obscuridade. Ao sentir de tal gente, quanto mais offender a linguagem os modelos clássicos, tanto mais melodia reúne; quanto mais distar do bom portuguis, mais luminosidade encerra."—RÉPLICA ÀS DEFESAS DO CÓDIGO CIVIL, pg. 181.



sima evolução hão de sofrer os três idiomas nos países onde eles se originaram, antes que esses países desapareçam politicamente da face da terra e do desenho dos mapas.

Nem é somente isto. Admitido mesmo num distante porvir esse aniquilamento, o espírito destas nações perduraria ainda por tempo incalculável: o latim universal era o latim de Roma, como o grego comum era o da Grécia, como o italiano literário é o da Toscana.

Sobre tais factos não há discussão possível, tam evidentes êles são. Se a Academia Brasileira apraz estabelecer um cisma ortográfico, o qual poderia evitar com uma razoável condescendência, que em nada influi nos princípios gerais e essenciaes da reforma, Portugal, por si, tem de manter-se no lugar que por herança lhe compete, como defensor do idioma pátrio que criou, illustrou e continua a illustrar e a cultivar». (1)

Aprovada que foi a reforma brasileira, a Academia a coordenou em regras que não traslado temendo alongar este breve escoreço (2).

Não viçaram, ao que parece, nem entre os immortaes, os preceitos exarados no decreto da Academia. Assim é que leio no *Jornal do Commercio*, o Sr José Verissimo annunciando, com notavel coragem, uma outra reunião dos acadêmicos, para reformar a reformação da escrita por elles hontem adoptada. —Foi por demais precoce a caduquez, pois nem durásio se mostrou o fruto.

Felicitemo-nos, todavia, por acto de tão alevantado patriotismo. Porque cada systema assim ordenado, numa mistura de sympathias individuaes, sem attender para as leis que regem e pautam a história da língua,—virá trazer maior confusão á anarchia reinante na escritura do portuguez, derramando no espirito de todos a incerteza, o desamor, até que se chegue a escrever diversamente uma dada palavra, sem que ninguem a haja escrito mal: Será então a época cacographica da língua portuguesa.



De tudo quanto se tem escrito seriamente sobre a simpleza orthographica, é o trabalho do Sr. Gonçalvez Viana o que apresenta maior probabilidade de êxito, pois o escritor em tudo se fez guiar, no desdobramento das bases de seu programma, pelo methodo histórico, á luz da evolução dos phenómenos da linguagem.

Em parte, esses princípios foram adoptados pelos philólogos e escritores portugueses. E o que de perto se referia á simplificação, foi mandado usar na graphia dos livros escolares de Portugal. Recentemente o governo portuguez nomeiou uma commissão para em definitivo resolver e ultimar o código fundamental dum systema orthographico para a nação.

(1) A. R. GONÇALVEZ VIANA, — *Vocabulário Ort. e ortoépico da língua port.* pg. VIII.

(2) V. *Revista da Academia brasileira de letras*, vol. I.—Cândido Figueiredo,—*A orthografia no Brasil*.

Da assembléa douta fazem parte: D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Gonçalvez Viana, J. Leite de Vasconcellos, Adolpho Coelho e Cândido de Figueirêdo.

Sôbre esse conselho de eruditos romanistas assim se expressa a autôra da *Infanta D. Maria*: « a reforma compete aos profissionaes que estudaram a língua historicamente. Em particular a Gonçalvez Viana, autoridade reconhecida dentro e fora do país, e que já lançou suas bases e ergueu o edificio ao qual só falta a corôa do reconhecimento geral!; em segundo logar a Cândido de Figueiredo, como vulgarizadôr excellentes; e para dirimir contendias, segundo as exigências pedagógicas, Adolpho Coelho.—Leite de Vasconcellos e eu, se não quizerem dispensar os nossos serviços, contribuiremos (penso eu) fixando a etymologia e traçando a história de vocábulo obscuros. »

Os preceitos fundamentaes que resumem o systema simplificadôr de Gonçalvez Viana são tres:

*I) Tudo o que se differença na fala, tem de sêr differenciado na escrita.*

*II) Todas as pronunciações legítimas devem ser representadas na orthographia comum para que a língua escrita seja uma só.*

*III) Todos os artifícios etimológicos, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão desterrados da escrita portugûesa, como contrários á sua expressão gráfica. (1)*

Do expósito synthético trasladado, se evidenciam as vantagens que trará á orthographia portugûesa essa uniformidade e simplificação. E já é tempo de volvermos á harmonia e singelez da graphia quinhentista, e pôr-se fim á desordem que ha seculos, e cada vez mais, desorienta os escritôres, mal-sinando desgraciosamente as nossas letras.—Garrett, nervoso e breve estylista, lamentava-se, pelo anno esquecido de 1829, da incongruência então dominante, nestes termos: « E' lástima ter que dar satisfacção sôbre orthographia: a ninguem mais succede isso senão a nós que tendo uma língua formada ha seculos ainda não podemos sair da anarchia orthographica em que vivemos. » (2)

Como é do triste conhecimento de todos, quasi um século decorrido após esta queixa, a situação das letras portugûesas, no ponto em que as nossas observações incidem, não mudou.

(1) Destes corollários saíram as dezoito regras onde estão encerrados os principaes phenómenos da escrita portugûesa, e que veem exaradas na *Orthographia Nacional*, p. 218 e seguintes

(2) *Da Educação*, pag. 8.

As tentativas visantes á simplificação abortam, ou nascem pouco vivedoiras pelo exagero e despropósito em que se extremam.

A experiência e a observação nos aconselhariam, de conseguinte, como princípio regente duma reformação gráfica, que desde logo se tentasse apenas expungir da escriptura as fórmulas bárbaras, (e que só recentemente vicejam na graphia), as letras ociosas, os grupos consonantais que, em identidade de função phonética, lidam em mais de uma expressão prosódica.

Julgo que o caminho mais certo e menos longo, embora isso requeira paradoxo, é não violentar, de vez, e ás súbitas, todos os hábitos, viciosamente inveterados, do uso geral. Ao envez de se conseguir applauso e reflexão de todos e de cada um, ha, ante tão inaudita violência, um natural movimento de repulsa e desapprovação. E' que «toda subita mudança causa turvação,» como la diz Jorge Ferreira de Vasconcellos.

Nesta esphera de conhecimentos, como nos da ordem esthetica, o decurso mais breve entre duas distâncias é a curva, que não a recta. A sinuosidade, a condescendência parcial com as costumagens de outrem, formam a lei da sympathia das idéas, que modifica, esbarronda e vence a muralha que a educação alevanta para impedir as conquistas das inovações, á hora da luta pela conservação dos velhos hábitos. Desse feitio e julgamento, comprehende-se que as remodelações parcelladas, sem excluir, porem, o exterminio de tudo quanto a sciencia demonstrou errado, dentro dum tracejamento geral, em que predominem os factores históricos da língua,—estão indicadas como único processo capaz de ultimar, em toda a geographia do idioma portuguez, a harmonia e simplicidade prática de sua orthographia.



---

---

*Em o nosso terceiro número continuaremos a publicação dos brilhantes estudos que o dr. Acyliño de Leão iniciou nesta REVISTA sobre a selecção natural na humanidade e evolução intellectual da espécie.*

---

---

# Hygiene social

Por ACYLINO DE LEÃO

## I

### Seleccção natural na humanidade

O homem (*Homo sapiens*) occupa o logar mais alto da escala zoológica, vindo após os lemúrios e os símios, na ordem dos primatas.

Alguma raça de macaco anthropomorpha hoje extincta, encontrando-se em um período de variabilidade dos caracteres específicos, engendrou filhos dotados de propriedades novas, imprevistas. Um d'elles, o primeiro homem, nasceu com um cérebro e uma intelligência muito mais desenvolvidos que os paes,—uma sorte de creança genial ou menino prodígio (Metchnikoff).

D'aí, ainda mesmo no estado mais imperfeito em que existe actualmente, qual certas tribus selvagens, ser o homem a fórma animal mais preponderante que appareceu na terra. Diffundiu-se muito mais amplamente que qualquer outro typo de organização elevada, cedendo-lhe todos o passo.

Essa immensuravel superioridade lhe advem de suas faculdades intellectuaes e volitivas, de sua mais apurada sensibilidade, dos hábitos sociaes que o inclinam a ajudar e a defender os semelhantes, e tambem, grandemente, á sua conformação corporal de bipede.

A suprema importância d'essas qualidades foi sobejamente demonstrada na decisão final do combate pela existência, que travou com todos os outros seres do planeta e com as condições do meio.

Pelo poder de sua intelligência desenvolveu a linguagem articulada, que se tornou o agente principal de seu notavel avanço. Engenhou diversas armas, instrumentos de cilada, de que se pôde servir para a defesa e para matar ou capturar a presa; construiu jangadas ou pirogas, que lhe permittiram entregar-se á pesca, e atravessar de uma ilha a outra mais fértil da vizinhança. Descobriu a arte de fazer o fogo, por meio do qual tornou comestiveis raizes duras e filamentosas, e innocentes depois da cocção plantas venenosas no estado crú.

Esses diversos inventos, que tornaram o homem tão preponderante mesmo no estado inferior, são o resultado directo do desenvolvimento de sua capacidade á observação, a curiosidade, a imaginação e a razão (Darwin).

Não obstante o poder intellectual, a vontade, o sentimento, e os hábitos sociaes serem no homem de uma importância predominante para o seu desenvolvimento como espécie, e como raças,—não se deve escurecer a vantagem da conformação somática.

Todo o mundo conhece a necessidade da prática nos serviços manuaes. O acto de jogar uma pedra com a justeza de que um Fuegiano é capaz, seja para se defender, seja para matar aves, exige a certeza mais consumada na acção conjuncta dos músculos da mão, do braço e da espádua, sem fallar do sentido táctil muito fino. Para talhar um silex e d'elle fazer o mais grosseiro instrumento, é preciso mão amestrada, como fazem notar os competentes: «... a arte de transformar fragmentos de pedra em facas, lanças e pontas de flecha denota uma habilidade extrema e uma longa prática» (Schoolcraft). Temos a prova d'isso no facto de que os homens primitivos praticavam a divisão do trabalho; nem todos faziam as armas de silex ou

a olaria grosseira; parece que certos sujeitos se dedicavam a esse gênero de obras, recebendo em troca o producto da caça.

Dos mammíferos, só o homem tem a postura erecta. Darwin assegura que se póde explicar, em parte, como adquiriu essa attitude vertical, que constitue uma das diferenças mais nítidas, das existentes «entre elle e seus vizinhos mais próximos.» O homem não teria jamais alcançado a situação dominante no mundo sem o emprego das mãos, instrumentos tão admiravelmente apropriados a obedecer á sua vontade. Mãos e braços, porém, não teriam nunca podido se tornar órgãos assás perfeitos para fabricar armas, atirar pedras e lançar com precisão, enquanto servissem habitualmente a locomover o corpo e supportar-lhe o péso, ou enquanto fôsem particularmente adaptados a permitir viver trepado ás árvores. Uma serventia tão rude embotava o sentido do tacto, de que dependem essencialmente os usos delicados a que os dedos se prestam nos meudos mesteres manuaes. Só essas causas teriam bastado para que a posição bipede fôsse vantajosa ao homem; há ainda, porém, acções que exigem inteira liberdade dos dois braços e da parte superior do corpo, o qual tem de, para esse fim, repousar firme sobre os pés. Para alcançar esse resultado mui proveitoso, os pés tornaram-se chatos e o dedo grande modificou-se particularmente, á custa, é verdade, de toda aptitude prehensiva. Em alguns selvagens, entanto, o pé não perdeu totalmente esse poder, servindo-lhes para apanhar objectos do chão e outras gymnásticas.

O cérebro augmentou de volume á medida que as diversas faculdades mentaes se desenvolveram. Essa opinião estriba-se no exame comparativo dos crânios das raças selvagens e civilizadas, dos povos antigos e modernos. O Dr. B. Davis provou por numerosas medidas exactas que o volume médio do cérebro nos Europeus é de 92,3 polegadas cúbicas; 87,5 nos Americanos; 87,1 nos Asiáticos, e somente 81,9 nos Australianos. Broca achou que os crânios dos cemitérios de Paris do século XIX eram maiores que os dos jazigos do século XII, na relação 1,484 a 1,426; e Prichard está convencido que os habitantes actuaes d'Inglaterra têm capacidades cranianas mais espaçosas que os antigos.

Nos estados primitivos da sociedade, os sujeitos mais sagazes, os que inventaram ou empregaram as melhores armas e armadilhas, e que melhor souberam defender-se, produziram a mais numerosa descendência. As tribus que possuíam a maior quantidade de homens assim dotados, cresceram e supplantaram as outras, do mesmo feitio que hoje os povos occidentaes conquistam e avassallam as gentes bárbaras.

A princípio, o número de habitantes dependeu dos meios de subsistência, e estes, em parte, da natureza physica do país, mas, em grau mais alto, das artes e indústrias que aí se cultivaram.

Se uma tribu conquistava uma região, além do accréscimo próprio, augmentava também pela absorpção de outras tribus vizinhas, de grau inferior.

Assim, é provavel que, nessas migrações e cruzamentos, as faculdades intellectuaes do gênero humano se fôsem gradualmente aperfeiçoando por selecção natural.

A hereditariedade, por sua parte, ia actuando, na transmissão das qualidades mentaes, de inclinações especiaes, d'hábitos, coragem, bom ou mau character, etc. Galton chega a afirmar que o mesmo gênio, que implica uma combinação maravilhosa e complexa de altas faculdades, tende a ser hereditário; d'outro aspecto, a loucura e demais desarranjos psychicos transmitem-se, igualmente, nas mesmas famílias.

Logo que os antepassados do homem se tornaram sociaes, o avanço da intelligência foi favorecido e modificado d'uma maneira importante pelo princípio da imitação, junto á razão e á experiência. Se um homem mais

astuto inventava um ardil ou uma arma nova, ou qualquer outro meio de ataque ou de defesa, o mais simples interesse levaria os outros a imital-o, e todos assim d'elle aproveitariam. A prática habitual de cada arte fortificava de certo grau a intelligência.

Se o novo invento era importante, a tribu, melhormente apercebida, augmentava de número, se expandia, e subjugava as outras. Em uma tribu assim numerosa havia sempre maior probabilidade em favor do nascimento de outros membros superiores e engenhosos.

As principaes variedades do gênero humano remontam a uma alta antiguidade. Encontram-se, nos mais antigos monumentos do Egypto, dois grandes typos distinctos, o Arabe a leste e a oeste do Egypto, e o Negro ao sul; o typo egypcio occupa entre os dois um logar intermédio. Esses typos predominam inda hoje no Egypto e nas regiões vizinhas. A respeito, Poole diz que, durante esse immenso espaço de tempo, não se encontra «que a menor mudança se tenha operado no Negro nem no Arabe, e o typo que parece intermediário entre elles ficou virtualmente o mesmo.» Tres mil annos não modificaram nenhum d'elles.

Mas é preciso saber que o tempo só, feita abstracção de toda mudança de condições exteriores, é incapaz de produzir uma alteração de typo. A adaptação a circumstâncias differentes é que é o grande móvel da divergência nas raças.

Posto que o tempo decorrido seja muito curto, já se póde notar que o Negro do Brasil, mesmo de raça pura, differe, physica e mentalmente, do seu antepassado africano, e dos seus actuaes irmãos de raça, que habitam a pátria originária. Diferenças notaveis entre o Americano e o Inglês, pesar da chegada continua de novos immigrants aos Estados-Unidos. Da mesma sorte, o typo hispano-americano distingue-se perfeitamente do castelhano; e o Brasileiro, inda mesmo de fonte puramente lusa, não se confunde com o Português d'Europa.

Há razões que permitem crer que as mudanças das condições exteriores ou, para melhor dizer, de país, produzem menos effeito hoje que outr'ora. No presente, quando os homens emigram, levam consigo os cómodos, usos e hábitos da vida civilizada; constroem casas semelhantes ás da mãe-pátria, a que estavam acostumados; conduzem rebanhos, acclimam, na nova terra, as principaes plantas que lhes serviam á alimentação. Se aí faz frio, cobrem-se mais, com sobretudos e roupas próprias d'invernia; se ha calor demasiado, como nas zonas equatoriaes, vestem-se mais levemente.

Não foi sempre assim. Quando o homem se espalhou pela superficie do globo, não tinha animaes domésticos, nem mesmo o cão, talvez; não conhecia a agricultura; suas armas eram as mais grosseiras e as casas apenas mereciam esse nome. Variando necessariamente de alimentação, de hábitos, de todo o conjuncto de sua vida natural, á medida que passava d'um país a outro, estava mais submettido á actuação das circumstâncias externas, e, segundo toda a probabilidade, mais susceptivel de mudança. E' o que assevera Wallace: emquanto o homem levou uma existência animal, esteve submettido ás mesmas leis, e variou talqualmente as outras creaturas; mas, com o tempo, pela faculdade de vestir-se e de fabricar armas e utensílios, elle arrancou á natureza esse poder que exerce sôbre todos os outros animaes, de mudar a fórma exterior e a estrutura.

Wallace exaggera porventura quando afiança que o homem não é mais influenciado pela selecção natural, e que seu corpo se tornou estacionário. Mudanças lentas e graduaes têm-se dado. As alterações não são talvez de maior vulto pelos entraves que os sentimentos moral e religioso trouxeram ao processo de selecção.

Entre os selvagens, os indivíduos fracos de corpo ou de espírito são promptamente eliminados, e os sobreviventes fazem-se d'ordinário notar pelo seu estado vigoroso de saúde.

Alguns praticam até a selecção artificial.

Quando um hottentote, homem ou mulher, não está mais, pela idade, em condições de trabalhar, e não póde prestar nenhuma espécie de serviço, bane-se da sociedade de seus semelhantes e relega-se numa cabana solitária, a consideravel distância do Kraal, com uma pequena provisão de víveres deixada a seu alcance, mas sem que ninguem o assista e lhe venha em auxílio, até que morre de velhice, de fome ou no dente de animaes ferozes (Kolben). E, quando uma mulher dá á luz dois gêmeos, o mais mal conformado é quasi sempre exposto ou enterrado vivo.

Na América do Norte, os Siús, Assiniboines e outras tribus ribeirinhas do Missouri, tinham o costume de abandonar aquelles que a idade e a doença punham na impotência de seguir os caçadores (Lubbock).

Muitas tribus de índios pelles-vermelhas, que actualmente estão repellidas na concorrência vital pela preponderância do branco, a despeito da mais heroica resistênciã, devem a grande força corporal e a valentia guerreira a uma escôlha minuciosa dos recém-nascidos. Lá, todas as creanças debeis ou mal conformadas são mortas; só os indivíduos perfeitamente robustos ficam para perpetuar a raça (Haeckel).

Já em povos civilizados, os Espartanos fornecem um exemplo de selecção artificial applicada ao homem. Em virtude d'uma lei especial, as creanças soffriam, logo após o nascimento, um exame rigoroso. Todos os que fossem fracos, doentes ou aleijões eram mortos. Somente os infantes hygidos e robustos tinham o direito de viver, e só elles, mais tarde, se reproduziriam. Por esse meio, não somente a raça lacedemónia se mantinha num estado excepcional de força e de vigor, mas ainda, a cada geração, ganhava em aperfeiçoamento corporal. Seguramente, foi a essa selecção artificial que o povo de Esparta deveu esse alto grau de energia viril e de rude virtude heroica pela qual se assignalou na história da antiguidade (Haeckel).

Compreende-se que os povos occidentaes, educados sob o influxo da moral do christianismo, não possam praticar semelhante selecção. Ao contrário, as gentes civilizadas fazem todos os esforços para suste a marcha da eliminação natural: constroem-se asylos para os alienados e para os mendigos, hospitaes para os enfermos; desenvolve-se a maior sagacidade por conservar quanto se possa a vida de cada um, mesmo dos inúteis, e dos nocivos sociaes, como os criminosos. Nesse tentame conservador a medicina tem tido o papel predominante.

Mas a medicina contemporânea, assevera Haeckel, por mais aperfeiçoada que esteja, é ainda muita vez impotente para curar radicalmente as moléstias; está, entretanto, mais do que outr'ora, em condições de fazer delongar as affecções lentas, chónicas, por dilatados annos.

Precisamente, as moléstias d'esse género, — a tuberculose, a syphilis, a lepra, a gôtta, e tambem numerosas degenerações mentaes e psychoses—, são especialmente transmittidas por contágio ou herança, e passam dos paes doentes a uma parte, ás vezes á totalidade de seus filhos. Estes, por sua vez, podem ir, na escola, ou alhures, contaminar os companheiros saos.

A selecção militar, agindo d'outro modo mas na mesma directriz, concorre tambem contrariamente á melhora das raças.

Para compôr os exércitos escolhe-se, por um sorteio rigoroso, todos os moços sadios e robustos. Quanto mais vigoroso fôr um homem, mais bem constituido e são de corpo, mais probabilidades tem de ir morrer no campo de batalha. Oppostamente, os jovens debeis, doentes, eivados de taras phy-

sicas, são desdenhados pelo seleccionamento militar, ficam em paz enquanto os outros vão á guerra, casam-se, reproduzem-se á vontade. A flôr da juventude pátria vae perecer em combates sangrentos, para crear a lenda dos heroes; o rebotalho humano, a escória refusada fica, sem competidores, beneficiando de sua inferioridade, a proliferar e a transmittir aos descendentes todas as fraquezas, todas as taras, toda a sua organização enfermiza.

Foi porventura pela selecção militar que a França deveu á águia napoleónica, ao mesmo passo que o ácme de seu esplendor guerreiro, o início de sua decadência.

Hispanha e Portugal estacionaram devido ás suas conquistas. Para tomar posse das novas terras, em briga com os naturaes, perderam gente mui esforçada e valente. Sem excesso de população, o país ficava desfalcado com a leva contínua de emigrantes. Se, em comêço, fôram galês e marafonas a povoar os mundos descobertos, logo após a ambição de riquezas, as lendas do Eldorado dirigiram para as regiões americanas os homens mais corajosos, enérgicos e emprehendedores.

A respeito da Hispanha (e quiçá de Portugal), Galton torna a questão mais complexa. Nesse periodo, quási todos os homens distinctos, que se entregavam á meditação e á cultura do espirito, não tinham outro refúgio senão a Igreja, que, exigindo o celibato, exercia uma influencia das mais funestas sobre cada geração successiva. Foi durante essa época que a Inquisição procurou, com extremado desvéllo, para queimar ou prender, os sujeitos mais independentes e animosos. Só na Hispanha, homens que faziam parte do escól da nação, — os que interrogavam e duvidavam, pois sem a dúvida não ha progresso —, fôram eliminados durante três séculos á razão de um milhar por anno.

Apesar, porém, desses tropeços, a Europa progrediu extraordinariamente, sobretudo em organização social e cultura intellectiva, pelo maior diffundimento da instrucção, pelo estudo methodico da sciência.

O grande principio da selecção natural, que, nos animaes, affecta o corpo, influe no homem principalmente sobre o espirito; nosp rimeiros, tende á conservação da vida, no segundo ao avanço da intelligência, ao refinamento da sensibilidade, á firmeza dos actos volitivos. D'aí, segundo as expressões de Herbert Spencer, decorreu « um progresso constante para um grau mais elevado de habilidade, de intelligência e de moralidade — uma, melhor coordenação de nossas acções —, uma vida mais completa. »

Pelo desenvolvimento intellectual, o homem desvendou os arcanos do céu, estudando as estrellas; soube o que eram o trovão e as tempestades; decompôs e recompôs a água, que bebia, e revelou a complexa mistura do ar, que respirava; percorreu a terra em superficie e penetrou-lhe as camadas formativas; conheceu floras e fáunas diversas, minuciando-as e coordenando-as; forjou dogmas, codificou leis, fez o livro para a perpetuação do pensamento; inventou os recursos e commodidades da vida civilizada, tornando-se feliz physicamente; recuou as fronteiras do desconhecido e aproximou-se da verdade, creando assim a sciência, fonte do bem e do prazer espiritual. « Passar seu tempo, diz lord Brougham, a estudar as sciências, a aprender o que outros descobriram, e a recuar os limites dos conhecimentos humanos, é o que, em todas as épocas, foi considerado como a mais nobre e a mais agradável das occupações humanas... » A sciência « torna a vida não só mais agradável, porém mais útil, e um sêr racional é obrigado, por todos os motivos de interesse e de dever, a dirigir seu espirito para as pesquisas que conduzem tão seguramente á virtude como á felicidade. »

Pela evolução de sua sensibilidade, nasceu no homem o sentimento esthético, que creou a arte. A emoção esthética, que « teve sua origem em



um supérfluo de vida, em uma actividade de luxo», é o distinctivo sublime da humanidade. Os animaes inferiores estão encerrados em um círculo estreito: nutrir-se, defender-se, dormir e propagar a espécie. O homem, que pelas suas descobertas se pôs a cavalleiro das necessidades elementares, pôde abandonar por momento o trabalho rude da vida, e dar livre jogo á intelligência e á imaginação. Nessa «libertação momentânea», creou a architectura, a estatuária, a pintura, a música, a poesia: d'aí, maior aproximação social, pela sympathia artística: melhor culto á virtude, porque as más acções são feias: e, sobretudo, o summo prazer e a summa felicidade, que dá a contemplação da belleza.

Na systematização dos actos volitivos, encontrou o homem o meio material de se impor á natureza toda. Ao poder de sua vontade cederam os outros animaes, e elle se tornou o rei da criação. O selvagem, voluvel como as creanças, não tem ainda a tenacidade do querer; mas as raças civilizadas demonstram a sua fortaleza justamente por essa união de esforços sustentados, a que as nações fracas têm que ceder: foi assim que o branco conquistou e povouou a América e ora conquista e povôa o continente africano.

O mesmo em relação aos individuos. Não vencem somente, na concorrência vital, os que têm mais vigor physico ou clarividência d'intellecção, mas principalmente os pertinazes, os que se não deixam abater pela desillusão ou a desesperança, mas continuam, impertérritos, firmes, na certeza da victória de amanha.

Ao mesmo passo que se desenvolve a intelligência pela cultura, e se educa a sensibilidade pelo exemplo da virtude e pelo visionamento da belleza, amestra-se a vontade pela acção.

Agir é viver, não só a vida vegetativa, que é o constante movimento das transformações orgánicas, mas a vida de relação com o mundo externo, com os outros seres, com os mesmos semelhantes, fixando a consciência de sua personalidade na lucta pela existência.

Nisso estão seu valor e seu prazer, pois que, na palavra de Eça de Queiroz, o homem só vale pela vontade, só no exercicio da vontade reside o goso da vida, porque se a vontade bem entendida encontra em torno de si a submissão — então é a delicia do domínio sereno; se encontra em torno de si a resistência — então é a delicia maior da lucta interessante.

---

BIBLIOGRAPHIA—Darwin, *Origem das espécies, Variação dos animaes e das plantas, Descendência do homem*.—Haeckel, *História da criação dos seres organizados*.—Lubbock, *O homem prehistórico*.—De Quatrefages, *Homens fosseis e homens selvagens, A espécie humana*.—De Lanessan, *O transformismo*.—Metchinikoff, *Estudos sobre a natureza humana*.—Ed. Perrier, *Tratado de Zoologia*.—R. Perrier, *Zoologia*.—Aubert, *História natural dos seres vivos*.—Ribot, *Psychologia dos sentimentos*.—Payot, *Educação da vontade*.—Eça de Queiroz, *A illustre casa de Ramires*.



# Formações Deltáicas

## O DELTA AMAZONICO

Por ALFREDO LAMARTINE

Não ha, entre os cursos d'agua que irrigam a Terra, um só com as proporções e as singularidades do Amazonas. Todos os grandes rios do mundo correm do norte para o sul e vice-versa, a começar pelo Mississipi, para não sahir da America. Assim o Nilo, assim o Lena, assim o Ganges. Só o Amazonas corre do occidente para o levante. Aqui, porem, não é nosso intuito estudar esse admiravel mar doce do Brasil, no seu desdobramento para o oceano, desde as suas nascentes andinas de Tarma; apenas, a parte que diz respeito a seu Delta.

As formações deltaicas são resultado, principalmente, do trabalho dos rios através de sua bacia; mas, para que se operem, condições outras são indispensaveis. Os varios elementos alluviaes em suspensão na massa da corrente, o limo, os detricos vegetaes etc, constituindo o blóco embryão da futura *terra*, só se depositam, nessa direcção, mediante um concurso de circumstancias particularissimas, na zona em que se delimita a agua do rio d'agua do mar. Nesse ponto, realiza-se o precipitado das alluviões, pelo desequilibrio de densidade entre as duas massas liquidas—a doce e a salsa. Isto é uma regra geral para o typo commum dos rios, de que são exemplo os quatro já indicados, quer o delta se constitua directamente sobre o mar, quer intra-estuario. Assim, portanto, não haverá possibilidade de formação deltaica regular sem a concomitancia das seguintes condições:

- I que a massa alluvial transportada pelo rio seja abundante;
- II que as correntes maritimas litoraes não sejam violentas;
- III que o mar na fóz da corrente fluvial seja pouco profundo;
- IV que o regimen de marés seja regular, moderado, normal; isto é, sem notaveis oscillações, como as que se verificam em certos pontos do globo, operando, como elemento perturbador do fundo do mar (1).

Se examinarmos o que ha de verdade na letra das quatro condições acima postas, resultado de demoraças e pacientes

(1) G. LESPAGNOL—*Géographie Générale*, pag. 338

observações científicas, chegaremos á conclusão de que o que ahí se affirma é, de facto, axiomático. Os grandes rios que citamos no começo destas linhas e que offerecem o typo normal na formação deltaica, embora estas affectem formas diversas—no Nilo e no Lena—triangulos de bases convexas—, no Mississipi—mão espalmada ou pé de gallinha—, no Ganjes—tubos juxtapostos—, todos elles transportam desde as fontes—grandes lagos na Africa e nos Estados-Unidos, degelo nas montanhas da Siberia—, chuvas equatoriaes e influencia das geleiras no Hymalaya—, espantosas alluviões para tributo do Mediterraneo, do Mar de Nordenskjöld, dos Golphos do Mexico e de Bengala, no Atlantico e no Indico. As costas destes recipientes maritimos são baixas, semeadas de lagunas, obstruidas por bancos de vasa e areia; pouco profundas as aguas marinhas; quasi nulla a acção das correntes littoraes; regularissimo o regimen de marés, não se conhecendo grandes oscillações, que distanciem extraordinariamente a prea-mar da baixa-mar, como soe acontecer na costa americana do Pacifico ou em certos pontos do litoral japonéz.

Em relação ao Amazonas, todas as condições essenciaes á formação dos deltas concorrem em proporções mais gigantescas que em qualquer outro valle do mundo. Mas, como o mediterraneo das florestas brasileiras do septentrião, verifica-se uma serie de factos só a elle peculiares, de modo a tornal-o um typo aparte nos systemas hydrographicos do planeta. Antes de chegar ao oceano, o Amazonas desemboca n'um mar interior, que é seu vastissimo estuario, com um volume collossal de 250 milhões de metros cubicos por hora e numa velocidade de trez milhas. E' com esta despesa estu- penda que elle sae para o Atlantico, produzindo um tumulto sem igual e no seio do qual todos os phenomenos são de uma característica e violenta dinamica indescriptivel. Ante a potencialidade de sua massa, alimentada pelo degelo dos Andes, pelas chuvas torrencias do Equador e por uma centena de affluentes, quasi tão extensos como elle, o oceano recúa em hemicyclo, em sua fóz e as duas massas—o glauco e o flúmen—repellem-se chocam-se, penetram-se, invadem-se, gerando uma fronteira de neutralidade, onde as materias alluvionicas transportadas, ou são refluidas intra-estuario pelas marés de enchente, ou são divergidas, tangencialmente, já pela propria impulsão do rio, já pela influencia da corrente maritima nord-equatorial, que, regressa das Canarias para o circuito das Pequenas Antilhas, se incorpora ao Gulf-Stream, através da costa brasileira. (1) Esse material divergente, de formação deltaica vae-se depositando lentamente ao longo do litoral que se desdobra do cabo Norte ao Oyapok e mesmo

(1) *La Mer*—M. F. Maury pag. 174.

adiante, constituindo uma extensa faixa de vasa, detrictos vegetaes e areia, que, dentro de poucos annos, formará uma importante accessão territorial sobre o mar, á feição da que o Pó—typo do rio trabalhador—incorporou á Italia entre Ravenna e Veneza, no periodo historico (1). Nesse trecho da costa brasileira, espaço que se interpõe da terra firme ao mar navegavel por navios de pequeno calado, linha do Amapá, as accumulações alluviaes são tão espantosas que os navegantes, de Belem ao Oyapok, não conseguem avistar a floresta, nem della se approximar, senão por um pequeno numero de canaes meio obstruidos, porque só é accessivel a barcos e canôas de diminutas proporções.

Acerca das alluviões amazonicas, trez factos podem ser facilmente constatados: a) uma parte dellas é refluida pelas marés intra-estuario; b) outra, dispersa ao longo da costa brasileira do septentrião; c) a terceira conserva-se em suspensão na massa da corrente amazonica, como uma consequencia do tumulto entre o rio e o mar. Mas, não são levadas á formação de outros mundos, como n'uma rapida visão, julgou Euclides da Cunha, quando penetrou o grande rio (2), talvez, que inspirado em Reclus, que chegou á arrojada affirmativa de que o delta amazonico não se encontrava no Brazil, mas nas costa baixas da Georgia e da Carolina do Sul—Estados-Unidos!

Ora, é sabido que a obstrucção crescente das costas destas regiões é resultado da desaggregação das rochas dos Apalaches, de onde fluem vertiginosamente, através do plano inclinado dos respectivos territorios, innumerous cursos d'agua para o Atlantico e o Golpho do Mexico, transportando continuamente a massa terrosa da vertente dessas montanhas, de onde derivam, para o tributo das aguas marinhas. As montanhas tendem a ser transportadas pelas aguas fluviaes para os oceanos e os mares interiores, como disto poderíamos dar aqui frisantes exemplos, se outro não fôra nosso rumo. Os rios são formidaveis agentes modificadores da superficie.

Não é, conseguintemente, exacta a observação de Reclus, a que Euclides da Cunha naturalmente se reportou; isto é, que as alluviões do Amazonas sejam conduzidas á constituição de outros mundos; pelo contrario, ellas agglutinam-se ao nosso proprio continente pelas maneiras e causas diversas que deixámos patentes. De sorte que concorrem para a formação deltaica do grande rio, intra-estuario, e para o accrescimo da costa do norte, n'uma accessão proxima, cuja physionomia já é, por assim dizer, visivel, em suas linhas geraes. Do pri-

[1] M. FALLEX E A. MAIREY—*L' Europe*, pag. 550.

[2] E. DA CUNHA. *A margem da Historia*.

meiro caso é prova evidente o archipelago que semeia o rio, entre a ilha de Marajó e a margem septentrional, a regularisação do contorno dos blocos antigos desaggregados da orla continental, como os de Marajó, Caviana e Mexiana, a constituição de novos tractos insulares, uns já cobertos de vegetação, outros afflorando á superficie das aguas, outros ainda em formação. O que vimos de affirmar constitue um facto que palpita aos olhos de todos, claramente, e delle já nos haviam dado noticia, R. Wallece (1) e o proprio Elisée Reclus (2); como tambem, em 1860, Emile Carrey, de passagem pelo Pará, rumo da Guyana Franceza. Fallando do Amazonas, das suas ilhas e seu delta, diz Carrey que o rio, sobretudo na fóz, está cheio de destroços vegetaes e innumerous bancos de vasa molle com tendencias a fixação, pois, á pequena profundidade se encontra terra mais consistente em que parecem repousar; que a ilha de Marajó ou de Joanes é, antes, um immenso *delta* que uma só ilha, tal é o numero de ribeiros que a cortam e os grandes depositos de vasa accumulados pelo refluxo das grandes marés (3).

Recentemente, o dr. J. Huber constatou que os varios elementos alluviaes caminho do mar não cessaram de se depositar desde a zona dos *Furos de Breves*, onde varias ilhas de formação recentissima vêm de emergir, e cujo perfil, apenas velado por uma vegetação nova, o com petente profissional apanhou em chapas photographicas (4).

E' um facto incontestavel, portanto, que todos os tractos insulares que se interpõe na corrente amazonica da fóz do Xingú, acima da qual muito sensivel é ainda a influencia das marés (5), até ao mar, são de formação deltaica, exceptuados os nucleos reconhecidamente antigos, sob o ponto de vista geologico, desdobrados pelas alluviões. E, se todo esse amplo estuario que, lenta e imperceptivelmente, vae sendo povoado de novas insulas já não constitue uma grande extensão territorial, accrescida ao continente, é que a isto se oppõe, de alguma forma, o tumulto do rio, no seu encontro com o mar, determinando phenomenos unicos e importantes, como o da *poróróca*, observado entre Macapá e o Cabo do Norte, onde a bocca septentrional do Amazonas é estreitada pela massa de um pequeno archipelago, fóz do Araguay. Ahi, nos dias mais proximos do novi e do plenilunio, o mar attinge a maior altura em alguns minutos apenas. Passada a vasante, ouve-se, á distancia de oito kilometros, um mugido que annuncia a vi-

(1) *Narration of Travels on the Amazon and Rio Negro.*

(2) *Estados-Unidos do Brazil. Geog., Ethnog., Estatisc.*—56—

(3) E CARREY—*Sous L'Equateur*, pags. 15—96

(4) *Boletim do Museu Goeldi*, tom. III, pags. 447—498

(5) E WAPPEUS—*Geographia Physica do Brazil*, pag. 73

sinhança do phenomeno (1). As ondas, então, assumem proporções de cathedraes, como no litoral nipponnez, em occasião de temporal; e subindo e erguendo-se n'uma furia glauca contra a massa da corrente fluvial, domina-a, investe a terra, penetra os canaes e tudo destroe e tudo devasta e tudo aniquilla. e, quando o mar volve á serenidade dos dias intermedios das duas phases diametraes do satellite, dir-se-ia que um temporal varreu as costas, que os canaes soffreram potencial drenagem, tal é o spectaculo, que a terra e as margens offerecem ao olhar do espectador, após essa revolta das aguas marinhas contra a provocação do rio.



## A Philosophia no Brasil

Por R. MOREIRA DE SOUZA

As nações aspiram e realizam a *felicidade*.

Ha uma phase, no tempo, em que a nação attinge um estádio superior, que é a consciencia da grandeza. A segurança das proprias forças envolve-a n'um manto de serenidade em face de outros povos; e o povo, que a compõe, frúe do bem-estar politico que a organiza internamente. Sem cessar a lucta peculiar á vida collectiva, uma harmonia superior a resguarda e domina; ella se expande n'um immenso cantico de triumpho, que se traduz nos deslumbramentos da visão scientifica e das visões estheticas.

Este singular estádio eurythmico, de que a Grecia antiga representa a maior perfectibilidade, é a felicidade das nações. Das nações modernas muitas possue-no em maior ou menor grau; outras aspiram-no, apenas, como os individuos que se nutrem de esperanças.

O cultivo da philosophia, desdobramento aperfeiçoado da intelligencia, surde nas eras de grandeza dos povos, e espêlha uma das feições da sua vida eurythmica. No Brasil, um exame, através do pensamento actual e do passado, revela a inexistencia da cultura philosophica. O factó é tangivel na infecundidade em que se esvae a nossa vida scientifica. Seguramente, si existe uma cultura intellectual

(1) E. WAPPEUS, *obr. cit.*

superior, ella deve influir nos espiritos, de maneira a produzir creações originaes. Em nosso paiz as agitações sociaes ou politicas, demasiado intensas, ensobréam os éstos da vida espiritual, e entravam a sua repercussão. Nutrino-nos, apenas, da esperanza de attingir a felicidade.

A nossa primeira educação intellectual foi theologica; ao clérigo coube o destino de, ainda em colonia, familiarizar-nos com a sciencia. Até os tempos monarchicos era grande a influencia da educação sacerdotal; cuidando o Estado de ministrar directamente a sciencia aos cidadãos, resentiu se, por muito tempo, o ensino philosophico da impregnação da theologia. A igreja proclamou a doutrina de S. Thomaz a verdadeira doutrina. E no collegio D. Pedro II transfundia-se a ordenação papal no programma e no ensino da cadeira, o que era a consequencia da adopção pelo Estado de um culto religioso.

Fechado o cyclo medieval, avançado o conhecimento até Kant, o destino da escolastica era de debater-se entre as ideias da philosophia, cuja aurora de renascimento teve o seu primeiro clarão no *cogito* de Descartes (1). Entanto, o predominio da escolastica não foi sinão uma causa secundaria no fraco evoluer do nosso pensamento. Si um centro de cultura elevada surdisse d'entre nós, as ideias transbordantes offuscariam a doutrina estratificada da mediocidade. A causa primacial fôra o proprio caracter da instrucção em geral, e o ensinamento, n'um nivel sempre inferior, de uma doutrina tão insigne como a philosophia.

Os sacerdotes catholicos que a professavam eram, em regra, seres desvalidos de uma intelligencia superior. De observações colhidas em 1865 e 66 um grande sabio nos dá precisa noticia da qualidade desses homens: « il n'existe point au Brésil une classe de prêtres laborieux, cultivés, comme ceux qui ont fait l'honneur des lettres dans l'ancien monde; on n'y trouve aucune instruction d'enseignement d'un ordre élevé se rattachant à l'Eglise; en général, l'ignorance du clergé s'étend à tout; son immoralité est patente, son influence étendue et profondément enracinée. Sans doute il y a des exceptions honorables, mais elles sont en trop petit nombre... » (2)

Tobias Barreto define o valor da cultura philosophica nos tempos monarchicos. A philosophia, diz elle, nada mais era que o nome de um preparatorio, e vehiculo, como tal, para admissão nos cursos superiores. « Fôra disto, continúa, ninguem ha que se interesse, que tome ao serio qualquer esforço de applicação e cultura philosophica. O ensino dessa disciplina, publico ou particular, é uma cousa misera, e frivola em sua miseria. » Em seguida o jurista brasileiro refere-se

(1) DESCARTES reconheceu a realidade do eu pela realidade do pensamento. E' o ponto de partida da sua philosophia: *cogito, ergo sum*.

(2) M. ET M.<sup>me</sup> AGASSIZ — *Voyage au Brésil abregé sur la traduction Vogeli por J. B. de Launay*. pags. 246, 247.

ao Collegio Pedro II, e ás suas palavras junta uma nota interessante, sobre o seu amigo e companheiro de propaganda das novas idéias. «E' preciso entretanto observar que n'essa epoca (1874) o Collegio Pedro II não contava no seu corpo docente o insigne talento de Sylvio Roméro, que é alli presentemente professor de philosophia. Mas tambem aproveitou a occasião para dizer que Sylvio Roméro mesmo ainda me serve de prova do nenhum valor que tem no Brasil os estudos philosophicos. A influencia mesologica foi perniciososa ao illustre professor. Reconhecendo a impossibilidade de uma reaccção benefica elle viu-se obrigado a ser *retineiro*, a ensinar somente pelo esterilissimo programma da philosophia official. O resultado era inevitavel: das materias que elle cultivava é hoje a philosophia a que talvez menos preoccupa o seu elevado espirito.» (1)

As velhas idéias ensinadas no Brasil deveriam soffrer o embate de modernas theorias materialistas que floresciam na Europa, e cuja eclosão era uma consequencia natural do empirismo apregoado e usado, sem treguas. O methodo experimental operou um movimento tendente a evidenciar, como doutrinas definitivas, certas idéias que se encontravam nas primeiras manifestações da philosophia, ainda na confusão inicial da mythologia grega. O evolucionismo, a explicação da vida por uma transformação do chãos primitivo, a vasa do oceano produzindo os primeiros seres organicos; estas noções deviam resurgir expontaneamente já sem o manto mythico, e servindo já para combate da theologia, com o desenvolvimento do methodo experimental e com o fructo das suas pesquisas, que accentuaram o conceito da substancia como inherente á materia, tornando-lhe equipollente.

Foi immenso o progresso do empirismo dando lugar á apparição de novas sciencias, e a sua fecundidade fez vêr o pensamento do passado como inferior e desprezivel, e o maior merito, que nem todos lhe reconheceram, foi de ser visto como transitorio e como preparo para as procuras em que se absorvia o espirito na região da Physica.

Este movimento deveria chocar-se, pouco a pouco, com as nossas idéias escolasticas. A divulgação das theorias experimentalistas fez-se, de accaso, rapidamente, pela propaganda de dois professores, que lançaram n'um maneirismo intransigente, de encontro a nossa apagada cultura, as novas doutrinas—positiva, evolucionista, monista,—aspectos varios em que se desdobrou o materialismo.

Diante da nossa immobilidade scientifica Tobias Barreto era um agitador de idéias. A critica deve nelle ver mais a realidade da influencia que das obras. Estas são fragmentarias, colhidas nos pensadores allemães mais recentes, e incadas do proposito de encerrar a sciencia franceza e ingleza como inaceitaveis ou mediocres. A conquista a mais directa de sua propaganda foi a reforma do pensar juridico nacional pela vulgarisação das idéias da escola de Rudolf Von Ihering.—A' acção de Tobias Barreto seguiu-se a de Sylvio

(1) *Estudos Allemães,—Recordação de Kant. pag. 511.*



Roméro, que sobrevivendo á epoca revolucionaria guardou a maneira da reacção em que se iniciara propagandista.

A fraqueza da cultura existente facilitou a tarefa dos modernizadores. Além das falhas e insufficiencias do professorado, a escolastica fazia depender os phenomenos da emanação divina; estacionaria, tolhia a liberdade de pensar. Ella creara, d'esta arte, nma situação apathica de differença. Os espiritos passaram a dessedentar-se nas fórmulas dos modernos principios. Dahi por diante elles começaram de representar as mesmas certezas, e esta convicção, para muitos, não significava senão a liberdade de pensar, adquirida por uma graça surprehendente.

A propaganda completou-se pela divulgação dos livros estrangeiros. As theorias materialistas são, sem duvida, mais susceptiveis de popularidade, e mais facilmente moldaveis á literatura. Um historiador eminente observa que Büchner agia sobretudo, por um estylo claro, agradável, cheio de verve «Cette litterature, accrescenta, a surtout du mérite à cause de sa tendance vulgarisatrice. Elle a repandu dans le grand public une quantité de connaissances (1)»

Os principios reaccionarios, em breve, dominaram a educação intellectual. O movimento não influira para crear-se um maior culto, que d'antes, á philosophia. Contra ella, ainda, as novas theorias eram de natureza a reagir, pois que um dos fins do positivismo era a extincção da *metaphysicã*. Asssim a mudança de regimen politico, que se fizera sob o influxo da orthodoxia positivista, acarretou reformas do ensino publico, em que desapareceu o estudo da philosophia. Apenas a logica figurou ainda nos programmas officiaes, até que a ultima reforma fêl-a desaparecer. (2)

Do estudo da logica não ha fructo apreciavel; sem duvida elle participa dos defeitos do ensino, accentuados no regimen republicano. O snr. José Verissimo dá uma noticia fiel do estado da instrucção em nossa epoca, que fóra da letra dos programmas, tem o estorvo de óbices desorganizadores. (3) Nos tempos monarchicos, escrevia Agassiz, a educação intellectual no Brasil era mais uma tendencia que um facto (4); em nossos dias a observação do sabio naturalista continúa a exprimir a verdade.

Não só nos programmas officiaes, mas, na realidade, o ensino da philosophia desapareceu inteiramente. Os dois professores propagandistas não eram philosophos; nenhum d'elles seguia uma ordem methodica de ideias, ou abraçou decisivamente uma única doutrina. Os problemas philosophicos não entram nas suas cogitações, limitadas ás theorias materialistas. O snr. Sylvio Romero declara que «o seu sys-

(1)—HÖFFDING—*Histoire de la Philosophie moderne* vol. II, pag. 523

(2)—O Conselho Superior de Ensino recentemente reunido, pela primeira vez, deliberou que entre os estudos exigidos no exame de admissão dos cursos superiores, constem a psychologia e a logica, divergindo do programma traçado pelo governo para o Gymnasio Pedro II.

(3)—A Educação Nacional—Prefacio da 2ª edição.—

(4)—Ob. cit., pag. 246

tema philosophico reduz-se a não ter systema nhenhum, porque um systema comprime sempre a verdade.»

A renovação das ideias deixou-nos na penumbra do materialismo. O theologismo foi abandonado e a nossa sciencia concentrou-se n'uma sorte de ecletismo já existente nos modernizadores. Tobias Barreto e o proprio snr. Sylvio Romero combateram o positivismo. Este alvejou principalmente a manifestação religiosa que se implantára no Brasil. Mas a orthodoxia positivista, inspirando curiosidade para o estudo do eminente pensador que foi Augusto Comte, é de pouco interesse para a sciencia. Os renovadores parecendo repudiar o positivismo adoptaram-no como base nesma de suas doutrinas, e além d'ella não conseguiram elevar-se. Pode-se comtudo vêr um vago desprendimento em Tobias, que não chega á consistencia palpavel.

Esse ecletismo dominante é uma associação do positivismo, do spencerismo, e do haekelismo, espécie de ultra-darwinismo. O positivismo é a base desta theoria, pois que elle representa a systematisação do saber sob o criterio do methodo experimental, de que Bacon foi o porta-voz. O spencerismo, como doutrina realista, e o darwinismo são applicações do empirismo, adaptado á necessidade de crear uma explicação da existencia do mundo, e da vida humana.

Esta sciencia empirica é restrictiva. O espirito naturalmente tem necessidade de transpor os limites ferreos que se lhe impõem por uma visão erronea das cousas. A redução empirica é a coacção do proprio pensamento e vae até o ponto de ser o corte, a mutilação das suas asas, de modo a fazel-o analogo ao automatismo mechanico. Ha uma grande somma de ideias moraes, estheticas, religiosas, que logo á primeira analyse fogem e escapam á regularidade material em que se pretende encerrar o espirito.

A concepção empirica leva a existencia humana á esterilidade circumscrevendo-a em horizonte inquietante. O seu triumpho, si é possivel constatal-o, não perdura, e debate-se de encontro a uma força mysteriosa e profunda, semelhante a uma muralha inaccessivel, cuja materialidade não se presente.

Em nosso paiz a educação necessita da mais poderosa das reacções para o espirito attingir inteiramente a sua dignidade. Depurada dos defeitos, vencidos os estorvos que empecem a sua applicação, deve ser culminada por uma verdadeira cultura philosophica. A essa reacção está ligado o exito do futuro; della dependerá a completa rivalidade dos nossos habitos moraes, transcorrentes de uma colonisação desordenada e aventureira, cujos effeitos se reflectem em nossos dias como sequencias de causas afastadas. A nossa vida moral tem sido quasi exclusivamente politica, e assim como surgem alguns homens, de quando em vez, que tocam a mesma genialidade, nos embates da vida publica, uma cultura superior produzirá grandes êspiritos, capazes de ministrar os ensinamentos, que busca em vão a nossa intellectualidade. Os espiritos são naturalmente perfeitos; empobrecem-nos e corrompem-nos, muita vez, causas physicas que lhe tolhem os surtos expontaneos. A disseminação do saber deve ter, entre nós, alguma cousa de comparavel á disseminação da sciencia nos grandes dias da

Grecia. Generalizada, levada ao alcance de numerosos espiritos, ella rebentará na fecundidade de creações originaes e de entendimentos superiores.—As nações somente se engrandecem quando a elevação da intelligencia as domina e se transfunde nas acções dos individuos. Nos dias que passam nós adormecemos ainda, ainda não nascidos para a existencia intellectual,—a unica existencia real na Terra.



## Notas sobre o clima da Amazónia

Por ADOLPHO DUCKE

### II

De Belem, só possuímos até agora, estatísticas sobre uma série maior de annos, sufficiente para obtermos médias aproximadamente verdadeiras. Ao dr. Paulo Le Cointe, de Obidos, entre o muito que fez pela exploração scientifica do municipio de sua residencia, cabe tambem o merecimento de ter realisado observações meteorologicas durante tres annos seguidos. Em Manáos existe um observatorio meteorologico, porem as suas publicações não me são agora accessiveis; as médias pluviométricas d'um relatorio da commissão de estatistica, reproduzidas na obra citada do dr. Le Cointe, parecem-me inferiores ás verdadeiras. Emfim, Hann (Climatologie, 1883, p. 372) publica algumas observações feitas em Iquitos.

No clima do litoral atlantico do Estado do Pará as temperaturas máximas são mais baixas do que em qualquer outra parte da Amazonia, devido á viração, forte sobretudo no verão e durante o dia; as chuvas não têm hora certa e são frequentes mesmo pela manhan. Na zona do Salgado o inverno é mais prolongado do que na capital (em Bragança, em julho do corrente anno chovia abundantemente, e muitas vezes por dia, enquanto em Belem quasi só á noite chovia), porem no verão (agosto até dezembro e ás vezes até janeiro, segundo me informaram em Bragança) as chuvas são raras. No Gurupy, nos limites com o Maranhão, o verão é ainda mais secco.—Na parte oriental (região dos campos) da ilha de Marajó as duas estações são tambem nitidamente separadas; o mesmo consta da ilha de Mexiana.—O territorio do Aricary tem clima semelhante, augmentando porem o inverno, a medida que se avança para o Norte, de duração e intensidade; do Amapá ao Oyapoc elle começa geralmente em novembro e reina com extremo rigor de janeiro até maio, havendo ás vezes em fevereiro, março ou abril, periodos de melhor tempo. O verão principia em julho ou agosto e é forte nas regiões de campos (Amapá, Calsoene, Cunany) no Oyapoc, que é o ponto mais chuvoso, as trovoadas são frequentes n'esta estação. No inverno em todo o Aricary predominam chuvas continuas e muitas vezes fortissimas, sem trovoadas; no Oyapoc o trovão é considerado signal de bom tempo para os dias seguintes. Do clima da foz deste rio podemos obter uma idéa

pelas médias em seis annos da altura de chuva na vizinha cidade de Cayenna (Hann, Climatologie, 1883 p. 350).

|           |                  |
|-----------|------------------|
| Janeiro   | 372              |
| Fevereiro | 420              |
| Março     | 527              |
| Abril     | 536              |
| Maió      | 590              |
| Junho     | 415              |
| Julho     | 149              |
| Agosto    | 45               |
| Setembro  | 16               |
| Outubro   | 37               |
| Novembro  | 76               |
| Dezembro  | 332              |
| -----     | -----            |
| Anno      | 3515 millimetros |

O clima da região chamada das Ilhas comprehende o archipelago da fóz do Amazonas (exclusive a região de campos do Norte e Leste de Marajó e as ilhas da fóz do Amazonas ao Leste da Caviana) até a terra firme de Gurupá, e provavelmente toda a região de matas dos affluentes meridionaes do estuario, pelo menos até as cachoeiras; a capital pertence climaticamente a esta região, caracterizada pelo verão fracamente accentuado, a predilecção marcada da chuva pelas horas da tarde, e a frequencia das trovoadas em todo o anno. A região dos furos de Breves é, certamente, durante o anno inteiro, ainda mais chuvosa do que a de Belem; o mesmo se dá nas ilhas do Guajará no Pinheiro, Mosqueiro e nas primeiras estações (por exemplo Ananindeua) da Estrada de ferro de Bragança, onde se desencadeiam muitas trovoadas que não alcançam a cidade. A Bahia do Sol, perto da villa de Collares, é afamada pela sua chuva. — Na Estrada de ferro bragantina, n'uma distancia de mais de cem kilometros da capital (por exemplo em Jambú-assú e na estação experimental de Peixe-boi), inverno e verão são mais accentuados do que nesta.

A margem septentrional da foz do Amazonas tem inverno pezado e verão secco com fortissimo vento (como a parte oriental e costa septentrional de Marajó); as chuvas parecem cahir de preferencia pela manhan ou de madrugada, como pude observar em Macapá e Mazagão, cidades que visitei diversas vezes. Nos affluentes desta margem, o clima muda das cachoeiras para cima; em outubro de 1900, subindo o rio Ananerapucú (tambem chamado rio da Villanova) e seu affluente Camahipy, atravez de matas e campos resequidos por meses de verão fortissimo, alcancei com as cachoeiras as florestas virgens humedecidas por frequentes chuvas pomeridianas, que provavelmente occupam toda a região entre os campos do Aricary e o alto e médio Jary.

Subindo o immenso rio, entramos ao Oeste da foz do Xingú e do Jary no Baixo Amazonas propriamente dito, que é a mais saudavel, e a mais farta das partes francamente accessiveis da Amazonia e por isto a mais bem povoada de todas. O verão é aqui mais prolongado, sem ser, em geral, d'um rigor desagradavel; o inverno é interrompido por frequentes periodos de bom tempo; o vento é forte sem se tornar incommodo. — Em Almeirim, não muito acima da foz do Jary, a grande frequencia das chuvas matinaes lembra ainda o clima da foz do Amazonas. De Almeirim a Prainha as chuvas diminuem sensivelmente, sendo a região entre esta villa e as cidades de Santarém e Alemquer certamente a mais secca; d'ahi para cima a chuva augmenta gradualmente no inverno e no verão, sendo este, interrompido, de vez em

quando, por fortes aguaceiros. O aspecto da vegetação, que na parte occidental do Baixo Amazonas é cada vez mais frondosa, confirma esta observação.

Em Obidos, o inverno começa em fins de dezembro ou em princípios de janeiro, sendo os meses de janeiro a abril os mais chuvosos, com longos períodos de forte nebulosidade. A temperatura nesta época parece ser pouco mais elevada do que na capital. O contrario dá-se em maio e junho, bellos mezes de muito sol e de chuvas ainda assaz abundantes, que no Baixo Amazonas são decididamente mais frescos, fazendo-se algumas vezes sentir, em junho, uma certa influencia das friagens da Amazonia occidental. Julho e sobretudo agosto, pronunciadamente seccos, setembro até novembro muitas vezes sequissimos, mas em certos annos chove bastante. Em dezembro costumam cair, ainda antes do começo do verdadeiro inverno, algumas chuvas abundantes. A temperatura sóbe de agosto a novembro, mantendo-se durante todo o verão mais alta do que na capital, sendo mesmo as noites quentes ao ponto de não haver quasi precipitação de orvalho. Le Cointe (obra citada p. 445) calculou, por tres annos de observações, a temperatura média de Obidos em 27, 2° C., dando ao mesmo tempo para Belem uma média de 26, 21°. A média verdadeira, correcta segundo as annotações de apparatus registradores, sendo em Belem de 25, 8° C, convem descontar da média obtida pelo dr. Le Cointe, os 0, 41° de differença: assim obtemos para Obidos a cifra de 26, 76°. Esta média é ainda quasi um grão mais alta do que a da capital, o que em parte se explica pela collocação dos instrumentos, que se achavam em Obidos n'um jardim secco da cidade, em Belem n'um logar sombrio do Jardim botanico, humido quasi como a mata. Em todo caso, a média de Obidos é mais alta do que a de Belem, devido ao grande calor do verão.— A differença em Obidos, entre o mes mais quente e o mes mais fresco do anno é de 3° C, na capital sómente 1, 4°. Dou aqui as médias da temperatura e da chuva obtidas pelo dr. Le Cointe em tres annos (1903-1905), com a redução de 0, 41° para as temperaturas:

|                     |        |                  |
|---------------------|--------|------------------|
| Janeiro . . . . .   | 26,68  | 282              |
| Fevereiro . . . . . | 26,14  | 195              |
| Março . . . . .     | 26,02  | 261              |
| Abril . . . . .     | 25,76  | 212              |
| Maió . . . . .      | 25,84  | 197              |
| Junho . . . . .     | 25,61  | 104              |
| Julho . . . . .     | 26,21  | 37               |
| Agosto . . . . .    | 27,26  | 6                |
| Setembro . . . . .  | 27,64  | 66               |
| Outubro . . . . .   | 28,03  | 53               |
| Novembro . . . . .  | 28,63  | 7                |
| Dezembro . . . . .  | 27,29  | 132              |
| Anno . . . . .      | 26,76° | 1552 millimetros |

Naturalmente, tres annos de observações não nos podem dar médias muito exactas. Segundo Le Cointe (obra citada p. 452), em 1899, em Obidos, durante 156 dias (de junho a novembro) não caíram 20 millimetros d'agua; os incendios, que dos campos penetravam na mata, produziam tal fumaça que em certas noites a navegação se tornava impossivel. A média dos dias de chuvas obtida por Le Cointe foi de 156 por anno, a dos dias de trovoada, 140. Estas ultimas são, salvo raras excepções, fracas e passam em sua maioria ao Norte da cidade. A chuva não tem hora predilecta, porem predominam as chuva nocturnas. — O vento Leste ou Nordeste, forte no verão e durante o dia, caracteriza o bom tempo; o « vento de cima », de Oeste ou Sudoeste, é o vento da chuva. Nas noites claras costuma reinar um leve « terral », perpendicular ao rio.

Esta descripção do clima do Baixo Amazonas refere-se sómente ao valle alluvial do immenso rio e suas margens; a pouca distancia para o Norte e para o Sul o verão já não é tão forte e a vegetação é muito mais vigorosa. Em Obidos, a cêrca de 10 kilometros para o Norte já se nota uma differença consideravel n'este sentido, e a mesma coisa verifiquei em Almeirim, onde nas serras cobertas de castanhaes as trovoadas são frequentes e fortes.— Dos afluentes meridionaes do Baixo Amazonas pouco sei de experiencia pessoal; em Itaituba, no Tapajós, nos mezes de agosto e setembro, notei frequentes trovoadas, que quasi todas, vindo do Leste, permaneciam na margem direita do rio. O aspecto das mattas de Itaituba indica aliás verão bastante accentuado, porem, rio acima, nas cachoeiras, existe (segundo informações da doutora Emilia Snethlage) matta humida. No Jamanchim, affluente da margem direita, que desemboca nas cachoeiras do Tapajóz, a doutora Snethlage notou (em setembro) que chovia muito; vindo da bacia do Xingú pelo Iriri, os seringueiros já lhe haviam chamado a attenção sobre esta particularidade do Jamanchim. Entre as duas bacias fluviaes, a mesma doutora passou uma serra de varias centenas de metros de altura, tão secca que muitas arvores estavam despidas de folhagem, o que já indica a proximidade do clima e da flora do Brasil central; ao nascente desta serra no Curúa (affluente do Iriri) o tempo era secco e as noites excepcionalmente frias (em agosto), emquanto ao poente da serra, no Jamanchim, chovia. Este facto é muito interessante, porque o lado oriental, exposto ao vento geral, devia receber maior humidade; sem duvida existem condições muito especiaes na conformação do terreno que produzem este phenomeno.— Em Itaituba informaram-me, que ás vezes, em junho e julho, um vento frio e secco desce do alto Tapajóz, vindo sem duvida dos platós de Mattogrosso, cujo ar frio e por coseguinte pesado se desloca para o lado do Amazonas. Tambem no Xingú, junho é o mez mais fresco do anno; a doutora Snethlage observou em Victoria, neste rio, em junho de 1910 cinco dias consecutivos com minimas de 18 a 19° c.

Dos afluentes septentrionaes do Baixo Amazonas conheço o Trombetas e o Nhamundá (ou Jamundá), augmentando em ambos a humidade, da foz ás cachoeiras. Em Faro, na bocca do Nhamundá, pôde-se apreciar a grande influencia da conformação do terreno sobre a quantidade da chuva, sendo esta muitissimo maior nas serras da margem opposta á cidade, o que determina uma notavel differença nas especies de vegetaes, que compõem nos dois lados a matta.— No Trombetas, tomei parte em varias expedições organizadas e dirigidas pelo dr. José Picanço Diniz, para explorar regiões desconhecidas d'esta importante bacia fluvial. No curso inferior deste rio e sobretudo de seu affluente Cuminá, que percorrem uma região de mattas virgens ricas de castanhaes, chove frequentemente mesmo no verão, porem, chegando-se até os campos do Ariramba, tem-se a surpresa de encontrar não sómente uma flora de aspecto inteiramente novo, mas tambem um outro clima: o ar é secco, o calor é de dia fortissimo ao sol, mas mitigado pelo impetuoso Nordeste, o qual ás vezes não deixa de soprar mesmo durante a noite, incomodando seriamente a quem dorme n'um acampamento sem abrigo. N'estes campos, immediatamente depois do pôr do sol, o ar começa a esfriar rapidamente, e a temperatura das madrugadas de céu limpo parece ser geralmente inferior a 20° C. Em dezembro do anno passado, emquanto viviamos na chapada dos campos debaixo deste regimen meteorologico, observavamos dias inteiros, ao Sul, a região da matta envolta em pezadas nuvens de chuva.— N'uma outra viagem, em que subimos o affluente mais occidental do Trombetas, o Mapuera, depois de grandes chuvas diarias na região da série inferior de cachoeiras, encontrámos tempo melhor no curso superior do rio. Tudo isto demonstra, que existem na Amazonia inferior cinco zonas climá-

ticas paralelas ao grande rio: a primeira, relativamente secca, com verão forte, acompanha a planicie de alluvião do Amazonas; duas zonas (uma ao Norte e uma ao Sul) humidas mesmo no verão e cobertas de grandes mat-tas virgens com ricos castanhaes, seguem-se á primeira até uma distancia em poucos pontos conhecida e certamente variavel conforme as localidades; nas duas zonas exteriores, que vão no Norte até a fronteira das Guyanas e no Sul até pontos desconhecidos do Mattogrosso, alternam as mattas com campos e o clima é mais continental, com grandes amplitudes de temperatura e fraca humidade do ar, pelo menos no verão. Destas duas ultimas zonas, a do Sul parece ser muito mais affastada do Rio Amazonas do que a do Norte.

Sobre o clima do Rio Negro que é muito chuvoso em seu curso médio e superior, temos informações pelo conhecido ethnographo dr. Theodoro Hochgrünberg (« *Zwei Jahre unter den Indianern* », 2.<sup>o</sup> volume, pagina 325). Perto de São Gabriel, na região encachoeirada, em meados de junho as precipitações de agua começam a diminuir, e apparecem ás vezes 4 a 8 dias de friagem: vento Sul com chuva fina e temperatura baixa. Julho, agosto e setembro têm trovoadas com chuvas fortes, porem passageiras; outubro a dezembro, o verdadeiro verão, têm ás vezes semanas sem chuva. Em janeiro e fevereiro apparecem trovoadas com chuvas fortes, que determinam repiquetes do rio, cuja vasante atinge seu maximum de dezembro a janeiro. Fevereiro, março e ás vezes abril têm ás vezes séries de dias de sol, mas tambem muitas chuvas fortes e prolongadas. Abril e maio até junho são mezes de chuvas quasi diarias, que começam durante a noite ou pela manhan, continuando muitas até o meio dia. A cheia do rio costuma ser maxima na segunda metade de junho. — Como se vê, o inverno começa mais tarde e termina tambem mais tarde do que no Baixo Amazonas. Lembro-me que em 1905, tendo sahido em 1.<sup>o</sup> de junho de Manáus com bellissimo tempo de verão, vim encontrar inverno fechado em Barcellos durante quasi todo o resto do mez. — O clima de Manáus lembra nos traços geraes o do Baixo Amazonas, porém o inverno principia mais cedo (dezembro já costuma ser um mez de muita chuva) e é mais intenso. O relatório da comissão de estatística de 1898 dá como altura média da chuva em Manáus 1657 millímetros por anno (Le Cointe, obra citada, p. 455), o que ao meu vêr carece ainda de confirmação, parecendo-me pouco. Quanto á tão debata-da questão da temperatura de Manáus, posso afirmar ser ella mais elevada do que a de Belem, excepto nos mezes de junho e talvez maio e mesmo abril; ella parece mesmo superior á de Obidos, a qual é, como já provei, superior á da capital paraense. — O baixo Rio Branco, região de mattas e lagos, terá provavelmente o mesmo clima humido do médio Rio Negro, porém os campos geraes do alto Rio Branco possuem um clima muito diverso, mais guyanense que amazonico; segundo diversos viajantes scientificos, o inverno dura ahi de fins de abril até julho e agosto, cahindo nestes poucos mezes cêrca de 2000 millímetros d'agua; o resto do anno é verão forte, excepto novembro, em que algumas chuvas costumam até determinar um repiquete do rio.

A Oeste de Manáus, mais ou menos na altura da bocca do Purús, começam a accentuar-se os caracteres physicos da região chamada por muitos o «Alto Amazonas», região de florestas por excellencia e conseguintemente humidissima. No Solimões, em Tefé o mez de agosto costuma ainda ser de muito sol, mas da foz do Jutahy para cima as estações são quasi só marcadas pela enchente e vasante do rio, havendo chuvas prolongadas em qualquer mez do anno. Esta zona extremamente chuvosa comprehende tambem o baixo Javary, mas não alcança, no Amazonas peruano, a cidade de Iquitos, onde pelo menos o mez de agosto tem séries de muitos dias sem

chuva. Hann («Climatologie») communica algumas observações feitas nesta cidade por Galt durante 19 mezes; ellas deram uma temperatura média de 24, 8° C (novembro 25, 8, julho 23, 4), uma humidade relativa de 83. %., a tensão do vapor d'agua de 21 millimetros, e 2840 millimetros de chuva n'um anno, dos quaes 1110 nos mezes de dezembro a março, 117 em agosto. Ainda mais ao Oeste, a região subandina é muito chuvosa em todo o anno, segundo affirmam os viajantes. — Nos grandes afluentes meridionaes, Purús e Juruá, augmenta segundo muitas informações a chuva até uma certa altura, para depois decrescer, ao menos no verão. No territorio do Acre o verão é bem accentuado; o inverno é fortissimo de setembro a abril. E' nesta zona onde se sente com maior força as friagens de junho (raras vezes em maio ou em julho) que consistem n'um vento frio do Sul ou Sudoeste que vem das planícies da Bolivia oriental e talvez até da Republica Argentina (e não dos Andes, como muitos pensam!), onde nesta estação o ar é frio com alta pressão barometrica; este vento apparece de repente com céu coberto e muitas vezes com chuva fina, fazendo descer o thermometro, no Acre, a 12-15° C. A duração deste phenomeno é de tres a oito dias. No Solimões a friagem é muito menor, embora bem sensivel, ella se prolonga ao hemispherio boreal até o alto Rio Negro; ao Leste, em Manáus e até Obidos, alguns dias cobertos e frescos marcam-lhe os ultimos vestigios. — Ainda não pude obter informações acêrca do regimen meteorologico do baixo Rio Madeira; a região das cachoeiras possui o caracter da Amazonia occidental (Alto Amazonas), segundo se pôde verificar d'uma colleccão de inséctos que o nosso Museu recebeu de lá ultimamente. No Beni existe, segundo o dr. P. Le Cointe, a friagem do Alto Amazonas.

Resta-nos ainda dizer algumas palavras sobre o phenomeno importante da enchente e vasante annual do Amazonas e seus afluentes, consequencias da distribuição das chuvas na grande região de que nos occupamos. Não posso fazer melhor do que traduzir algumas partes da descripção que o dr. Le Cointe nos deu deste phenomeno (obra citada, p. 456 e 457):

«No Beni (alto Madeira), Acre e alto Juruá, a enchente começa em outubro. Em Tabatinga, no Solimões, as aguas crescem desde novembro; em fins de dezembro os primeiros signaes da cheia chegam á confluencia do Rio Negro com o Amazonas. Em Obidos, o nivel das aguas sóbe desde o começo de janeiro, attingindo seu maximum nos primeiros dias de junho e permanecendo estacionario durante poucos dias, para descer mais ou menos rapidamente até o meiado de novembro. N'esta época produz-se uma pequena enchente chamada repiquete, depois da qual as aguas baixam de novo, mantendo-se em seu nivel mais baixo até fins de dezembro.»

«Em maio, quando abaixo de Coary a enchente continúa a augmentar, os cursos superiores do Purús, Juruá e Madeira já se acham assaz seccos.»

«Em Obidos, a oscillação annual do nivel do rio é de 6 a 8 metros; quanto mais se sóbe o Amazonas ou qualquer um de seus afluentes, tanto maior é a differença entre o nivel do inverno e o do verão.»

«Ao contrario do que se pensa, a altura das enchentes do Baixo Amazonas não depende directamente da maior ou menor abundancia das chuvas nesta região.»

Effectivamente, o inverno de 1909, anno de terrivel cheia no Baixo Amazonas, foi bastante fraco nesta zona. Enchentes collossaes que causaram grandes prejuizos á lavoura e á criação, foram as de 1859, 1898, 1904, 1908 e 1909. Semelhantes cheias devastadoras se produzem provavelmente pela extensão de chuvas excessivas sobre vastissimas regiões, que determinam enchentes grandes e simultaneas em muitos afluentes do grande rio. Segundo o dr. Le Cointe, são sobretudo os grandes tributarios meridionaes os



que influem sobre a cheia no valle principal. Quanto ao degêlo nos Andes, sua influencia sobre o regimen das enchentes do Amazonas parece-me quasi nulla, porque nesta cordilheira altissima, porem situada na zona intertropical, em que logares se accumulariam durante alguns mezes do anno tão enormes massas de neve para influirem, mesmo derretendo-se de repente, sobre o nivel de tão colossal rio? Además, dos affluentes grandes do Amazonas, sómente o Madeira (por meio de subaffluentes), o Ucayali, Huallaga, Içá e Japurá recebem aguas andinas. — O nivel da bahia de Marajó e rios e bahias adjacentes, sujeitas ás marés, é influenciado pelas enchentes do Tocantins, como se notou muito bem em 1906, anno de chuvas torrencias e inundações nos Estados centraes do Brasil.



## A cultura da memoria

Segundo a pedagogia scientifica

Por João de Figueiredo

Vimos, no estudo passado, que a memoria consta de tres elementos fundamentaes, reflectidos, por assim dizer, em tres momentos successivos de todos os seus processos:

1º—a conservação, 2º—a reproducção, 3º—o reconhecimento.

Sem que uma sensação imprima ou abra na massa nervosa um vestigio de sua passagem é, por completo, impossivel alcançar-se a sua reproducção. Este facto, condição primeva dos demais referentes á memoria, é de natureza simplesmente anatomo-physiologica.

A reproducção consiste no poder de evocar uma sensação, uma ideia passada; e quanto mais extenso este poder, tanto maior, mais util a sua influencia no campo do nosso mundo interior, quer para determinar em nós, segundo Pizzoli, um estado mental, quer para nos orientar no desempenho de um acto, na realização de um plano ideacional.

Considera-se, enfim, o reconhecimento como esse momento precioso, importantissimo da vida mnemonica, em virtude do qual, quando percebemos um objecto, uma palavra, um trecho musical, um pensamento, o quer que tenha penetrado outr'ora na consciencia, verificamos, temos plena certeza de que nada disso é novo, inédito, mas simples rememoração.

De grande vantagem, tanto no que toca á organização pedagogica das classes escolares, como naquillo que se refere á efficacia progressiva da educação, é o exame attento de todas e de cada uma das supra-mencionadas operações. Dentre os muitos systema que, para esse exame, nos deparam e recommendam os pedagogistas, tomamos

o do notavel professor italiano U. Pizzoli. Baseia-se este systema em series de questionarios, allusivos já ás condições, já aos factos antigos ou recentes, já, em summa, aos conhecimentos pessoaes do examinando, se se trata de verificar a capacidade mnemonica de evocação; e em quadros divididos em doze quadraços, tendo cada um destes uma letra, se o exame versa sobre a determinação do poder mnemonico de retenção ou de reconhecimento.

Mas, por que o desenvolvimento, a educação da memoria se torne integra, harmonica, perfeita, convém determinar-se tambem a que typo de memoria particular pertença o escolar.

« O processo de Binet e Henri consiste, qual os resume F. de Vasconcellos, num quadro dividido em doze quadradinhos, cada um com uma letra. O sujeito lê duas vezes a seguir as doze letras de um quadro e em seguida reproduz-as num outro quadro com quadradinhos vazios ou recita-as.

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| M | K | R | N |
| A | S | V | Z |
| C | E | F | B |

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| G | A | M | O |
| I | U | Z | R |
| K | O | E | N |

A natureza dos erros que o sujeito commette quando reproduz o TEST ou recita-o de memoria indicam o typo de memoria a que o sujeito pertence.»

E' visual se confunde K e X, R e B, E e F; os erros provêm da semelhança das letras.

E' auditivo se confunde M e N, T e D, B e P; os erros provêm da semelhança dos sons.

Para verificação das « impressões motoras, pede-se aos sujeitos que recitem series de palavras ou as escrevam, e compara-se a capacidade com que os sujeitos retinham series semelhantes com a memoria das impressões visuaes ou auditivas.»

Passemos agora ao modo por que se fixam successivamente na memoria as nossas ideias.

Segundo Ajan, que consubstancia as theorias de Binet e Dugas, por dois processos se effectua esta operação: pela memoria natural ou bruta, e pela memoria artificial ou organizada. Pela primeira o espirito as adquire sem esforços; é como uma retentiva, meramente passiva, semelhante a de certos individuos que repetem tiradas de *opera* sem lhes penetrar o sentido. Pela memoria artificial ou organizada, o espirito se illustra com esforço, e apossa-se do passado em o interpretando, em fazendo uma selecção, uma escolha reflectida das impressões.

Por grande que seja a superioridade desta sobre a primeira, é, entretanto, certo que nos intellectuaes mais caprichosos a memoria bruta, inconsciente exerce, muita vez, uma influencia enorme, (1) E' ella quasi sempre que carrega « — Á IMAGO-EVOCATION VERBALE — uma massa de recordos que, se juxtapondo, fundindo, concatenando, formam o que os antigos metaphysicos appellidaram — *inspiração* ».

(1) Ajan: Ob. cit.

Realmente a inspiração, emtanto que representa o «extracto do nada», é palavra oca, sem significação. Nada se cria em um cerebro nem mesmo no dum Berryer: o que se faz sam associados, combinações novas de imagens.

A inspiração é a memoria superexcitada por uma attenção que concentra todas as energias cerebraes num ponto preciso; ou na phrase de Fouillée—é a maré crescente das associações em que todas as ondas nervosas, sob a attracção duma força commum, se alçam e se entretêm na massa fremente do cerebro.—Mas as associações, facto precipuo nos processos de mnemonização, resultam, em ultima analyse, como ensina James, «do habito nervoso.» Tal não foi para os antigos e não o é ainda para muitos dos modernos.

Aristoteles e os seus discipulos de todos os jaezes, excessivamente propensos á schematisação logica, ensinam, sem fundamento que os phenomenos de associações de ideias obedecem a quatro leis irreductiveis: «semelhança e contraste, simultaneidade e successão.» Era bem natural que assim dogmatisasse o celebre stagirita, a cujo pensar todas as qualidades essenciaes dos corpos se desfazem tambem em quatro elementos, sob a rubrica de «frios» e «quentes» «humidos» e «seccos». Hoje, porém, ninguem as deve admitir, pois ahi estão as provas, mais que evidentes, da observação scientifica a mostrar-nos essas pretensas leis psychologicas como productos complexos de formas bastante mais simples (2)

Podem-se sem duvida, dil-o James, pensar todas as especies de connexões imaginaveis: existencia, similaridade, contraste, contradicção, causa e effeito, meios e fins, parte e todo, cedo e tarde, genero e especie, substancia e accidente, grande e pequeno e não sabemos que outras connexões, pois que a serie destas é infinita.

Mas porque seguimos de facto este caminho antes que aquelle? Porque depois de havermos pensado A em taes tempos e logar, viemos a pensar B em taes logar e tempos e C em taes outros logar e tempos? As leis são aqui leis cerebraes; o pensamento parece depender de condicções mecanicas que precisam, ao menos, a ordem em que lhe são presentados os objectos destinados ás suas comparações e ás suas seleccões. E assim as associações cravam-se nos objectos das ideias e não nas ideias em si mesmas.

Daqui, pois, o distinguirmos com James a associação processus physiologico, da associação processus psychologico: aquella é a causa desta; esta é lidima resultante daquella. A associação psychologica é uma ligação mental, não entre as ideias, mas entre os objectos destas ideias. Ao envez, a associação psychologica é uma ligação entre processos cerebraes e representa o principio que determina e regula a ordem de successão dos estados de consciencia.

Qualquer que seja o conteudo da consciencia, tal conteudo é sempre determinado pela actividade de um processo cerebral elementar e pela excitação que elle transmite a taes ou taes outros processos elementares já precedentemente por elle influenciados.

(2) Wundt—Human and animal psychology, Lect. XX—t. ing.

E' ao mesmo tempo o numero de todos os processos simultaneamente em actividade e a natureza dos que em seu gremio conseguem excitar os outros, que determinam a actividade geral do cerebro em um dado momento e consequentemente a presença de tal objecto no espirito a esse mesmo momento. Para os que não observam desta maneira e buscam na natureza dos objectos conscienciaes a lei de sua successão, o apparecimento actual de taes objectos se explica por associações de contiguidade, de semelhança, de contraste ou de qualquer outro typo presumidamente irreductivel.

A' vista, porém, dos ensinamentos da psychologia experimental, temos todo o direito de dizer que a FREQUENCIA, a RECENCIA, a VIVACIDADE, a AFFINIDADE EMOCIONAL constituem numa representação qualquer outros tantos elementos que favorecem a sua evocação, de preferencia á outra, por causa do elemento INTERESSANTE nella contido. Por outras palavras, podemos com certeza affirmar que, na maioria dos casos, o estado de consciencia por vir será uma representação familiar, recente ou viva e que será tambem proporcionada ao conteúdo actual de nossa consciencia.

Toda representação impregnada destes quatro elementos é para certo objecto, para o objecto A, v. g., a pique de esvanecer-se, o associado favorito que, dil-o-iamos quasi inerrantemente, vae passar da subconsciencia para a consciencia por integrar-se no objecto B immediatamente a surgir.

E' em summa uma lei d'habito nervoso que domina o curso das nossas ideias, todos os phenomenos de associação. Sua direcção neste ou naquelle rumo, sem encadear-se deste ou daquelle modo, depende dos processos physiologicos, agindo em massa ou apenas por um elemento restricto.

Todas as tres formas associativas se reduzem finalmente a tres graus de uma mesma associação physiologica; a associação do processo de pensamentos prestes a desaparecer com o processo do pensamento prestes a surgir. Destes dois processo o primeiro desperta o segundo, seja pela totalidade, seja por uma parte notavel, seja, enfim, por uma parte restricta de seus proprios elementos. Nada de suggestão possivel sem essa anastomotose, inteira ou parcial, de processo. Taes quaes, entretanto, estas condições differencam o pensamento activo do homem de genio do pensamento rotineiro do espirito prosaico e banal.

Não ha, segundo Mill, quem não saiba o que é procurar relembrar-se de um ideia. Procurar é evidentemente não ter ou enviar esforços por ter. Ora como chegamos nós a fazer que surja na consciencia a ideia procurada? Se não temos essa ideia temos ao menos outras em relação com ella: percorremos então d'alto a baixo essas ideias, uma após outra, na esperança de uma dentre todas nos indigitar a que procuramos; e tal ideia ha de prender-se a outra por uma relação bastante intima para poder recordal-a associativamente. Depara-se-me, por exemplo, uma pessoa que conheci em tempos passados, mas cujo nome escapa neste instante, mau grado todos os meus esforços. A fim de m'o recordar, eu perlustro mental-

mente um certo numero doutros nomes, esperando que um appareça associado ao de que preciso. Pensarei então em todas as circumstancias travez as quaes eu vi essa pessoa, e se por felicidade chego a um pormenor ligado ao seu nome, este resurtirá logo na minha consciencia; ao contrario terei perdido o meu tempo».

Vejamos ainda uma experiencia das mais communs, que servirá para melhor nos esclarecer. — Quem, um momento ou outro, já não procurou fixar uma lembrança? Mas como se houve para conseguil-o? Certamente criando uma associação entre a coisa a lembrar-se e uma ideia que sabia lhe reaparecer provavelmente, com toda a exactidão, ao tempo em que se fizesse necessaria a lembrança.

Formada que seja a associação, a ideia, em surgindo, fará resurgir a lembrança, e eis-nos ao alcance de nosso fim.

O facto do nó que, muita vez, se dá á ponta de um lenço, para recordação do que quer que seja, illustra patentemente a nossa *analyse*.



## Questões de grammática e philologia

### A chólera ou o chólera?

Por PAULINO DE BRITO

Agora que o terrivel mal asiatico irrompeu na Italia e na Hespanha, e gera justificadas apprehensões nos paizes da America mais relacionados com aquelles, não virá fóra de proposito esta questão.

Diz o Sr. Candido de Figueiredo que se deve dizer a *cholera*, porque «a palavra *chólera* ou antes *cólera*, vem do grego *kholera*, que em todos os dictionários da respectiva lingua, foi sempre vocábulo feminino, com a significação de *goteira* ou *escorrimento*, caracteristico da doença a que se dá aquelle nome. Como vocábulo feminino, passou para os latinos, com a significação de *bilis*, *ira*, *irritação*; e no mesmo genero e com a mesma terminação passou para o portuguez, onde sempre, e muito bem, se escreveu a *cólera*, sem o *h*, a que tinha tanto direito como a *chólera* *escorrimento*».

O trecho transcripto o é textualmente d'Os *Estrangeirismos*, respeitando a graphia do autor. Esperamos que a nossa tambem n'este artigo e nos que se seguirem seja tolerada.

Observemos, preliminarmente, que o illustre philologo tem a affirmação facil. Tudo que se lhe afigura certo á primeira vista, ou lhe parece aceitavel ao mais ligeiro exame, elle recebe, e propõe, como verdade inconcussa.

Assim é que se desvanece, na mesma obra, e mesmo trecho, de haver « desde 1883 denunciado e verberado este gallicismo no *Diario de Portugal* ».

Não tivesse outros serviços prestados á boa linguagem...

Para certos vernaculistas o gallicismo é phantasma que os apavora, dormindo, acordados, em toda parte...

Na expressão *o cholera* não ha sombra de gallicismo.

Se, em francez, a palavra *colera* sempre fosse do genero masculino, o Sr. Candido de Figueiredo podia ter alguma razão, mas tal não ha. Dá-se em francez o mesmo que em portuguez: irritação, ira, é *colère*, sem *h* e do genero feminino; mal do Ganges é *chólera*, com *h*, terminando em *a* e do genero masculino.

De sorte que, se *o cholera* fosse um gallicismo, não haveria razão para que o não fosse tambem *a colera*.

Além d'isso, o facto não se observa só no francez e no portuguez, mas tambem em hespanhol e outras linguas romanicas.

O que desnorteou o provector philologo, é phenomeno linguistico muito commum, determinado por uma lei que se chama—*do contagio*. Quando dois termos andam associados, exprimindo um o genero, outro a especie, acontece com frequencia desaparecer o que exprime o genero, ficando o que exprime a especie a desempenhar as funcções de ambos.

Todos sabem que *madeira* é palavra feminina, tanto significando *pão*, como a *ilha* d'este nome. Quando, porém, dizemos—*o Madeira*,—concorda o artigo com a palavra *vinho*, que foi suppressa, e não com o termo subsistente.

A denominação da molestia, ou escorrimento como se exprime o mestre, não é simplesmente *cholera*, mas *cholera morbus*. E dizer *o colera morbus* equivale a dizer *o morbus cholera*, o que é regularissimo, sendo *morbus* do genero masculino.

*A cholera morbus* é o que não se justificaria. Poderia, quando muito, applicar-se a uma irritação, ira, sanha, que fosse morbida, nunca porém, a um mal que se caracteriza por prostração, coma, pulso miseravel etc. etc.

Em outros termos: na expressão *cholera morbus* o genero é espresso por *morbus* e a especie por *cholera*. Por isso eliminou-se *morbus*, mas o artigo continúa a concordar com o nome suppresso. Sustentar o contrario é dar murro em faca de ponta.

A circumstancia, citada pelo Sr. Candido de Figueiredo, de medicos eminentes terem preferido dizer *a cholera morbus*, só prova que elles entendiam mais de mênhas que de grammatica.

Não é por ser latoeiro que a gente fica autorizado a decidir se *folha-de-flandres* é graphia preferivel a *folha de Flandres*...



# Ensino Publico

(Excerptos do relatório de 1911, apresentado ao Governador do Estado pelo Desembargador Augusto Olympio, Secretario do Interior, Justiça e Instrução Publica.)

Iniciando a exposição do movimento havido no ensino publico, no Estado, durante o anno findo e nos mezes já neste decorrentes, traduzam minhas primeiras palavras justa expressão de applauso ao empenho que o poder publico, entre nós, ha de continuo revelado no aperfeiçoamento da cultura das massas populares, certo de que é esta a condição preponderante no progresso dos povos.

São legitimos os impulsos incontidos do meu desvanecimento, em presença da obra meritoria que vimos de longe levantando, com tenacidade e amor.

A nenhum espirito esclarecido escapa que o analphabetismo é o maior entrave á marcha das nações na conquista da civilisação; e serviço de mais valia não póde ser prestado á Patria, que este de contribuir para melhorar nas gerações porvindoiras o grau de sua cultura ética e mental.

Um povo só se faz grande, forte e respeitado, quando adquire a consciencia do seu valor; e esta só lhe póde advir da cultura das diversas camadas que o formam.

O estádio que a humanidade atravessa caracteriza-se pelo predomínio da intelligencia, encarada como a faculdade de conhecer e de comprehender.

Longe vão as épocas em que a victoria cabia sempre ao mais forte; presentemente, as mais transcendentés questões do direito internacional, que rege as relações dos povos em sociedades civilisadas, são debatidas nos tribunaes arbitraes, verdadeiros prélios nos quaes só vencem a intelligencia e o saber.

Um povo instruido é, necessariamente, um grande povo; e as nações que não podem disputar um lugar de destaque pela força numerica das armas, conquistam-n'o pelo saber.

Educando a intelligencia das novas gerações, pela instrucção; formando-lhes o coração, pelos exemplos civicos, faz-se obra de patriotismo, duradoura e inteiriça, encaminhando-se a Patria a todas as grandezas.

Guiado pela verdade destes conceitos, o Poder Publico, no Pará, sem desfallecimentos e sem recúos, vem cuidando de longa data, com louvavel amor e interesse, da causa do ensino em todas as suas espheras.

Contudo, longe estamos ainda de obter definitiva solução a problema tão complexo.

Não temos, porém, razões para desanimar; somos uma nação de hontem, e os povos envelhecidos na civilisação trabalham ainda, e incessantemente, pela causa do ensino, inseguros dos resultados alcançados.

Podemos com verdade dizer que, nesse campo, a nossa tarefa está apenas iniciada; mas começam a ser bons os fructos colhidos, e isto nos deixa a certeza de estarmos empregando processos logicos e efficazes.

Necessitamos, entretanto, caminhar sempre para diante, sem medir esforços e dispendios, vencendo resolutamente as difficuldades que a cada passo se nos antolham, como a que- rerem nos embargar os passos.

A povos como nós, habitando Estado de tão grande extensão territorial, de topographia especial, incerta e caprichosa, com uma população disseminada pela área extensa dos nossos rios, igarapés, lagos e ilhas, os fructos da instrucção só chegam depois de grandes trabalhos e desperdicios.

E' preciso que os cuidados dos governos sejam constantes e que elles possam sempre contar com a cooperação dos seus governados, para conseguir victorias nesse vasto campo de permanentes combates contra o obscurantismo.

Proseguindo na marcha que temos iniciado, seremos, afinal, os vencedores; assim não nos falem as energias para a lucta e a comprehensão de que este é o dever primeiro dos governos, na Republica.

Nas paginas que se vão lêr encontrar-se-á exposta,—com a franqueza que é a característica da minha norma de agir sempre que me desobriço de responsabilidades que me cabem,—a verdade toda sobre o que temos feito, e sobre o que precisamos fazer para, sem delonga prejudicial, collocarmos o ensino publico, no Pará, em concêrto com todas as suas manifestações de progresso.

Não esconderei as lacunas, nem occultarei os erros, porque penso que maior mal advem de mentir á verdade conhecida, que de salientar os pontos para os quaes se deve voltar a acção dos que teem auctoridade para sanar umas e corrigir outros.—O processo muito em voga entre nós de a tudo tecer encomios, escurecendo os defeitos e as faltas, não enganando aos extranhos, redunda exclusivamente em nosso prejuizo; pois á custa de ouvirmos o côro contínuo da lisonja mentirosa, vamos, afinal, nos convencendo de que, mais do que os outros povos, progredimos, e de que somos, effectivamente, pioneiros da civilisação.



Isto nos arrefece os ardores para a conquista daquillo que nos falta e de que, illusoriamente, nos julgamos possuidores. Seguindo methodo necessario á boa ordem da exposição que devo fazer, começarei tratando do

## Ensino primario.

### Reforma de 28 de Abril de 1910.

Com justificada satisfação, baseada em dados positivos, posso affirmar, sem receio de séria contradicta, que bem diversa é hoje a atmospherá sob a qual se desenvolve o nosso ensino primario.

Largos foram os seus passos nos 14 mezes em que a reforma de 28 de Abril do anno passado tem sido exercitada.

Nunca duvidei do resultado obtido.

Quando em meu anterior relatorio expendi, em ligeira synthese, as idéas que obtiveram a approvação do chefe do Executivo e foram posteriormente corpóricadas no estatuto decretado para o ensino primario, fil-o sentindo toda a verdade da desoladôra situação que este atravessava, e certo de que só pedia o libertassem de moldes que não lhe deixavam energias para desenvolver novas forças productôras.

Não vacillei um momento; jamais fui invadido pelos receios, que a outros espiritos dominaram, de insuccesso na reforma imposta ao ensino.

Pareceram-me sempre infundados taes temôres, por vi-rem todos calcados na supposição erronea de que nos fallecia o elemento principal para o bom exito das novas idéas—o professor.

Animaram-me na crença do acerto doutrinario em que me achava, e que me dava forças para propugnar pela radical modificação dos processos de ensino, até então praticados, as proprias criticas que se fizeram em torno do regulamento de 28 de Abril, porque nenhuma, ainda as mais apaixonadas, desconhecia ou negava a superioridade dos novos processos mandados adoptar no ensinamento primario.

A condemnação da reforma, pelo receio de nos faltarem mestres que pudessem executal-a, afigurou-se-me sempre, repito, insubsistente e frivola.

Accéital-a seria increpar o professorado diplomado por nossa Escola Normal de ignorante em conhecimentos elementares, agrupados em disciplinas que constituem o tirocinio donde sahem mestres, commettendo, assim, clamorosa injustiça contra seus creditos bem firmados.

Nunca se attentou, quando por aquelle modo se atacava a reforma, que ella não inventara disciplina nova, não exigia da parte dos mestres conhecimentos que o ensino normal não houvesse proporcionado aos seus diplomados.

A innovação, neste ponto, consistia apenas em distribuir, sob orientação diversa da até então seguida, conhecimentos que estavam esquecidos dos programmas anteriores, com visivel damno para a instrucção da mocidade.

Que o nosso corpo professoral estava em condição de comprehender e praticar a reforma, provou-o elle sobejamente, exhibindo nos exames dos candidatos a diplomas de estudos primarios, realisados em Outubro do anno passado, apóz cinco mezes apenas de leccionamento dos novos programmas, os mais brilhantes attestados, que constituiram a affirmativa mais esmagadôra da improcedencia das criticas que o visaram.

Tão surprehendentes foram os resultados obtidos, que mesmo os optimistas viram excedidas suas previsões.

Se dúvida pudesse haver quanto á superioridade do methodo intuitivo, como processo de educação dos sentidos, vehiculos por onde a criança chega ao conhecimento real das cousas, ella desappareceria por completo.

Tive occasião de sentir toda a verdade deste assêrto quando, em visitas a alguns dos nossos grupos escolares, inquiri e fiz inquirir as crianças sobre as diversas disciplinas do programma.

A precisão com que eram respondidas as perguntas, a persistencia no acêrto quando o docente contestava as respostas para experimentar até onde ia a consciencia das noções enuncia, demonstravam claramente o desenvolvimento das faculdades do raciocinio e da observação.

A eliminação quasi completa do livro doutrinatio das mãos das crianças, restringindo-o ao papel de auxiliar do mestre, foi o golpe de morte vibrado no methodo mnemonico, que accarretava o enfraquecimento da intelligencia e a atrophia das faculdades do raciocinio e da observação.

Esta medida, contra a qual muitos pais se quizeram rebelar, porque não comprehendiam que seus filhos pudessem aprender sem livros, concorreu poderosamente para encaminhar com rapidêz o professor na pratica do methodo intuitivo.

O livro, em regra, representava nas nossas escolas a cessação de todo o esforço cerebral da parte do professor, que reduzia a funcção do mestre quasi que a de tomador de licções.

O compendio, nas mãos dos alumnos, poupava-lhe os esforços que são precisos dispender nas lições oraes; e da memoria da criança, num trabalho exhaustivo e inutil, tudo mais se exigia.

Bastava trazer a lição bem decorada para ser tido como bom alumno; raros docentes, e em raros momentos, busca-

vam, por simples curiosidade, conhecer se a comprehensão se fazia clara sobre o que, decoradamente, o discipulo repetia.

Na maioria das nossas escolas, em algumas disciplinas, notadamente geographia e historia, este processo era commumente seguido; as espheras e cartas geographicas tinham como principal função o adorno das mesas e das paredes.

Hoje, bem diversa é a maneira como deve ser feito o ensinamento nas escolas primarias. O maior trabalhador na sua aula deve ser o mestre, transmittindo aos discipulos, pelos exemplos repetidos, as noções, exercitando-lhes os sentidos, que é por onde a criança adquire o conhecimento das cousas.

Deste trabalho, tanto como os alumnos, elle aufere lucros, melhor aparelhando-se para o exercicio perfeito do seu nobre ministerio, educando suas proprias faculdades expositivas, disciplinando o proprio espirito, para mais facilmente inculcar na intelligencia da puericia conhecimentos reaes, uteis, indispensaveis.

Accusou-se o Governo de ter feito entrar em vigor a reforma primaria sem, antes, tornar o professôr apto a executá-la.

Procedessemos assim e girariamos dentro de um circulo vicioso não mudariamos o methodo por não estar o professôr nelle educado, mas não preparariamos o professor sem a mudança do methodo.

Sabem todos que a pratica do ensino só se adquire ensinando.

Já deixei dito que ao nosso professôrado diplomado, e hoje elle constitue duas terças partes dos docentes, não faltava o conhecimento das disciplinas que eram mandadas ensinar nas escolas primarias: todas as que se comprehendem no programma são, no curso normal, leccionadas, e, aliás, com maior extensão.

C que a reforma pretendeu foi, simplesmente, mudar a forma de transmissão dos conhecimentos do *consciente* para o *inconsciente*, no conceito de Gustave Le Bon.

Nisto, e só nisto, consistiu a innovação.

Um dos criticos, que apreciou a reforma sob criterio a ella favoravel, escreveu com grande acerto, ao tempo que commentava o muito que no Brasil se discreteia sobre as questões do ensino:

... mas, cousa singular, ninguem se preocupava em saber como as idéas e as imagens eram recebidas e fixadas pelo espirito infantil.

Porque, em summa, não era a deficiencia de programmas que entre nós defeituava, malbaratando, o aprendizado da infancia: tinhamol-os regulares e amplissimos.

O que nos faltava era a *arte de ensinal-os*".

A verdade bem se ajusta neste conceito: o que nas nossas escolas primarias faltava era a arte de ensinar. Todos os

nossos esforços, na pratica, devem, pois, convergir para esse ponto.

A proposito acentuarei com prazer que as criticas aggressivas á reforma nenhum mal lhe fizeram, e antes ajudaram a acção do governo, estimulando o professor na repulsa da injusta increpação, que lhe foi jogada, de ignorancia e atrazo.

Tambem não foram só ellas que á publicidade vieram; outras, em movimento de encorajamento e de applauso, fizeram justiça aos intuitos elevados e bons que guiaram a conducta do poder publico nesse momento em que tudo o preocupava, menos a vontade de reformar pelo simples desejo de derrocar o que estava de pé.

Nem, com justiça, esta accusação contra mim pode ser formulada.

Eu collaborara, outr'ora, em tudo quanto ainda encontrei vigorando.

A reforma de 2 de Janeiro de 1899, decretada no governo do eminente Sr. Dr. Paes de Carvalho, e mantida, com modificações de pequeno valor e tendentes a accommodal-a á actual organização administrativa, pela de 17 de Fevereiro de 1903, teve em mim seu principal cooperador, por força das funcções que então exercia como director geral da instrucção publica, e, quando decretada, referendei-a no character de Secretario do Estado. O programma ensinado nas escolas primarias, até o anno passado, foi elaborado por uma commissão de professores que funcionou sob a minha presidencia.

Se disto alguma cousa resalta, é a exigencia de meu espirito em materia de theorias, mas o caso não comporta censuras; antes é de louvar esta tendencia progressista.

No terreno das idéas o mundo é scenario de continuas mutações, e quem com elle não avança, retrograda.



Não tem sido apenas para a face intellectual do ensino que hei voltado a minha attenção.

Vem merecendo especiaes cuidados de minha parte o desenvolvimento physico das crianças, pelo exercicio diario de gymnastica escolar.

Antes mesmo de decretada a reforma que a incluiu entre os ensinamentos prodigalisados nas escolas primarias, eu havia provocado uma reunião dos directores dos grupos escolares da Capital, com a assistencia dos inspectores escolares, na qual chamei especialmente sua attenção para o assumpto, até então completamente descurado nos nossos estabelecimentos de ensino, onde os recreios nada mais eram que momentos de palestras entre os mestres, com o abandono dos alumnos

nas proprias aulas, sob a inspecção de um delles, escolhido pelo professôr, ou mesmo sem nenhuma inspecção.

Fiz-lhes vêr quanto de vantajoso e indispensavel ha em ser mantido particular cuidado com o desenvolvimento physico das crianças, mandando que se transformassem os recreios, no intervallo das aulas, não só em fonte de hygiene pelos movimentos, como tambem em repouso para o cerebro.

Mandei mais que durante o recreio os alumnos, formados em turmas, sob a vigilancia dos respectivos professores, caminhassem a passos cadenciados, segundo as regras da gymnastica, desenvolvendo desta forma o organismo, sem prejuizo para a saude, como era frequente nas correrias ás soltas.

Com a publicação da reforma e do programma foi melhor methodisada essa parte da educação, e hoje, em muitos estabelecimentos, ella é feita em condições satisfatorias.

Fiz aquisição de livros especiaes para este ensino, segundo os mais modernos processos, afim de serem distribuidos pelos estabelecimentos do governo.

Pena é que a mór parte dos predios onde funcçionam os grupos escolares não disponham de área em condições de permittirem a prática intelligente de tão util quão recreativa disciplina



Para perfeita execução da reforma de 28 de Abril, quer no que diz respeito ao ensino, quer em relação a outros pontos tenho expedido diversas instrucções, algumas escriptas, outras verbaes, por occasião das visitas que hei feito aos estabelecimentos, ou directamente aos seus directores.

Assim, attendendo a que as aulas, nos grupos escolares, em cada secção do curso elementar, masculina e feminina, não correspondem ao numero de annos em que elle é dado, recomendei, para melhor ordem no ensino, que os alumnos fossem divididos por classes, conforme o respectivo adiantamento, confiando-se a cada professor e respectivo adjuncto turmas mais ou menos iguaes.

Desta forma, nos grupos da capital a professora da 1ª escola elementar, de cada secção, e respectiva adjuncta, leccionam os alumnos do 1º anno, as da 2ª os alumnos do 2º anno e as da 3ª os do 3º e 4º annos, com divisão igual no serviço.

Nos grupos do interior faz-se diversamente, porque são apenas duas as escolas elementares em cada secção: na 1ª escola são reunidos os alumnos do 1º e 3º annos, na 2ª os do 2º e 4º.

Em regra, esta distribuição consulta, por toda parte, uma equitativa divisão do trabalho, que, na applicação dos novos programmas, maior actividade exige da parte dos docentes.

Ella permite que os alumnos de uma mesma aula, tendo o mesmo grau de adiantamento, deem em commum as lições práticas escriptas e oraes, tendo sempre a attenção voltada para o que lhes ensina o profssor.

Anteriormente, cada escola elementar abrangia alumnos dos quatro annos do curso, e disso resultava que os de um anno só se mantinham attentos para a parte do ensino referente á sua classe, porque as lições dos outros annos do curso nenhum interesse lhes despertava.

E' facil de comprehender quanto o processo modificado difficultava o ensinamento.

Para completa uniformidade, em todas as escolas, da medida adoptada, expedi circular, em data de 26 de Maio, aos directores dos grupos recommendando que nos referidos estabelecimentos se praticasse o que foi determinado ao de S. Miguel do Guamá, no officio seguinte:

Belem, 23 de Maio de 1910.

*Sr. director do grupo escolar de São Miguel do Guamá.*

Respondendo vosso officio n. 21, de 12 do corrente mez, declaro-vos que os alumnos podem ser matriculados em qualquer das escolas elementares do grupo, seja qual fôr a idade, visto não encontrar assento no regulamento do ensino primario, que baixou com o decreto n. 1689, de 28 de Abril ultimo, a designação—escola infantil. As necessidades actuaes do ensino, para maior facilidade na applicação dos programmas, antes exigem que sejam elles reunidos na mesma escola, sob a regencia da mesma professora, segundo o anno do curso que frequentarem, e sem attenção ás idades. Nos grupos escolares do interior, que, como esse, possuirem apenas duas escolas elementares de cada sexo, a cada uma das professoras devem ser confiados dois dos annos do curso, attendido o numero de alumnos matriculados, de modo a evitar-se que uma professora fique sobrecarregada de mais trabalho que a outra. Como geralmente o anno de maior matricula é o primeiro e o menor é o quarto, podeis entregal-os á regencia de uma professora, ficando a cargo da outra o segundo e terceiro. Se algum inconveniente virdes nesta distribuição, resolvereis do modo que mais vantajoso ao ensino julgardes, dando-me sciencia da fórma por que procederdes.

Sobre o mesmo assumpto foi expedido, posteriormente, ao director do grupo escolar da cidade de Santarém, officio em se lhe recommendava não reunisse alumnos dos quatro annos elementares numa só escola, sem a devida seriação, exigida pelo novo methodo de ensino.





# História da Terra

(DE L. BROTHIER, trad. especial para a Revista)

## PRIMEIRA LIÇÃO

### Época pre-histórica

O sentimento que nos faz querer saber o que fôram e o que fizeram os homens que nos precederam, é o mesmo que nos leva a indagar como era, noutros tempos, o theatro onde se agitavam as gerações passadas, e isto porque sentimos, invencivelmente, que a história da Terra está estreitamente ligada à história do gênero humano, e porque, realmente, a experiência nos demonstra que qualquer modificação do clima, por exemplo, implica na ordem social modificações de usos e costumes, que exercem uma incontestável influência sôbre os acontecimentos.

Mas será em verdade exacto que o globo terrestre tenha a sua história? Si considerarmos a Terra como obediente argila amassada pela mysteriosa mão de um todo poderoso oleiro, o título que escolhemos é ridículo, porque as coisas mortas não têm história. Nós consideramos pois o nosso planêta como um *ser vivo*, já que temos a pretensão, de lhe traçar a história. Esta opinião, que foi a de Platão e de quasi todos os philosophos da antiguidade, e á qual compartilham, modernamente, numerosos pensadôres, só parece paradoxal, porque formamos uma idéa falsa do que é a vida. Como ella se manifesta mais particularmente em nós pela sensibilidade, persuadi-mo-nos que è a sensibilidade a sua condição primordial; mas é isso uma supposição puramente gratuita e que os factos contradizem. Uma pessoa que se encontre sob a acção do clorofórmio, tem a sensibilidade inteiramente destruída, mas não a vida, e d'outro lado, como duvidar que as plantas, que não parecem em absoluto sensiveis, não sejam no entanto seres vivos?

O carácter essencial da vida não é a sensibilidade, mas o desenvolvimento, o progresso. Se a Terra nos parece morta é que, em nossa época, seu desenvolvimento, não tendo outra via senão a da evolução lenta e insensível, escapa á nossa vista. Já isso não acontecerá quando, guiados pelos ensinamentos da sciência, vemos essa enorme massa passar successivamente por fases análogas ás diversas fases do desenvolvimento orgânico, quando observamos a consolidar-se, modelar-se e embellezar-se segundo as leis duma physiologia especial e em virtude de uma actividade que lhe é própria. Esta inexplicavel anomalia, que faria de uma substância absolutamente morta a fonte e o sustentáculo de toda a vida, nos parecerá então uma destas aberrações que nem a vivaz influência das superstições têm hoje o poder de mantêr.

Como as histórias das nações, a história da Terra se baseia em documentos authênticos, em monumentos, dos quaes uma crítica san chega a descobrir a verdadeira significação;— mas, assim como a história civil, a história natural, ao iniciar-se, deve de recorrêr á hypóthese, e de não avançar senão hesitando, á luz sempre incerta das analogias.

A questão das origens será eternamente uma questão insolúvel para o homem, que arrastado por uma irresistivel curiosidade, sempre quís, no entanto, resolvel-a. Outrora, a qualquer pergunta desta natureza, uma resposta estava sempre pronta: Deus quis que assim fosse. Depois disso não podíamos senão submettermo-nos e calarmo-nos. Todos os livros sagrados começam por uma *Gênese*, na qual nos mostram Deus creando ou construindo a terra, e fazendo que ella seja, desde o seu primeiro dia, tal qual a vemos hoje.—A idéa que o nosso século faz da natureza e da perfeição de Deus, não mais nos permite de crêr nesse capricho, que, arrancando-o á sua eterna ociosidade, o decidia a emprehender o incomprehensível milagre da criação, embora se reservando um repouso final. Parece-nos mais religioso pensar,—ao envez de recorrer a essas fantasmagóricas scênas theatraes,—que Deus só se manifesta ao mundo pela permanência das leis da natureza, que são tambem suas leis.

A mais geral dessas leis, é que todo o ser vivo traz a sua origem de um acto geradôr. Porque faria a Terra única excepção a essa lei universal? Porque não accetar essa im mensa fonte de calôr e de vida que é o sol, como princípio dessa familia de planêtas, que, como a criança ao seio materno, parecem ainda suspensos em seus raios?

Esta hypóthese é a que, por uma fórmula exclusivamente mecânica, exprimia o immortal Laplace, e que ainda hõje adoptam todos os sábios. O sol, como nol-o mostra o telescópio, é composto de um núcleo líquido ou sólido, circundado de duas atmospheras gazosos, das quaes a exterior chamada *photosphêra*, é luminosa, sendo obscura a interior. Os astrónomos concordam em considerar os planetas como porções que se despegam dessas duas atmospheras, e são lançadas ao espaço pela acção da força centrífuga.

A hypóthese, sob esta fórmula, tem a vantagem de explicar por que as órbitas dos planetas se encontram todas em planos que se aproximam do plano do equadôr solar; mas ella pecca pela sua impotência em explicar porque esta projecção de matéria gazosa teve logar de preferêcia em certa época, antes que em qualquer uma outra; difficuldade esta que as theorias puramente mécanicas nao podem resolver, mas que para logo desaparece quando transportamos a questão para o terreno physiológico. Sob este ponto de vista, comprehende-se facilmente que os planêtas hajam successivamente saído do seio materno, a medida que decorreram os tempos fixados para a sua gestação. Do que se não pode duvidar, é que as leis da mecânica e da physica tenham presidido a esse acto; mas que ellas fossem as únicas a presidil-o, é o que se não pode admitir, por pouco que se tenha o sentimento da vida universal.

A nossa gênese, começará pois por esta hypóthese, que pelo menos tem o mérito de estar ligada a todos os factos conhecidos, pelas mais estreitas analogias, e de assim render homenagem a permanência das leis da naturêza: *N'aquelle tempo, o sol CREOU a terra.*

E o seu segundo versículo: *E a terra nada mais era senão uma massa gazosa e incandescente*, já não mais pertence ao domínio da poesia, e pode desde já ser provado pelas mais legítimas inducções tiradas da experiência.



Por toda a parte em que se cavou a terra, descobriu-se que a medida que se lhe descia em profundidade, mais se lhe augmentava a temperatura. Ficou provado que este augmento de temperatura é de um gráu, centigrado, por cada 33 metros, de onde resulta,—admittindo que este accrécimo se continue de uma maneira unifórme,—que no centro da terra, o calôr seria de 193.234 gráus, calôr que excede tudo o que nossa imaginação pôde avaliar, e, suppondo mesmo que este accrécimo de temperatura diminua ou cesse absolutamente em certa profundez, a qual seria por exemplo a quinta parte do ráio terrestre, ainda assim o calôr attingiria nesta profundidade cerca de 3.800 gráus, isto é, seria elle superiôr ao que podemos produzir em nossos laboratórios, e ao qual nenhuma substância conhecida pode resistir. Se assim é, e o derramamento das lavas pela cratera dos vulcões não deixa dúvidas de que a uma pequena profundez o calôr seja bastante intenso para manter em estado de ignea fusão os mais refractários rochedos; se assim é, como se torna evidente, que durante os milhares de séculos que nos separam do dia do nascimento da Terra, esse calôr deve de ter consideravelmente diminuído,—é evidente tambem, que nessa época elle devia de ser assás intenso para manter em estado gazoso ou de vapor todos os corpos que sómente encontramos, de nossos dias, em estado sólido ou em estado líquido.

A Terra, ao começo, não passava de uma massa gazosa, e esta massa era enorme, pois é já sabido que os sólidos ou líquidos augmentam consideravelmente de volume quando passam ao estado gazoso. Para o espectador collocado em um dos planêtas mais velhos que a Terra, esta lhe pareceria incomparavelmente maior que o sol, e se o mesmo espectador se podesse transportar para uma das estrellas fixas que brilham a diversas centenas de milhões de léguas longe de nós, a Terra se lhe apresentaria sob o aspecto duma destas transparentes nebulosas que Herschell considerava como mundos em via de formação.

Mas como estes gazes se teriam condensado acabando por formar o globo terrestre? A esta questão, como ás demais que se vão seguir, não poderemos responder senão incompletamente, porque as leis physiológicas do reino sideral,—graças ao preconceito que fazia considerar os astros como corpos brutos e privados de vida, como se fossem elles grandes cadáveres errantes no espaço,—nunca tendo sido estudadas, sómente nos prestam auxilio em nossas investigações, dados fornecidos pela chímica e pela physica. Como d'outro lado está mais que evidente que tudo se relaciona na naturêza, e que nenhum ser, seja qual elle fôr, não se pode desenvolver unicamente pelas suas próprias forças e sem o auxilio de todos os outros seres, e como, a não ser as leis da attracção, vivemos numa ignorância quasi completa das relações que os mundos mantêm entre si, é impossível não ficar insolúvel uma grande parte do problema, e por conseguinte patentear que a nossa sciência actual, por mais adiantada que ella esteja, e sem que por isso seja falsa, não é mais do que uma mêmia sciência. Com esta restricção, que era de nosso dever fazer, entraremos no assunto que estudamos.

O resfriamento basta para explicar a condensação successiva das camadas gazosas das quaes se compunha o que é hõje o nosso planeta. Faltaria dizer, é verdade, porque este resfriamento teve lugar; e mais, mostrar em que se transformou essa enorme quantidade de calôr perdido; e ainda, descrevêr a natureza do mêmio no qual se banhava a Terra quando em estado gazoso, e que acção este mêmio podia exercer sobre ella. Mas são justa-

mente estas lacunas que a sciência é incapaz de preencher, visto o estado de imperfeição em que actualmente ainda se encontra.

Ao centro da nebulosa terrestre, o resfriamento deve de ter acabado por formar um núcleo de matérias em fusão. Que a Terra na sua segunda fase genesiaca, tenha passado pelo estado líquido, ou pelo menos pastoso, temol-o claramente demonstrado pelo facto de seu achatamento nos polos.

A terra deve ter sido desde o seu princípio, como ainda o é hõje, animada de um movimento de rotação sôbre o seu eixo; ella deve ter tido sempre uma fórma mais ou menos esphérica. Ora, sabemos-o já, todas as forças de uma esphera são attraídas para o seu centro por uma força chamada *força centrípeta*. Se esta esphera gira sobre si mesmo, este movimento de rotação dá logar a uma outra força, que é denominada *força centrífuga*, cuja tendência é, ao contrario, de afastar estas mesmas partes do seu centro, da mesma fórma que a pedra collocada numa funda quer escapulir da rêde de couro em que se acha presa.

Se estas duas forças contrárias fossem absolutamente eguaes em intensidade, destruir-se-iam mutuamente, e em nada seria alterada a forma esphérica; isso porém se não dá, porque a força centrífuga está em constante relação com a velocidade da rotação, e a *velocidade*, isto é, o espaço circular percorrido na unidade do tempo pelas partes do globo terrestre circunvisinhas do equador, é evidentemente maior que a velocidade das partes da terra que ficam perto dos polos. Se a força centrífuga, agindo sob esta última região, contrabalança exactamente o força centrípeta pela qual ellas são tambem attraídas, claro está que o mesmo não acontecerá na proximidade do equadôr, onde a velocidade,—e por conseguinte a força centrífuga,—é maior, em quanto que a força centrípeta, não variou, pois que é sempre egual em todos os pontos da superfície da Terra. As partes situadas para as bandas do equador, tenderão sempre a se afastar do centro da esphera, e obedecerão a esta tendência, se, permanecendo ainda em estado liquido, ellas poderem deslizar livremente umas sobre as outras. A esphera augmentará de volume no equadôr, ou, o que vem a dar no mesmo, será achatada nos polos.

O que realmente maravilha, é que os sábios do século XVIII, partindo destes princípios, e auxiliados unicamente pelos cálculos, tenham chegado a determinar o tamanho exacto desse achatamento. E as mais precisas medidas confirmaram, posteriormente, a exactidão de suas previsões! Ora, repitamol-o uma vez mais, só se explica este achatamento, no caso em que a Terra, quando elle se produziu, estivesse em estado fluido, porque um bloco sólido, como por exemplo uma bola de bilhar, poderia girar a vontade sobre si mesmo, que a sua fórma, com certeza, não seria por isso modificada. A' época em que foram feitos os cálculos de que falamos, alguns sábios aventaram a ideia de que, se o globo estivera em estado pastoso ou fluido, devíamos attribuil-o a presença das águas que impregavam a Terra, e que a transformavam num immenso monte de lama. Hoje, já ninguem participa dessa maneira de ver—e a natureza vítrea das rochas mais profundamente escondidas no seio da terra, os evidentes signaes de fusão ignea que ellas apresentam, a existência de seu calor central, e mil outros factos, que seria supérfluo numerar, demonstram, que o globo—não sómente foi outr'ora, mas ainda hõje é, interiormente, mais fluido que as lavas dos vulcões.


O globo nesses tempos primitivos, apresentava o aspecto de um mar em chammas, sem limites e sem margens, agitado por tempestades perpétuas —causadas pelas mil reacções químicas que necessariamente se deviam operar em seu seio. No entanto, com a continuação, o resfriamento deve de ter principiado a coagular a superfície terrestre, e d'aí formar fulgurantes bolas de gêlo, que, embatendo-se mutuamente e quebrando-se umas nas outras, a cabariam alfim por se soldarem entre si, como os gelos polares, que acabam por formarem immóveis massas glaciaes, máu grado a agitação das ondas.

Em torno desse primeiro invólucro sólido, inteiramente rugoso e eriçado, que fazia o nosso planeta assemelhar-se a uma enorme massa de scórias ardentes,—turbilhonava certa atmospherá duma espessura incomparavelmente mais pesada que a da atmospherá que hõje nos circunda; e isto porque, misturados ao ar que respiramos agora, e que era em outros tempos enormemente dilatado, essa atmospherá conservava suspensos o mar inteiro, ainda em estado de vapôr, immensas quantidades de terras e de saes reduzidos ao estado gazoso, e que se não haviam ainda sufficientemente resfriado, para que se condensassem.

Os mais pesados e espessos vapores obscureciam a parte inferior desta atmospherá, da qual, ao contrário, os gazes mais leves, mais inflamáveis, occupavam a parte superior, onde formavam uma verdadeira phostospherá análoga a que havia no sol. Era então a Terra um astro luminoso por si mesmo, uma verdadeira estrella. Este estado não persistiu, mas nada ha nisso que nos surprehenda, porque o mesmo facto já algures se nos apresentou, e os astrónomos contaram no céu muitas estrellas luminosas outr'ora, e cujos fogos se acham, de nossos dias, apagados.

Quem poderá descrever as scenas admiraveis e terríveis que se passaram nessas regiões necessariamente desordenadas pelas trovoadas, e das quaes as nossas tempestades equinociaes não nos poderão sequer dar a mais leve idéa do que tenham ellas sido? Furiosos ventos geraes, produzidos pela extrema velocidade do movimento de rotação das camadas atmosphéricas superiõres, —deviam de rasgar nuvens mil vezes mais densas e sombrias do que as que em actuaes dias de inverno pezam sobre as nossas cabeças, e de formar, em torno do globo nascente, faixas análogas as que vemos na superfície de Júpiter. As combinações que a cada momento se produziam, davam logar a um enorme desenvolvimento de electricidade que se manifestava por chammejantes auroras boreaes, e por espantosos roncões de trovões, emquanto que d'outras bandas, por entre neblinas metállicas e trombas aéreas, rútilos vapores se vinham apagar, estas scenas, cuja apavorante magnificência, nenhum pincel humano poderá jamais representar.

Em meio dessa desordem apparente, a ordem reinava no entanto, pois que o resfriamento se continuava; a crosta terrestre tomava maior consistência, e chuvas d'água fervendo carregadas de matérias salinas e terrosas, contribuían, pouco a pouco, para que a atmospherá se purificasse.



## PREGUIÇA

1

A PREGUIÇA, INDA DE PEITO,  
MUITO CUSTOU A CRIAR !  
QUASI QUE MORREU DE FÔME,  
COM PREGUIÇA DE MAMAR.

2

PREGUIÇA, JÁ CRESCIDINHA,  
QUANDO POR SEU PÉ ANDAVA,  
NÃO ERA ANDAR ! MAIS PAR' CIA  
QUE TODA SE ESPREGUIÇAVA...

3

PREGUIÇA, FOI Á LIÇÃO :  
—LER, ESCREVER E CONTAR ?  
DEIXAVA A MEMÓRIA EM CASA,  
COM PREGUIÇA DE A LEVAR !

4

PREGUIÇA, FOI CONFESSAR-SE :  
—“FEZ EXAME DE CONSCIENCIA ?”  
—“NÃO FIZ, MEU PADRE ! MAS FAÇO-O  
AMANHÃ... TENHA PACIENCIA.”—

5

PREGUIÇA, APRENDEU COSTURA :  
MAS, SEMPRE QUE COSTURAVA,  
SÓ PARA NÃO PÔR DEDAL,  
SEMPRE OS SEUS DEDOS PICAVA.

6

A MÃE RALHOU Á PREGUIÇA  
PORQUE SE NÃO PENTEARA ;  
TORNA-LHÊ ELA :—“HA QUANTOS DIAS  
E' QUE A MÃE NÃO LAVÁ A CARA ?”—

7

PREGUIÇA, MORTA DE SOMNO,  
QUASI DE SOMNO MORRIA :  
SÓ POR NÃO FECHAR OS OLHOS,  
QUANTAS NOITES NÃO DORMIA !

8

A PREGUIÇA, MUITO A CUSTO,  
FEZ A CAMA, E SE DEITOU ;  
PARA NÃO MAIS A FAZER,  
NUNCA MAIS SE LEVANTOU.

9

A PREGUIÇA, ABRIA A BOCA,  
COISA EM QUE ELLA ERA MAIS CERTA .  
MAS DEPOIS—P'RA A NÃO FECHAR—  
FICOU SEMPRE “BOCA-ABERTA”

10

A PREGUIÇA E O DESMAZÊLO  
JUNTARAM-SE EM CASAMENTO :  
LEVANDO OS DOIS, EM BOM DOTE,  
UMA MÃO-CHEIA DE VENTO.


11

PREGUIÇA TEVE DOIS FILHOS :  
OH QUE SANTA GERAÇÃO !  
Á MAIS VELHA, DONA FOME ;  
O MAIS NOVO, DOM LADRÃO.

12

QUANDO A PREGUIÇA MORRER,  
ATÉ O MONTE MANINHO,  
ATÉ FRAGUEDOS DA SERRA  
DARÃO ROSAS, PÃO E VINHO.

Antonio Corrêa de Oliveira.



# O Ensino do Desenho

Abrindo na cidade do Porto, em Portugal, á visitação publica, uma exposição de desenho e pintura organizada com os trabalhos dos seus discipulos, o professor Arthur Loureiro fez preceder o catalago da referida exposição de conceitos e commentários que, por muito opportunos, julgamos de bom serviço transcrever para nossas columnas.

Hoje que, entre nós, o ensino do desenho se desenvolve de fórma promissora, graças ao estímulo advindo das Exposições Escolares, benemeritamente instituidas pelo governo do Estado, vêmos nos conceitos expendidos pelo competente artista ensinamentos proficuos, que devem ser lidos com attenção por aquelles que se dedicam ao ensino e apprendizado dessa utilissima arte.

N'esta exposição de provas da applicação dos que têm frequentado esta escola predominam os desenhos, porque, sem desenhar bem, é absolutamente impossivel pintar bem.

Desenhar é representar, ou reproduzir por meio de linhas e valores, aquillo que vemos.

Para o conseguir, com exactidão e verdade, é necessario saber vêr.

Dois elementos essenciaes ha no estudo do desenho: a acção material da vista e da mão; e o trabalho intellectual, o habito de observar, com justeza, e de gravar na memoria essa observação, até que a mão a tenha reproduzido.

Copiar uma estampa, ou um desenho, é simplesmente reproduzir uma observação feita por outrem; este meio de ensino é incompleto; e póde ser imperfeito. Só se educa a mão; e póde educar-se mal, porque o discipulo imitará a maneira do desenhador primitivo do cartão que tem na sua frente, maneira que póde não ser perfeita.

Entre os trabalhos apresentados não ha um só que tenha sido copiado d'uma estampa, ou d'um desenho, mesmo de grande mestre.

Depois dos elementos indispensaveis de perspectiva, theoria e prática, e, quasi ao mesmo tempo, o discipulo principiou a desenhar do natural, a planta, a flôr, o modelo vivo e o gesso. Assim educa simultaneamente a vista e a mão; adquire o habito de observar; vê pelos seus proprios olhos, não pelos dos outros, como succederia, copiando uma estampa. E' o meio de originar e accentuar a individualidade

Em arte, ser pessoal é uma qualidade de capitalissima importancia, uma qualidade essencial, de todas a primeira

Em uma escola d'esta ordem, e que deve prevalecer é o que poderá chamar-se o ensino do *métier*, o manejo do utensilio, o meio d'expressar o character das coisas, levando o discipulo a tirar o maior partido das suas faculdades naturaes e desenvolve-las o mais completamente possivel.

A maneira de pôr a tinta, o toque, é d'uma importancia extraordinaria. Não é indifferente conduzir o pincel em uma ou outra direcção; descrever curvas ou rectas; pousar o pincel na tela, mais ou menos carregado de tintas e empregando maior ou menor pressão. E indispensavel que a maneira de tocar seja não só apropriada á substancia das coisas, mas tambem subordi-

nada ás dimensões da obra, variando para cada objecto, suggerindo, exprimindo, dando a qualidade.

Cada arvore tem o seu caracter differente, não só de fórma como de densidade de folhagem. Para indicar, para dar a ideia d'essa diversidade; é necessario variar a maneira de fazer. Não basta dar a impressão da arvore; é preciso fazer reconhecer a especie.

Como reproduzir, pelo mesmo trabalho do pincel, a elasticidade e transparencia da carne humana e a dureza d'um metal? a delicada fragilidade d'uma flôr e a solidez d'um tronco? Como differenciar o velludo do setim, o vidro do marmore? O toque é a calligraphia do pintor.

Todos os grandes mestres têm uma maneira differente de tocar, para exprimir e dar a qualidade particular do objecto; mas essa maneira é individual e caracteristica para cada um d'elles. D'ahi resulta o caracter inconfundivel da obra de cada artista.

Os italianos fizeram excepção; procederam de modo a não deixar transparecer o trabalho do pincel, o que afinal constitue, sob o ponto de vista do *métier*, a caracteristica da escola.

Os venezianos foram os primeiros que usaram outro processo; mas foi entre os flamengos e hollandezes que o toque adquiriu a sua maxima ousadia e individualidade.

Todos os processos devem ser ensinados, para que os discipulos, conhecendo-os, possam mais tarde seguir aquelle que melhor convenha ao seu temperamento artistico.

Entre os trabalhos apresentados n'esta exposição abundam os desenhos a lapis.

Este methodo tem sido um pouco descurado entre nós, talvez por se julgar um meio inferior d'expressão, o que é um erro evidente. Com a sua adopção tudo póde alcançar-se: qualidade, modelação, effeito.

Os recursos que elle proporciona ahi estão bem patentes, na reprodução de tão diversos e variados motivos.

O lapis é indispensavel ao paysagista, ao artista que trabalha ao ar livre, para o seu album de notas. Para este fim, para uma excursão ou viagem, o carvão, o processo classico, pela sua extrema fragilidade, seria absolutamente inutil.

Ao alumno e ao artista devem merecer especial attenção os estudos das plantas, das folhas e flores. Já Bernard de Palissy dizia que d'este mundo coisa alguma tanto o deleitava como o seu jardim.

O elemento floral na decoração tem, de ha annos a esta parte, adquirido uma importancia cada vez maior.

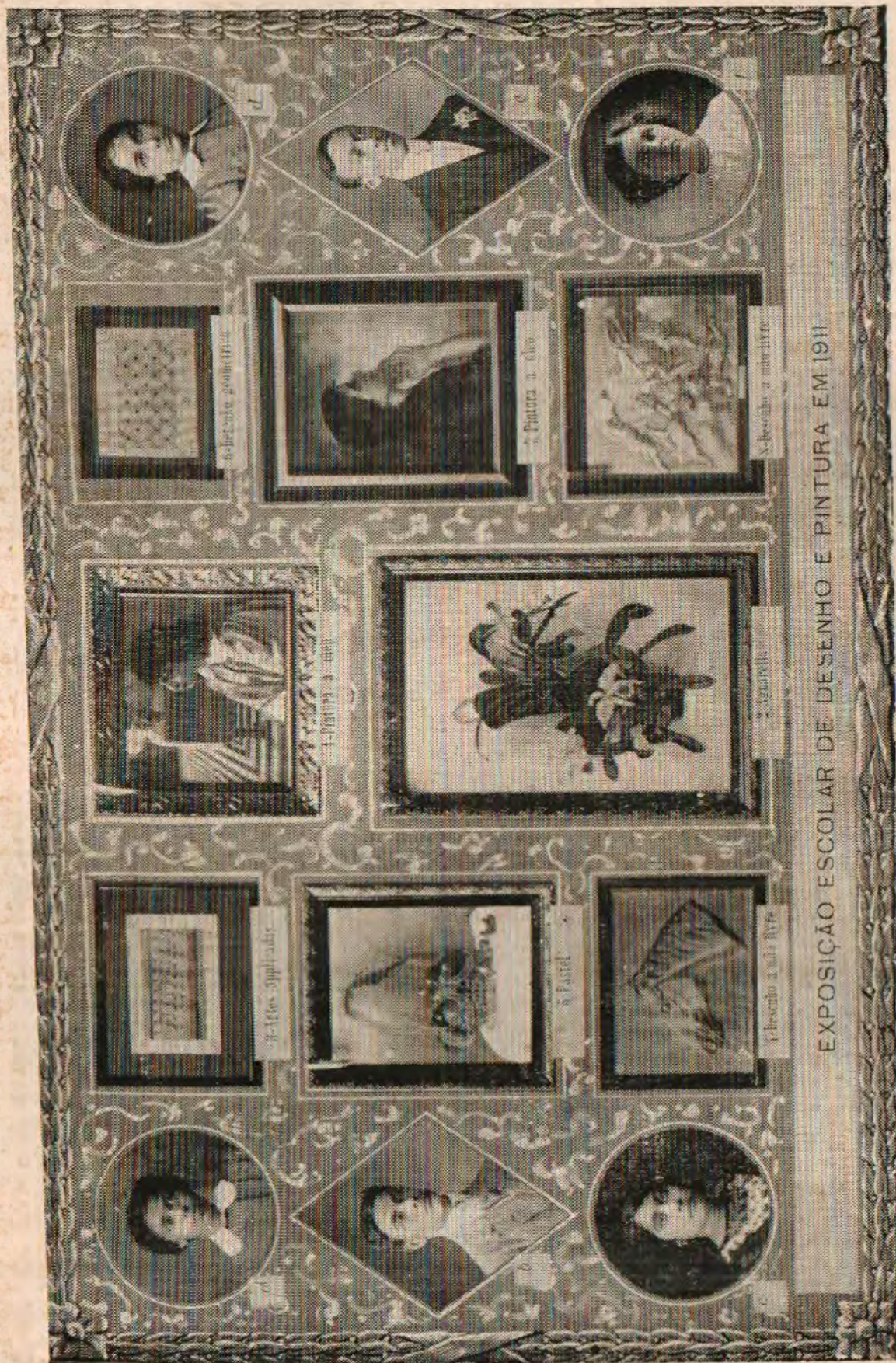
Nas escolas estrangeiras fazem-se rigorosos estudos da planta, do natural, tanto no conjuncto como no detalhe, para a sua applicação ornamental.

Em algumas, ha cursos especiaes de flora, fauna e paysagem decorativa, como em Bruxellas e em South Kensington, por exemplo, tendo com isso aproveitado immensamente a ourivesaria, a ceramica, a marcenaria, os bordados, o ferro forjado, todas as industrias emfim.

E' devéras lamentavel que em Portugal não se tenha seguido este exemplo.

Nas nossas escolas industriaes não ha uma cadeira de flora ornamental, indispensavel aos decoradores, util e necessaria a algumas das bellas artes e especialmente ás artes de adôrno.

Cumpre accentuar que alguns dos estudos patentes n'esta exposição foram executados pelas alumnas em suas casas, ou no campo, longe dos olhos do professor; em sua opinião, testificam elles o aproveitamento real e effectivo das educandas, o resultado livre do ensino recebido.



EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE DESENHO E PINTURA EM 1911

**EXPOSITORES:** — a/ ESPERINA COSTA; 1 e 2. PRIMEIROS PREMIO DE ÓLEO E Aquarella, b/ LAURO ROSADO; 3. SEGUNDO PREMIO DE artes applicadas, c/ ANTÓNIA SILVA; 4 —SEGUNDO PREMIO DE desenho a mão livre, d/ VIOLETA SANTOS; 5 —SEGUNDO PREMIO DE pastel, e/ A. CALANDRINI DE AZEVEDO; 6 —SEGUNDO PREMIO DE desenho geometrico, f/ LOURDES D'OLIVEIRA; 7 —SEGUNDO PREMIO DE óleo, — O. Nº 8 ORBEVE O 4.º premio de desenho a mão livre, 9.º premio de desenho a mão livre, 10.º premio de desenho a mão livre, 11.º premio de desenho a mão livre, 12.º premio de desenho a mão livre, 13.º premio de desenho a mão livre, 14.º premio de desenho a mão livre.

Quem os examinar bem virificará a differença de character que entre si alguns apresentam.

Reconhecerá que, embora produzidos sob a influencia d'uma direcção commum, não foram traçados por uma só mão.

Nota-se já a tendencia para a individualidade, originada pelo constante estudo do natural, sem se ficar perpetuamente acorrentado ás formulas, preconcebidas e obrigatorias do ensino ministrado, começando do mesmo passo a esboçar-se as aptidões especiaes.

Presumimos que deve ser esta a unica orientação de toda a educação artistica, para ser solida, racional e fecunda.

ARTHUR LOUREIRO



## *Nótulas d'Arte*

### Exposição escolar de Desenho e Pintura

A um observadôr de nossa vida social, que abraçasse a totalidade de sua expansão activa, tanto nos apprehendimentos, fundações, como na elaboração de minuscularias,— uma verdade mui assentada se depara: que ao brasileiro só uma coisa falta— a *educação*. E a esta palavra se deve emprestar, aqui, o lato sentido que lhe dão ingleses. De facto, não é ingénita aptidão, nem mallogro manual, tão pouco retardo na iniciativa, que nos antolham o caminho, entardecendo a peregrinação na esteira do progresso. Os nossos artistas ou artesões têm quasi sempre perícia técnica, desdobre de imaginação creadora ás vezes, zeloso esmero no amanhar e dispôr o conjuncto do feito ou fabricado; mas fallecem-lhe o gosto, a sciência disciplinada das proporções, o presentimento immediato do bello, ou simplesmente do *bonito* e gracioso; desconhecem o segredo reveladôr da harmonia expressiva, não têm enfim, *educação esthética*. No entanto, esta educação artística, tão descurada de governantes, é o factor mais efficaz de nossa melhora industrial, a par do alevante de nosso senso intellectual.

A deficiência do discernimento esthético em geral, nos traz a pervessão do sentimento do bello. Tudo applaudimos com o mesmo indifferente entusiasmo. Sendo a selecção um producto do *espírito de analyse* do observador, raramente a pratica o brasileiro, solto nos êrros, pois que, a uma, a crítica dos entendidos é de lisonjaria ou de invectiva pebléa, não



educando, portanto; a outra, a arte em que de ordinário o exercitam, põe-no no trato assíduo das coisas feias, estirpando-lhe o instinto de belleza, que por ventura lhe velasse o somno da sensibilidade artística.—A nossa vida é despida de conforto; o gosto popular reveste-se ainda duma irritante reminiscência atávica.

Esses conceitos vem á tona para assignalar as vantagens que trazem á educação pública os certamens d'arte. E não sabemos de actividade mais nobilitante nos tempos modernos que essa de emprehendimentos tendentes á missão civilizadora do espirito nacional.

E' do mais encorajador resultado, a *terceira exposição escolar de desenho e pintura*, inaugurada a 7 de setembro findo, na sala de honra do Theatro da Paz.

Annos passados, julgar-se-ia uma idéa insensata a criação de exhibições annuaes desta natureza. E' incalculavel o summo beneficio que trará ao desenvolvimento do gosto e á faculdade de critica, estas exposições. E mais que d'esta feita, nas anteriores, o certamen se apresentou tendente a cumprir o seu papel educadôr da juventude.—Sobre trabalhos desta ordem a annotação deve ser antes de feição geral, pairando na esphera esthética, que propriamente analytica, descendo a lidar na técnica do desenho pictural.

Ainda assim, observaremos que nos trabalhos exceptuados distinctamente pelo jury julgador, os de dd. Estrina Costa, Lourdes d'Oliveira, Maria Ferreira e de Floduardo Costa merecem destacados. Nos primeiros se poderia notar, sem nelles tachar maior defeito, que a decoração ainda é equívoca e o desenho sem justeza decisiva. As figuras, porém, já começam a *vivêr*, á luz duma expressão que o tempo, a frequência no manejo do pincel, a educação do olhar na sciência da perspectiva, a maior intrepidez em surprehender o claro-escuro, a acuidade específica, a familiaridade quotidiana com as tintas na riqueza dos *valôres* chromáticos para um parentesco mais proximo entre as gradações de luz e o colorido das sombras,—farão mais exacto o *toque*, apropriando-o á essencia das coisas, empres-tando assim ás imagens maior *largueza* no movimento, outra iluminação, accordes com o *estado* expressional que se lhes quís emprestar.

Nos demais trabalhos, quer de simples contorno linear, quer de plantas ornamentaes, ha promissoras incipiciências, tacteios juvenis que promettem.

«Os alumnos que desejam progredir, esreveu mestre Leonardo da Vinci, na sciência imitadora das figuras da natureza, devem ser attenciosos, no desenho, á sombra e ás luzes que convem ao logar onde estão situadas as figuras.» Guardando estas palavras do grande sábio da Renascença, os jovens expositores devem não esquecer que o primeiro signal de vida na arte é a originalidade.

Um murmúrio de voz pessoal num esbôço, mais vale que o acabado de obra em que resôe o timbre d'alto registo de mestres-de-côro.

JORIS KORIS



O resultado final da classificação proferido pelo Jury julgador do referido certamente foi o seguinte:

### **Pintura a óleo**

*1º premio*—n. 902—Estrina A. Costa, educanda do Instituto Gentil Bittencourt, estudo de cabeça com decoração ao fundo.

*2º premio*—n. 687—Lourdes de Oliveira, alumna do professor Carlos de Azevedo, *portrait* de expressão.

### **Aquarella:**

*1º premio*—n. 904—Estrina A. Costa, educanda do Instituto Gentil Bittencourt—catalêas.

*2º premio*—O jury julgou nenhum trabalho merecer este premio.

### **Pastel:**

*1º premio*—O jury, por unanimidade, resolveu não conferir este premio por achar que nenhum trabalho o merecia.

*2º premio*—n. 900—Violeta Santos, educanda do Instituto Gentil Bittencourt—maças.

### **Desenho a mão livre:**

*1º premio*—n. 943—Maria Ferreira, alumna do professor J. Girard—estudo de movimento.

*2º premio*—n. 940—Antonia D. Silva, alumna da Escola Normal, professor Girard—cabeça de cavallo.

### **Desenho geometrico e de aguada:**

*1º premio*—n. 767—Floduardo Costa, educando do Instituto Lauro Sodré, professor Leonel Lima.

*2º premio*—n. 104—A. Calandrini de Azevedo, alumno do Collegio Progresso Paraense, professor Theodoro Braga.

*Premio infantil*—n. 872—Antonio Pennafort, alumno do 6º grupo escolar.

### **Artes applicadas:**

O jury resolveu, por unanimidade, conferir um 2º premio a esta seção, não comprehendida no regulamento, o qual coube ao n. 148—Lauro Rosado, alumno do collegio Progresso Paraense, professor Theodoro Braga—estylisação.

### **Menções honrosas:**

109—Artes applicadas—Francisco Brazil—Collegio Progresso Paraense, professor Theodoro Braga.

115—Idem—Leonidas Albuquerque—mesmo collegio e professor.

153—Idem—Decarliense Araripe, mesmo collegio e professor.

225—Idem—Alvaro Figueiredo, mesmo collegio e professor.

363—Idem—Leonilla Siqueira, Orphanato Antonio Lemos.

688—Oleo—Lourdes de Oliveira, professor Carlos Azevedo.

- 882—Aguarella—Joanna P. Tavares, 6° grupo escolar.  
 899—Pastel—Oneglia G. Carneiro, Instituto Gentil Bittencourt.  
 901—Aguarella—Idalia Nunes, mesmo Instituto.  
 905—Oleo—Maria L. Silva, mesmo Instituto.  
 906—Oleo—Maria P. Leite, mesmo Instituto.  
 18—Desenho—R. Corrêa Lima, alumno do Instituto Amazonia, professor Theodoro Braga.  
 20—Idem—Murillo Pereira, mesmo Instituto e professor.  
 21—Idem—Anna Lima, mesmo Instituto e professor.  
 23—Idem—Laudomiro Valle, mesmo Instituto e professor.  
 52—Idem—Humberto França, mesmo Instituto e professor.  
 58—Idem—Carlos Pantoja, idem, idem.  
 61—Idem—Casemiro Cunha, idem, idem.  
 62—Idem—Arthur Bastos, idem, idem.  
 107—Idem—Francisco Brazil, collegio Progresso Paraense, professor Theodoro Braga.  
 113—Idem—José Saboia, idem, idem.  
 117—Idem—Leonidas Albuquerque, idem, idem.  
 135—Idem—Adalberto Pinheiro, idem, idem,  
 147—Idem—Lauro Rosado, idem, idem.  
 155—Idem—José Queiroz, idem, idem.  
 166—Idem—Edgard Porto, idem, idem.  
 169—Idem—Ernestina Almeida, idem, idem.  
 176—Idem—Lauro S. Gomes, idem, idem.  
 192—Idem—Raymundo Campos, idem, idem.  
 200—Idem—José Lyra Castro, idem, idem.  
 209—Idem—Sylvio Carvalho, idem, idem.  
 565—Idem—Jacques Telles, idem, idem.  
 590—Idem—Jovita Souza, idem, idem.  
 593—Idem—Scythia Militão, idem, idem.  
 596—Idem—Marina Antunes, idem, idem.  
 293—Idem—Hilton Aranha, curso do professor Theodoro Braga.  
 358—Idem—Fernando Mello, idem.  
 361—Idem—Candido Marinho, idem.  
 374—Idem—Raymundo Quadros, alumno do Gymnasio Paes de Carvalho, professor Carlos Azevedo.  
 375—Idem—Adelaide Guimarães, idem, idem.  
 376—Idem—Everardo Carvalho, idem, idem.  
 379—Idem—Thereza Cardoso, idem, idem.  
 380—Idem—Antonio Klautau, idem, idem.  
 386—Idem—Augusto Barata, idem, idem.  
 388—Idem—Antonio J. Cordeiro, idem, idem.  
 392—Idem—José A. Torres, idem, idem.  
 394—Idem—Abelardo Elleres, idem, idem.  
 400—Idem—Salvador Oliveira, idem, idem.  
 396—Idem—Alba de Mello, curso do professor Carlos de Azevedo.  
 685—Idem—Regina Oliveira, idem.  
 686—Idem—Regina Oliveira, idem.  
 627—Idem—Antenor C. Cruz, collegio Sagrado Coração de Maria.  
 630—Idem—Antonio B. Cardoso, idem.  
 632—Idem—Etelvina Leite, idem.  
 638—Idem—Domingos Corrêa, curso da professora Cloris Silva.  
 640—Idem—Luiz Travassos, Collegio Nacional.  
 641—Idem—Francisco O. Silveira, idem.



TERCEIRA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE DESENHO E PINTURA EM 1911 — UM PRECHIO DA GALERIA DE DESENHO A MÃO LIVRE: ASSIGNALADO PELA FAIXA BRANCA, O TRABALHO QUE MERECEU O 1.º PREMIO, NO MEDALHÃO, A SENHORITA MARIA FERREIRA, AUTORA DO DESENHO PREMIADO.

- 642—Idem—Leonel Pereira, idem.  
 645—Idem—José A. Pantoja, idem.  
 647—Idem—Tito Araujo, idem.  
 652—Idem—Raul Lemos, idem.  
 667—Idem—Arthur F. Costa, 1° grupo escolar.  
 668—Idem—Homero F. Lopes, idem.  
 317—Idem—Flavia Sodré Proença, 4° grupo escolar.  
 690—Idem—Ozino de Moraes, Escola de Aprendizizes Artifices.  
 691—Idem—João Prado Maia, idem.  
 693—Idem—Mario Oliveira, idem.  
 694—Idem—Romeu Cardoso, idem.  
 695—Idem—Raymundo H. Silva, idem.  
 699—Idem—Sosthenes Oliveira, idem.  
 766—Aguada—Floduardo Costa, alumno do Instituto Lauro Sodré.  
 775—Idem—Mamede Tinoco, idem.  
 780—Idem—Antonio Guerreiro, idem.  
 785—Idem—Romulo Silva, idem.  
 794—Idem—João P. Barbosa, idem.  
 890—Desenho—Marietta Penna, alumna do Instituto Gentil Bittencourt.  
 909—Idem—C. Miranda, alumna da Escola Normal.  
 912—Idem—Maria V. Carmo, idem.  
 913—Idem—Carmelita Nunes, idem.  
 916—Idem—Maria B. Miranda, idem.  
 931—Idem—Julieta Quaglia, idem.  
 952—Idem—Virginia Bahia, idem.  
 954—Idem—Joaquina C. Martins, idem.  
 955—Idem—Grasiella Mello, idem.  
 963—Idem—Magdalena Lage, idem.  
 966—Idem—Rosa Gondim, idem.  
 968—Idem—Rosa Moraes, idem.  
 969—Idem—Aida Souto, idem.  
 970—Idem—Julieta Manso, idem.  
 921—Idem—Altamira Cabral, alumna do Collegio Perseverança.  
 933—Idem—Julia Fernandes, idem.  
 938—Idem—Clarisse Mattos, idem.  
 942—Idem—Antonietta Macedo, idem.  
 944—Idem—Maria Ferreira, curso do professor J. Girard.  
 945—Idem—Nestor de Alcantara, idem.

Concorreram á exposição 970 trabalhos.  
 Foram em numero de 95 as menções honrosas conferidas.




---



---

**Proximamente teremos o ensejo de publicar interessante e valioso ensaio philosophico do nosso illustre collaboradôr dr. Moreira de Souza, sobre *Os Limites da Sociologia*.**

---



---

## *Pelo Magisterio*

### DECRETOS

—Setembro, 1911.

Dia 5—Ao director da Bibliotheca e Archivo Publico, Raul Paula Remigio de Bellido, fôram concedidos, em prorrogação, tres mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 11 — Tambem em prorrogação, foi concedida uma licença de quatro mezes, nos termos da lei, á normalista Primitiva Ordonez Buarque de Lima, professora effectiva da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Anajás, para tratar de sua saúde.

—Foi a normalista Candida Tavares Muniz nomeada para exercer, interinamente, o cargo de adjuncta no grupo escolar de 2.<sup>a</sup> entrancia da villa de Jgarapé-assú, visto não ter a normalista Josephina Joaquina Ribeiro, nomeada por decreto de 2 de agosto findo, que reorganizou o pessoal do referido grupo, accetado tal nomeação.

— A normalista Antonia de Lima Maia foi nomeada para reger interinamente a 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 1.<sup>a</sup> entrancia da cidade de São Caetano de Odivellas.

— Obteve trinta dias de licença, em prorrogação, para continuar o seu tratamento, a professora effectiva da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar de 2.<sup>a</sup> entrancia da villa do Mosqueiro, normalista Raimunda Silva.

Dia 15 —Fôram concedidos quatro mezes de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a contar de 16 do corrente mez, conforme requereu,— á normalista Idalina Augusta de Novaes Farias, professora da escola complementar mista do grupo escolar da cidade da Vigia.

Dia 19 — Havendo necessidade, para mais perfeito desempenho das respectivas funcções, de augmentar o Jury Julgador da terceira exposição escolar de Desenho e Pintura, foi resolvido que o mesmo seja constituido de 8 membros, sendo nomeados para compô-lo os professores — José Girard, Carlos Custodio de Azevedo, José Irineu de Sousa, Theodoro Braga, Francisco Estrada, Escobár de Almeida, e drs. Alfredo Souza e Fernando de Castro Paes Barreto.

Dia 26 — Approvando a resolução do Conselho Superior de Instrucção Publica, votada em sessão de 20 do corrente mez, e de accordo com o art. 100, § 1.<sup>a</sup>, letras *a* e *b*, e § 2.<sup>o</sup>, do Reg. geral do ensino primario, o sr. dr. governador do Estado concedeu vitaliciedade aos seguintes professores, que contam mais de dois annos de effectivo exercicio no magisterio publico do Estado:

normalista Margarida Lameira Ramos Martins, adjuncta da 3.<sup>a</sup> escola masculina do 2.<sup>o</sup> grupo escolar da capital;

normalista Philomena Barriga Simões, adjuncta da 2.<sup>a</sup> escola feminina do 6.<sup>o</sup> grupo escolar da capital;

normalista Maria do Carmo de Carvalho, adjuncta da 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina do mesmo grupo;

normalista Maria Serafina Marques do Espirito-Santo, adjuncta da 2.<sup>a</sup> escola feminina do grupo escolar do Mosqueiro;

normalista Raimundo da Cunha e Silva, professor da 2.<sup>a</sup> escola masculina do grupo escolar de Castanhal;

normalista Maria de Jesus Ribeiro, professora da escola complementar mista do grupo escolar de Igarapé-assú;

normalista Romeu Rodrigues de Andrade, professor da 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina do grupo de Mocajuba, servindo, em comissão, o cargo de director do grupo de Obidos; e

Joaquim Pedro Corrêa Bastos, professor da escola elementar masculina de Pacajá, no municipio de Cametá.

Dia 27—De accordo com a resolução do Conselho Superior de Instrução Publica, de 20 do corrente, e na fôrma do art. 151, § 1.<sup>o</sup>, do Reg. do ensino em vigor, obtiveram acesso da 2.<sup>a</sup> para a 3.<sup>a</sup> classe, com o augmento de 30 % nos seus vencimentos, visto contarem mais de vinte annos de effectivo exercicio no magisterio publico do Estado, os seguintes professores:

normalista Matheus José do Carmo, professor em disponibilidade da extincta 1.<sup>a</sup> cadeira do curso médio do ensino primario no Instituto Lauro Sodré, onde rege, actualmente, uma das respectivas escolas, em substituição ao serventuario effectivo;

normalista Angelica Virgilia Pereira Seixas, da 3.<sup>a</sup> escola elementar masculina do 2.<sup>o</sup> grupo escolar da capital;

normalista Brazilina do Nascimento Guimarães, da 1.<sup>a</sup> escola feminina do mesmo grupo; e

normalista Laurentina Lavareda de Faria, da 1.<sup>a</sup> escola masculina do 3.<sup>o</sup> grupo da capital.

—A normalista Philomena Barriga Simões, professora-adjuncta da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina do 6.<sup>o</sup> grupo escolar da capital, e Joaquim Pedro Corrêa Bastos, professor da escola elementar do sexo masculino de Pacajá, municipio de Cametá, obtiveram tambem, na mesma data, acesso da 1.<sup>a</sup> para 2.<sup>a</sup> classe, com o augmento de 15 % nos seus vencimentos, visto contarem mais de dez annos de serviço effectivo no magisterio publico do Estado.

Dia 29—Foi nomeado Deodato Pereira Bastos para reger, interinamente, a 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção masculina do grupo escolar da villa de Irituia, que se acha vaga.

## PORTARIAS

— Setembro, 1911.

Dia 4—O sr. Adolpho Ducke, auxiliar effectivo da secção de zoologia do Museu Goeldi, teve dois mezes de licença, na fôrma da lei, para tratar de sua saúde fóra do Estado.

—A normalista Victoria Lameira Cirne de Carvalho, professora da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 1.<sup>a</sup> entrancia da cidade de Marapanim, foi designada para reger, provisoriamente, a escola complementar mista do mesmo grupo.

Para substituil-a, durante o seu impedimento, foi nomeada dona Dulcinea Magalhães.

Dia 5—Para substituir a professora da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 1.<sup>a</sup> entrancia da cidade de Mocajuba, normalista Victoria Rodrigues de Araujo Guimarães, durante o seu impedimento, foi nomeada dona Anna da Igreja Braga.

—A adjuncta do 2.<sup>o</sup> grupo escolar da capital, que passar a reger a escola complementar da secção masculina, durante o impedimento do professor João Pereira de Castro, será substituida pela normalista Graziella Moura de Paula Ribeiro, nesta data nomeada.

Dia 11 — Para substituir o lente de arithmetica e algebra do Gymnasio Paes de Carvalho, dr. Ignacio Baptista de Moura, durante o seu impedimento, foi nomeado o engenheiro Francisco da Cunha Coitinho.

Dia 13 — Foi nomeada a normalista Maria Leocadia de Castro Tavares para substituir a adjuncta da 1.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina do grupo escolar de 2.<sup>a</sup> entrancia da cidade de Soure, normalista Joventina Garcez Paraense, durante o seu impedimento.

Dia 22 — Ao porteiro do 3.<sup>o</sup> grupo escolar da capital, Antonio Simões dos Santos, fôram concedidos, em prorrogação, trinta dias de licença, na fôrma da lei, para continuar a tratar de sua saúde.

Dia 27 — Para substituir a adjuncta da secção feminina do grupo escolar da Vigia, normalista Maria de Nazareth Costa, durante o seu impedimento, foi nomeada dona Lecticia Rosamunda Ferreira Palheta.

## VÁRIAS

— O director interino do grupo escolar de Marapanim designou a professora da 2.<sup>a</sup> escola elementar da secção feminina, normalista Victoria Lameira Cirne de Carvalho, para reger, provisoriamente, a complementar mista, vaga pela remoção da respectiva professora para o grupo da Vigia; e nomeou dona Dulcinéa Magalhães para reger, como substituta, aquella escola. O sr. desembargador secretario ratificou esses actos, declarando, no entanto, ao referido funcionario, para a bôa intelligencia do art. 60 do Reg. de 28 de abril de 1910, que a attribuição dos directores de grupos, ahí expressa, é adstricta á designação do adjuncto que deve passar á regencia da escola, no impedimento do professor, e, si adjuncto não houver no grupo, á designação provisoria de pessoa extranha ao estabelecimento para reger a escola vaga, sob approvação do secretario. Não se comprehende no texto da lei a faculdade de o director remover ou transferir professores de uma para outra escola, mesmo quando as conveniencias do ensino isso aconselharem. Neste caso, deverá o director fazer a conveniente proposta ao secretario da Instrucção Publica, que agirá nos termos do art. 109 do citado Reg.

— Pela lista enviada pela directora do 4.<sup>o</sup> grupo escolar da capital ao sr. desembargador secretario, verificou-se terem concorrido á terceira Exposição escolar de Desenho e Pintura 34 alumnos daquelle estabelecimento.

— Aos directores dos grupos escolares de Bragança, Pinheiro, Mosqueiro, Cametá, Castanhal, Soure, Vigia, e Igarapé-assú, determinou o sr. desembargador secretario que, para a bôa regularidade do ensino nesses estabelecimentos, façam as designações das adjunctas para elles nomeadas pelas escolas em que devem funcionar, submetendo seu acto á approvação do mesmo secretario.

— Reassumiu, no dia 1.<sup>o</sup> do corrente, o exercicio de seu cargo, renunciando o resto da licença em cujo goso se achava, o director do grupo escolar de Santarém.

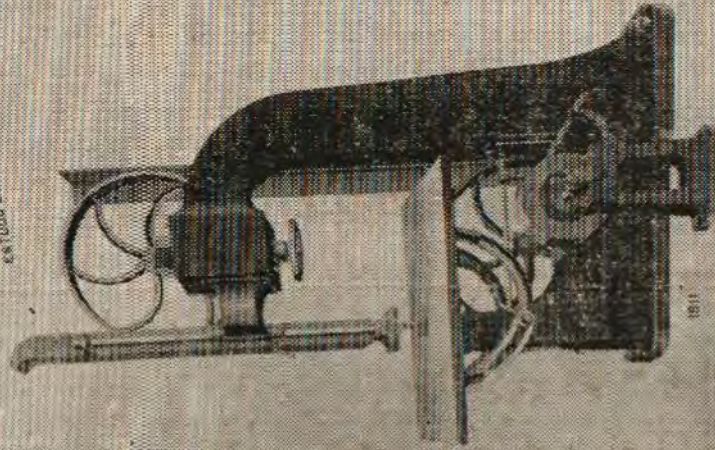
— Em resposta ao officio do director do grupo escolar de Mocajuba, de 29 de agosto ultimo, o sr. desembargador secretario enviou-lhe um exemplar do *Diario Official*, de 7 do corrente, no qual se acha publicado o que, sobre o mesmo assumpto, foi dirigido ao director do grupo de Marapanim, chamando a attenção daquelle funcionario para os dizeres do referido officio.





DESCRIPCION DE UNA MACHINA DE SERRAR

ESTUDIO DEL NATURAL



1871  
Instituto LAURO SUOPE FLOREANO DOMINGUES COSTA



— Assumiu a direcção provisoria do 2.º grupo escolar, por se achar doente o director effectivo, a normalista Angelica Virgilia Pereira Seixas, professora nesse estabelecimento.

— Aos normalistas Raymundo Aguiar de Campos Guimarães e José da Silva Nunes, removidos dos grupos escolares de Curuçá e Irituia, respectivamente, para os de Obidos e Santarém, foi mandado adiantar a importancia equivalente a tres mezes de ordenado, para suas installações, na fórma do Reg. do ensino em vigor.

— A normalista Cecilia do Amparo Gomes de Araujo, professora no 1.º grupo escolar, obteve permissão para se assignar Cecilia do Amparo de Araujo Bastos, visto ter contrahido matrimonio com o sr. Joaquim da Silva Bastos.

— Vai a Secretaria certificar: — á normalista Maria Moraes Novaes, professora no 7.º grupo escolar, o seu tempo de serviço no magisterio publico do Estado; á normalista Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno, professora no grupo de Baião, si soffreu, no exercicio de suas funcções, qualquer pena disciplinar que a desabone; e ao dr. Virgilio Cardoso de Oliveira — a) a data de sua nomeação e pösse no cargo de director geral da Instrucção Publica, neste Estado; b) a data em que foi exonerado; c) se pagou em devido tempo todos os emolumentos de nomeação; d) se durante o tempo em que exerceu o referido cargo houve acrescimo de vencimentos e em caso affirmativo se fôram pagos os emolumentos relativos ao acrescimo; e) quantas faltas teve durante o exercicio do mesmo cargo, o motivo dessas faltas e se fôram ou não justificadas; f) se gosou alguma licença e o motivo da mesma.

— Tendo a normalista Angiolina Barroso Pereira, professora da 2.ª escola elementar feminina no grupo escolar do Guamá, obtido, em junho, um mez de licença, e não tendo, no praso da lei, tirado a respectiva portaria, foi-lhe concedida, para tal, dispensa de lapso de tempo, pagos os respectivos emolumentos.

— O sr. José Roberto da Silva Lima requereu que se communicasse á Fazenda, para effeito de liquidação de montepio, não fazerem mais parte do magisterio publico os professores Tertuliano Rodrigues e Antonio José de Souza. O sr. desembargador secretario da Instrucção Publica determinou que o requerente juntasse procuração.

— A petição em que o normalista João Pereira de Castro, professor da escola complementar da secção masculina do 2º grupo escolar da capital, requereu justificação de faltas, deve vir por intermedio do director do referido estabelecimento.

A secretaria da Fazenda foi auctorizada a adiantar, na fórma do Reg. do ensino em vigor, á normalista Barbara Luzia de Brito Farias, professora do grupo escolar de São Caetano, e ultimamente nomeada, effectivamente, para o de 2ª entrancia da Vigia, a importancia equivalente a tres mezes de ordenado, para suas despesas de installação

— A mesma secretaria teve sciencia de que o ex-professor effectivo da escola elementar do sexo masculino do Tauá-pará, no municipio da Vigia, Tertuliano Rodrigues, já não faz parte do quadro do professorado publico do Estado.

— O director do grupo escolar do Pinheiro fez a distribuição das adjunctas nomeadas, por Dec. de 20 de julho ultimo, para esse estabelecimento, pela fôrma seguinte: — 1.<sup>a</sup> escola masculina, normalista Bemvinda Ferreira de França Messias; — 2.<sup>a</sup>, normalista Virgentina Soares da Costa; — 1.<sup>a</sup> escola feminina, normalista Maria Candelaria Level Martins; — 2.<sup>a</sup>, normalista Maria Soeiro de Moraes Bittencourt.

Teve esse acto a aprovação do sr. desembargador secretario.

— Ao director do grupo escolar de Irituia foi declarado, em resposta ao seu officio de 20 de setembro, que, na ausencia dos professores desse estabelecimento, por occasião dos exames, deve convidar pessoas da localidade, de reconhecidas habilitações, para servirem de examinadores, e isso quando o pessoal do grupo não baste para compôr as respectivas commissões.

— A petição em que a normalista Maria Serafina Marques do Espirito-Santo, adjuncta effectiva da 2.<sup>a</sup> escola elementar feminina do grupo escolar do Mosqueiro, exercendo interinamente o cargo de professora da 1.<sup>a</sup> escola da mesma secção no referido estabelecimento, requereu sua inscripção como candidata ao provimento effectivo dessa cadeira, — teve do sr. desembargador secretario o seguinte despacho: — Não póde ser attendida. O edital a que a *supp.* faz referencia, publicado nos termos do § 1.<sup>o</sup> do art. 64 do Reg. *geral* do ensino primario, refere-se a pedidos de remoção, que só podem ser formulados pelos professores effectivos de 2.<sup>a</sup> entrancia; o provimento da cadeira vaga será feito nos termos do mesmo art. 64, § 2.<sup>o</sup>, independentemente de inscripção, de que o mesmo Reg. não cogitou, porque, na hypothese, não teria cabimento.



Interessado em ultimar o serviço de estatistica da população escolar de Belém, o sr. desembargador secretario renovou o pedido constante de seu officio de 16 de agosto findo, solicitando ao sr. intendente municipal a gentileza de ordenar a remessa urgente á Secretaria do Interior de mappas relativos á matricula e frequencia nas escolas e estabelecimentos municipaes de ensino primario, durante o primeiro semestre de 1911.



Faltas justificadas

Fôram justificadas, no mez de setembro, as seguintes faltas;

de 8 a 13 de agosto — ao professor da 2.<sup>a</sup> escola masculina do grupo de Mocajuba, normalista Tauriano Gil de Souza;

de 3 a 9 de julho — ao professor da 2.<sup>a</sup> escola elementar do grupo de Muaná, normalista Manoel Vasques Ferreira Botelho;

de 5, 18, 19, 21, 22, 23, 24 e 28 de agosto — á adjuncta no 4.<sup>o</sup> grupo escolar, normalista Maria Juliano de Espirito Santo;

de 14, 28, 29, 30 e 31 de agosto — á normalista Maria Minervina Paes de Andrade, professora da 3.<sup>a</sup> escola feminina do 4.<sup>o</sup> grupo escolar da capital;

de 3 a 7 de julho — ao director do grupo escolar de Muaná, normalista Antonio de Jesus Martins;

quatro, em agosto, — á professora da 2.<sup>a</sup> escola feminina do mesmo grupo, normalista Eugenia da Silva Coelho;

de 4 a 18 de agosto — á professora-adjuncta substituta do 1.<sup>o</sup> grupo da capital, normalista Cisalpina Belfort Bahia;

de 17 a 25 — á professora interina da 1.<sup>a</sup> escola feminina do grupo da Vigia, normalista Antonia de Oliveira Passos Ferreira, nomeada ultimamente para exercer, effectivamente, o cargo de adjuncta no grupo de Castanhal;

de 25 a 26 — á directora em commissão do grupo escolar de Macapá, normalista Córa de Carvalho Penna Rôlla;

de 1, 2, 3, 4, 5, 7, 17, 18, 19 — á normalista Anna Corrêa Salgado Baptista, adjuncta na 1.<sup>a</sup> escola feminina do grupo do Mosqueiro;

de 3, 16, 17 e 18 — á normalista Francisca de Salles Duarte Campos, professora no grupo escolar do Pinheiro;

de 8, 9, 17 e 28 — á professora no mesmo grupo, normalista Anna Rodrigues das Neves;

de 2, 7, 9, 10, 11, 12, 17, 18 e 19 — á normalista Francisca Monfredo de Almeida, adjuncta no mesmo estabelecimento;

de 14 a 28 — ao director em commissão do grupo de São Miguel do Guamá, normalista Cantidio Eliezer da Silva Nunes;

de 5, 6, 14, 15, 16 e 19 — á normalista Victoria Rodrigues Guimarães, professora da 1.<sup>a</sup> escola feminina do grupo de Mocajuba;

de 21 a 30 — ao porteiro do grupo de Irituia, Theodomiro da Cunha Carvalhaes;

de 20 a 30 de junho e de 1 a 16 julho — á normalista Anna Elisabeth Hammond, adjuncta no grupo escolar de Santa Izabel;

de 22, 28, 29 e 30 de agosto — á normalista Aurelia de Seixas Franco, professora no Instituto Gentil Bittencourt;

de 1 a 15 de setembro — á professora da 1.<sup>a</sup> escola feminina do grupo escolar de Baião, dona Maria Lydia de Moraes;

de 26 a 31 de agosto e de 1 a 26 de setembro — ao normalista Raymundo Aguiar de Campos Guimarães, ultimamente removido, por accesso, do grupo escolar de Curuçá para o de Obidos.



Pelo sr. desembargador secretario fôram approvados os seguintes actos:

**Actos approvados** do director do 2.<sup>o</sup> grupo escolar da capital, designando a adjuncta Margarida Lameira Ramos Martins para substituir o professor da escola complementar, normalista João Pereira de Castro, durante o seu impedimento de licença;

do director do grupo de Irituia, contractando Silvino Andrade de Serra para servente, enquanto o effectivo estiver servindo, provisoriamente, o lugar de porteiro;

do director do grupo de São Miguel do Guamá, assumindo, provisoriamente, a regencia da 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina, em substituição da respectiva professora, normalista Emilia Maia de Miranda, que, por motivo de molestia, se retirou para esta capital;

do director do grupo escolar de Santarém, conservando, provisoriamente, nas funções de seus cargos as professoras de que trata o seu officio de 2 do corrente, até que o professor nomeado para a 1.<sup>a</sup> escola masculina, normalista José da Silva Nunes, assumo o exercicio; recomendando-lhe o sr. desembargador secretario que, por essa occasião, faça a distribuição dos professores pelas respectivas escolas, de accordo com o Dec. de 17 de agosto findo, que reorganizou esse grupo;

do director do grupo de Baião, transferindo para melhor compartimento, nesse grupo, a 1.<sup>a</sup> escola feminina, em virtude das razões com que justificou seu acto;

do director do grupo de Curuçá, designando o adjuncto Raymundo Luciano de Souza para substituir o professor da 2.<sup>a</sup> escola masculina, normalista Raymundo Aguiar de Campos Guimarães, que foi removido para o grupo de Obidos; e bem assim o cidadão Tertuliano Deodato de Queiroz Junior para substituir o referido adjuncto, durante o seu impedimento;

do director do grupo de Soure, designando a adjuncta da 1.<sup>a</sup> escola feminina, normalista Joventina Garcez Paraense, para substituir o professor da 2.<sup>a</sup> escola masculina, durante o seu impedimento; communicando-lhe o sr. desembargador secretario que, para substituir aquella adjuncta, nomeou, em 13 do corrente, a normalista Maria Leocadia de Castro TAVARES;

do director do grupo da Vigia, mantendo na regencia interina da escola complementar mista a normalista Cecilia Othilia de Oliveira; designando a mesma professora, já então no character de adjuncta effectiva, para reger, provisoriamente, a 1.<sup>a</sup> escola feminina, vaga com a retirada da ex-professora; mantendo na regencia da 2.<sup>a</sup> escola da mesma secção a normalista Maria de Nazareth Costa, nomeada adjuncta effectiva; e designando o ex-adjuncto Francisco Abrahão Furtado de Athayde para exercer, provisoriamente, este cargo, até o dia 15 de agosto, e, de 16 em diante, o de professor da 1.<sup>a</sup> escola masculina, que ficou acephala com a retirada da ex-professora; até que os professores nomeados por Dec. de 7 do referido mez, para esse grupo, assumam o exercicio de seus cargos;

do director do grupo de Bragança, designando as adjunctas ultimamente nomeadas para esse grupo, normalistas Joanna Marques Carepa e Genoveva Déa da Silva, para servirem, respectivamente, nas segundas escolas elementares das secções feminina e masculina;

do director do grupo de Castanhal, distribuindo, pelas respectivas escolas, os adjunctos nomeados para esse estabelecimento;

do director interino do grupo escolar de São Caetano, reunindo, provisoriamente, a 1.<sup>a</sup> escola feminina, vaga com a nomeação da respectiva professora para o grupo da Vigia, á complementar mista, regida pela normalista Feliciano Neves de Noronha, até que a professora interina, normalista Antonia de Lima Maia, nomeada por Dec. de 11 do corrente mez para aquella escola, assumo o exercicio;

do director do grupo escolar de Cametá, designando as adjunctas nomeadas por decreto de 7 de agosto ultimo, para esse estabelecimento, pela fórma seguinte: — 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina — normalista Luzia Valente Lobo; 1.<sup>a</sup> feminina — normalista Isaura Machado de Mendonça;

do director do grupo da Vigia, constantes de seu officio de 18 de setembro, declarando-se-lhe ter sido nomeada dona Lecticia Rosamunda Ferreira Palheta para substituir, provisoriamente, a adjuncta da secção feminina desse grupo, normalista Maria de Nazareth; e observando-se ao mesmo director que não se comprehende na disposição do art. 60 do Reg. do ensino em vigor, a faculdade de o director nomear, mesmo em character provisório, adjuncto substituto: quando o adjuncto passar ao exercicio do cargo de professor, se fôr indispensavel a sua substituição, deve ser esta reclamada ao sr. secretario, facultada ao director a indicação da pessoa em quem possa recahir a nomeação;

do director do grupo de Soure, fazendo a distribuição, pela fórma que se segue, dos adjunctos nomeados, por decreto de 7 de agosto ultimo, para esse estabelecimento: — 1.<sup>a</sup> escola elementar masculina — normalista Alzira Gomes Rabello; 1.<sup>a</sup> escola feminina — normalista Joventina Garcez Paraense.



TERCEIRA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE DESENHO E PINTURA — UM TRECHO DA GALERIA DE PINTURA, óleo, aguarela e pastel.



Commemorando a data da nossa emancipação politica, o **Uma festa** director do grupo escolar de Maracanã, professor Ezequiel Lisbôa, **civica** promoveu naquelle estabelecimento, no dia 7 de setembro, uma sessão solenne, que foi corôada do mais brilhante exito.

O intelligente educador aproveitou o ensejo para realizar a sua terceira conferencia civico-escolar, da série que alli vem desenvolvendo, a qual versou sobre o duplo thema — *O sete de setembro e o quinze de novembro: commentários sobre as duas datas irmãs; e— A Bandeira Nacional e o Hymno Nacional.*

A interessante festa escolar teve numerosa assistencia, fazendo-se nella representar o sr. desembargador secretario da Instrucção Publica.



Sob a presidencia do sr. desembargador Augusto **Conselho Superior** Olympio, secretario d'Estado da Instrucção Publica, tendo a secretarial-o o sr. dr. Fléxa Ribeiro, director da **de** secretaria, reuniu no dia 20 de setembro, o **Instrucção Publica** conselho Superior.

Compareceram á sessão os drs. Firmo Cardoso, Arthur Porto, Paulino de Brito, professores João Figueiredo, Miguel Moraes, Anna Barrau Meninéa e Placidia Cardoso.

O expediente foi assim distribuido:

A' professora Anna Barrau Meninéa—as petições das professoras Maria Magno de Araujo, do 6.º grupo, Maria Juliano do Espirito-Santo e Emilian Sarmento de Carvalho, adjunctas no 4.º grupo, pedindo vitaliciedade.

A' professora Placidia Cardoso—as das professoras Eudoxia de Jesus Alves, do grupo de Castanhal, Maria Dolores Dias Cardoso, adjuncta no 1.º grupo e Virgentina Soares da Costa, adjuncta no grupo do Pinheiro, que pediam vitaliciedade; Anna Barrau Meninéa, do 5.º grupo, servindo em commissão de directora do 4.º, Estellita Gonçalves Coelho, do grupo de Igarapé-miry e Philomena Branco Bevilaqua, do de Igarapé-assú, requerendo accesso para a 2.º classe.

Ao dr. Arthur Porto—as das adjunctas Anna Corrêa Salgado Baptista, do grupo de Mosqueiro, Maria Level Martins, do de Pinheiro e Silvia Falcão de Macedo Costa, do 4.º grupo, pedindo vitaliciedade.

Ao dr. Firmo Cardoso—as dos professores Tertuliano Victor de Senna Brasil, do grupo de Vigia, Amelia Joaquina de Souza, do de Castanhal e Anna Sarah de Mattos, do Instituto Gentil Bittencourt, pedindo accesso para a 2.ª classe; João de Deus e Silva Jnnior, director em commissão do grupo de Faro, e Matheus José do Carmo, do Instituto Lauro Sodré, pedindo, respectivamente, accesso para a 3.ª e 4.ª classe.

Ao professor João de Figueiredo—as dos professores Augusto Alves Galvão, da escola de Matapyquara, e Theresa Maria Braga Ferreira, do grupo de Marapanim, pedindo accesso para a 2.ª classe; Aurelia de Seixas Franco, do Instituto Gentil Bittencourt, pedindo vitaliciedade; Raymunda Theresa de Mello, do 2.º grupo, e Antonio de Jesus Martins, director do grupo de Muaná, pedindo accesso para a 3.ª classe.

Ao professor Miguel Moraes—as das professoras Estellita Gonçalves Coelho, do grupo de Igarapé-miry, Cecilian Maria da Cruz Carvalho, do de Santa Izabel, e Angelica Tavares Vaz, do de Mosqueiro, pedindo vitaliciedade;

Anna Rosa Rodrigues das Neves, do grupo do Pinheiro, Theophila Ferreira Pinheiro, do de Curuçá; e Estephania Silva, do 3.º grupo, pedindo acesso para a 3.ª classe.

Petições do pharmaceutico Francisco Xavier Dias Cardoso, director do grupo do Mosqueiro, submittendo á approvação do Conselho um livro de sua lavra destinado ao ensino intuitivo das sciencias physico-naturaes, no curso primario,—e de Raymundo Nonnato de Carvalho, apresentando igualmente a obra didactica “*O livro da infancia*”. De accordo com o regimento, o Conselho elegeu para dar parecer sobre os livros acima commissões compostas dos drs. Arthur Porto, Antonio Pery-assú e Ayclino de Leão, para o primeiro, e professoras Anna Barrau, Placidia Cardoso e Brazia Gurjão, para o segundo.

Na segunda parte da ordem dos trabalhos, foram approvados pelo Conselho os seguintes pareceres:

Da professora Anna Barrau Meninéa, favoraveis ao pedido de vitaliciedade das adjunctas Philomena Barriga Simões, do 6.º grupo, e Maria Seraphina Marques do Espirito Santo, do grupo de Mosqueiro, e ao acesso para a 3.ª classe requerido pelas professoras Angelica Virgilia Pereira Seixas e Brasilina Guimarães, ambas do 2.º grupo.

Do dr. Arthur Porto, concedendo a vitaliciedade requerida pelo professor Romeu Rodrigues de Andrade, director em commissão do grupo de Obidos, e inclusão na 2.ª classe da adjuncta Philomena Barriga Simões, do 6.º grupo.

Do dr. Firmo Cardoso, opinando pelo deferimento dos pedidos de vitaliciedade dos professores Joaquim Pedro Corrêa Bastos, da escola de Pacajá, Maria de Jesus Ribeiro, do grupo de Igarapé-assú, e Margarida Lameira Ramos Martins, adjuncta no 2.º grupo, e para que seja concedido o acesso requerido pelos professores Joaquim Pedro Corrêa Bastos, da escola de Pacajá, e Matheus José do Carmo, do Instituto Lauro Sodré, para a 2.ª e 3.ª classes, respectivamente. A discussão do parecer contrario ao pedido de vitaliciedade da professora Maria Pinto Marques Rangel, do 1.º grupo, foi adiada, a requerimento do dr. Arthur Porto.

Do professor João de Figueiredo, concluindo pela concessão de vitaliciedade ao professor Raymundo da Cunha e Silva, do grupo de Castanhal, e para que a professora Thomasia de Siqueiro Pinto, do grupo de Maracanã, complete a prova do tempo de serviço exigido para poder obter o acesso de classe.

Do professor Miguel Moraes, opinando pela vitaliciedade da adjuncta Maria do Carmo de Carvalho, do 6.º grupo, e inclusão na 3.ª classe da professora Laurentina Lavareda de Faria, do 3.º grupo, e pelo indeferimento do pedido de vitaliciedade de Leonel Nogueira Lima, professor de desenho do Instituto Lauro Sodré, attendendo que não é do curso primario a cadeira que rege, e, portanto, não póde gosar das vantagens que somente aos professores primarios assegura o Regulamento do ensino.

—Usando da palavra, o dr. Arthur Porto apresentou e justificou duas indicações referentes, á «Revista do Ensino» e que, na integra, publicamos na secção *Notas e Noticias*.

Postas em discussão e a votos, foram unanimemente approvadas. O snr. presidente, agradecendo a gentileza do Conselho, convidou-o a nomear a commissão de que trata a segunda indicação, recahindo a escolha nos snrs. drs. Arthur Porto e Paulino de Brito e professora Anna Barrau Meninéa.

—Em seguida, o sr. presidente, chamando a attenção do Conselho para o artigo 219 do Regulamento do ensino primario, fez ver que semelhante disposição, mandando instituir premios de animação aos professores que mais se distinguirem no exercicio do magisterio, desde 1899, figura nos regula-



metos do ensino sem que até hoje tenha tido execução e abordando considerações respeitantes ás vantagens do cumprimento d'aquelle artigo e necessidade de sua regulamentação, pediu ao Conselho que se manifestasse, alvitando a idéa de nomear-se uma commissão para estudar o assumpto e organizar um regulamento especial em que se estabelecesse a fórma e as condições para a concessão de taes favores. Approvado o alvitre proposto, ficou a commissão composta dos snrs. drs. Arthur Porto, Firmo Cardoso e professor João de Figueiredo.

Entrando em discussão o projecto do Regimento interno do Conselho, que estava impresso e distribuido, lembrou ainda o sr. presidente a conveniencia de adiar-se a discussão até que a commissão nomeada para regulamentar o artigo 219 do Dec. 1689, de 28 de abril de 1910, apresentasse seu trabalho, que não podia deixar de ter estreita ligação com o regimento. Approvado o adiamento, e nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão ás 11 e 1/2 horas, depois de agradecer o comparecimento dos srs. membros do Conselho.



Afastada algum tempo, por motivo de molestia, dos labores do magisterio, reassumiu, no dia 11 do corrente, as funções de seu cargo a normalista Maria Luiza Pinto do Amaral, dedicada directora do 5.º grupo escolar da capital.

Por esse motivo, os corpos docente e discente do estabelecimento que ella intelligentemente dirige, tendo á frente a directora interina, professora Placidia Cardoso, fizeram-lhe sympathica manifestação de affectuosa estima.

Algumas professoras e alumnos pronunciaram discursos e recitaram versos, sendo offertados á professora Amaral numerosos ramalhetes de flôres.



Por determinação do sr. desembargador secretario da Instrucção Publica, vai o director do 7.º grupo escolar da capital informar, com urgencia, a respeito da reclamação constante de uma carta inserta em um dos diarios de Belem.

---

---

**Do nosso collaborador Theodoro Braga recebemos mais um trabalho sobre o ensino do desenho, que não podemos inserir neste fasciculo por falta de espaço.**

---

---

## *Notas e Noticias*

### A Revista—Visita honrosa

A Revista do Ensino teve a distincta honra de receber, no dia 10 do corrente, a visita pessoal do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. João Coelho, eminente governador do Estado.

S. ex.<sup>a</sup> fôra acolhido na sala de redacção deste mensario pelo seu director, desembargador Augusto Olympio, secretario d' Estado da Instrucção Publica, e por todo o seu corpo redaccional.

O illustre chefe do Estado teve, para todos, palavras de affectuoso encorajamento, manifestando, mais uma vez, a satisfacção que o apparecimento da Revista lhe causára, bem como a agradavel impressão recebida em nosso gabinete de trabalho.

A Revista do Ensino, que não é mais do que um reflexo da obra de s. ex.<sup>a</sup> nos dominios da educação popular, sente-se orgulhosa com a gentileza da visita, que fica valendo, para todos nós, por um sympathico movimento de estímulo.

Como um testemunho do nosso reconhecimento, aproveitamos o bello ensejo para considerar officialmente inaugurado o nosso escriptorio, que foi installado em sala especial, contígua ao Conselho Superior de Instrucção Publica, na secretaria do Interior.

### Relatorio—A instrucção publica no Pará

Ao circular o segundo número da Revista, receberá a ultima demão o relatorio annual em que o sr. desembargador secretario d' Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica presta ao Poder Público, em minuciosa exposição, as necessarias informações sobre os múltiplos serviços a seu cargo.

E' uma peça meditada, vasada nos moldes severos de uma imparcial observação dos factos, e na qual transparece, de par com a reconhecida competencia de seu auctor, a criteriosa orientação que o distincto funcionário vai imprimindo aos diversos departamentos pendentes da sua esclarecida direcção.

Vê-se dessas páginas, traçadas com segurança, que o ensino público constitue uma das mais sérias e constantes preocupações do seu espirito.

No capítulo sobre instrucção pública, o sr. desembargador secretario do Interior se occupa demoradamente da remodelação por que acaba de passar o ensino, entre nós, na administração actual; da nova orientação que se lhe deu nas escolas do Estado; dos fructos já produzidos pela refôrma; do

notavel desenvolvimento, emfim, que tem experimentado, neste curto espaço de tempo, esse importantissimo ramo dos públicos serviços.

E' um trabalho meritório, cheio de justos conceitos, que merecem ser divulgados no seio do nosso magistério primário.

Assim o fazendo, com a transcripção dos trêchos que se lêem na secção competente, prestamos um relevante serviço ao professorado publico, ao mesmo tempo que cumprimos um dos pontos do nosso programma.

### Exames primarios

Terminam hoje, nos estabelecimentos publicos de ensino primario, os exames de passagem de anno e finaes. Amanhã terão inicio os de certificado de estudos elementares.

Para os de diplomas de estudos primarios, o sr. desembargador secretario já fez abrir inscripção, por edital, publicado do *Diario Officiel*, com o praso de 10 dias, a contar de 7 do corrente.

Os requerimentos, para estes exames, deverão ser assignados pelo director do estabelecimento onde o alumno houver estudado, ou pelo professor, pae, mãe, ou qualquer pessoa interessada, devendo ser mencionado o nome inteiro do candidato, sua filiação, naturalidade, dia e anno do seu nascimento.

### A Bibliotheca do Professor

Na delicada noticia que o nosso confrade *A Palavra* deu do apparecimento da Revista, e que muito nos penhorou, ha referências ao commentario de Fernão d'Azurara — *A Bibliotheca do Professor* —, e nas quaes se acoima aquelle nosso collega de preferir grammaticos lusos aos brasileiros. Julgamos andar muito leve no caso o noticiarista d'*A Palavra*.

Na nomenclatura methódica do apprendizado de portugûes — que se traçara — figuram: Julio Ribeiro, João Ribeiro e Heraclito Graça, maioraes da philologia nacional.

E' de attender-se, alem disso, que a philologia brasileira não possui a riqueza vária da portuguesa. Se é verdade que o estudo scientifico da lingua, o methodo historico applicado á nova sciencia, teve em Julio Ribeiro, atraves Whitney, um dos seus primeiros propagadores, tambem é certo que os lusitanos já se nos avantajaram de sobejo, tendo nomes que figuram com relevo autoritário no mundo da linguistica românica.

E bastaria para saturar á saciedade, ainda os que isso olham a desdem, os nomes de Gonçalves Viana, J. Leite de Vasconcellos, Carolina Michaellis, Adolpho Coelho, A. Cortesão, Júlio Moreira, Epifânio Dias, J. J. Nunes, Candido de Figuieredo, Vasconcellos Abreu e A. Garcia Ribeiro de Vasconcellos.

Quanto á grammatica do sr. Epifânio Dias, espirito de rara erudição, devemos acrescentar que ella é o modelo dos livros elementares, dessa natureza. A sua superior valia reside, em particular, no estudo da syntaxe, em que seu auctor fez obra original, de observações próprias, e de mestre, sendo como é um dos mais illustres entre os nossos latinistas.

Quem ousaria affirmar que o principio geral, o elemento *mater*, o gênio da lingua, é o portuguez dialectal do Brasil, que não linguagem de Portugal?—Mas os livros não têm nacionalidade: valem pelo que encerram.

### História da Terra

Iniciamos neste número a publicação de interessante estudos de *L. Brothier* sobre a HISTORIA DA TERRA, cuja traducção é devida a penna do nosso collaboradôr S. de Padilha.

Para essas lições chamamos a attenção dos professôres primários aos quaes especialmente se destina esse curso scientifico sôbre a formação da terra.

### Lições de Philologia

Por grande acúmulo de materia somente no vindouro fascículo da Revista estamparemos a *Noticia Critica* sobre a erudita obra do glottólogo portuguez sr. dr. J. Leite de Vasconcellos,—LIÇÕES DE PHILOLOGIA PORTUGUÊSA.

### Collegio Progresso Paraense

A convite do esforçado director do collegio Progresso Paraense, dr. Arthur Porto, o sr. desembargador secretario da Instrucção Publica esteve, na manhã de 7 do corrente, em demorada visita áquelle florescente estabelecimento de ensino particular, incontestavelmente um dos mais reputados de Belem.

Recebido á porta pelo director e corpo docente do collegio, foi s. s. introduzido na sala de visitas, passando, em seguida, para o salão de honra, onde os alumnos, ahí formados, receberam-n'o sob uma prolongada salva de palmas.

Nesse compartimento, destinado ás reuniões da congregação, occupou s. s. o logar de honra, que lhe fôra gentilmente cedido, entoando os alumnos, nesse momento, o hymno do collegio, acompanhado a piano. Usaram, então, da palavra, além do director, o sr. dr. Americo Campos, pelo corpo docente, e um alumno do curso secundario, pelo discente, agradecendo todos a visita do sr. desembargador secretario ao estabelecimento e enaltecendo o valor dos serviços que elle, de ha muito, vem prestando á causa do ensino publico, no Pará.

O sr. dr. Augusto Olympio, sensibilizado diante da carinhosa recepção que lhe era feita, agradeceu a fidalga gentileza,

fazendo avultar, como um exemplo, o esforço, dedicação e intelligencia com que o dr. Arthur Porto contribúe para a obra do ensino nesta terra, sendo o seu collegio um attestado do quanto póde, entre nós, a iniciativa individual. Terminou saudando o collegio Progresso Paraense e seus competentes professores, na pessoa do seu digno director.

Depois de percorrer todas as dependencias do estabelecimento, e de assistir uma aula de gymnastica, na qual os educandos se portaram satisfactoriamente em todos os exercicios exhibidos, o sr. dr. secretario retirou-se, sendo acompanhado até á porta pelo director, corpo docente e alumnos, que o aclamaram demoradamente.

Ao despedir-se, s. s. a todos manifestou a agradavel impressão que aquella visita lhe causara.

### Gymnasio Paes de Carvalho

O dr. director do Gymnasio Paes de Carvalho communicou ao sr. desembargador secretario da Instrucção Publica ter o professor cathedratico de arithmetica e algebra daquelle estabelecimento, engenheiro Ignacio Baptista de Moura, offerecido seus serviços na regencia da mesma cadeira, sem a percepção dos vencimentos do cargo, durante o tempo de funcionamento da camara dos deputados, da qual o mesmo professor é membro.

Em resposta, declarou o sr. desembargador não poder aceitar esse offerecimento, porquanto a isso se oppõe a Constituição Politica do Estado, determinando no § unico do art. 13 que, durante as sessões do Congresso, cessa, para o deputado ou senador, o exercicio de qualquer outra funcção.

E para que o ensino não fôsse prejudicado, foi dado substituto ao referido professor, durante o seu impedimento.

### Escola Normal

Estando licenciado o dr. Elias Vianna, vice-director da Escola Normal, assumiu a direcção interina deste estabelecimento, no impedimento do director effectivo, que está com assento no Congresso do Estado, o nosso illustre collaborador dr. Paulino de Brito, lente cathedratico de portuguezs.

### Grupo escolar de Muaná

Esta util estabelecimento de ensino publico, sob a direcção do normalista Antonio de Jesus Martins, commemorou, no dia 28 de setembro, o 7º. anniversario de sua installação.

Em attencioso officio, no qual manifestaram seu júbilo por esse facto, o director e professores do grupo de Muaná

congratularam-se, pelo auspicioso acontecimento, com os sr.<sup>s</sup>. dr. João Coelho, digno governador do Estado, e desembargador Augusto Olympio, secretario da Instrucção Publica.

### Instrucções sobre exames

Antes de iniciada a presente época de exames primários, o sr. desembargador secretario da Instrucção Publica, no intuito de encaminhar essas provas precisamente de accordo com as prescripções regulamentares, de maneira a cercal-as do valor prático e moral que ellas effectivamente devem ter, reuniu em seu gabinete, no dia 7 do corrente, ás 10 horas da manhã, os directores de todos os grupos escolares da capital.

A conferencia foi demorada e interessante, tomando parte na discussão das questões suscitadas todos os directores presentes, aos quaes o sr. secretario ministrou, no correr da reunião, instrucções minuciosas sobre o assumpto.

Entre outras medidas concernentes á bôa marcha e regularidade do serviço que se ia iniciar, determinou s. s. que as commissões examinadoras que têm de servir nos exames de certificados de estudos elementares, a começarem amanhã, sejam nomeadas pelos directores, dentre o pessoal que lhe é subordinado, pela fórma seguinte:

O director do 1º grupo nomeará a commissão que servirá no 3º; o do 2º a commissão do 1º; o do 3º a do 4º; a do 4º a do 2º; o do 5º a do 7º; o do 6º a do 5º; e o do 7º a do 6º.

### Conselho Superior

Na ultima reunião do conselho Superior de Instrucção Publica, realizada no dia 20 de setembro, o sr. dr. Arthur Porto, digno membro daquella corporação, teve para com a Revista um movimento de nímia gentileza, que muitissimo nos penhorou.

Apresentou s.s. á apreciação de seus pares, que as approvaram por unanimidade, as duas indicações que destacamos para esta secção, como um preito do nosso justificado reconhecimento.

Têm ellas, para nós, um duplo valor: não só exprimem o interesse que o nosso mensário conseguiu despertar no meio social em que vivemos,—maxime entre os que se dedicam ás coisas da instrucção,—como significam um brado de encorajamento na taréfa que voluntariamente tomamos sobre os hombros. Eil-os:

O Conselho Superior de Instrucção Publica do Estado, ao qual incumbe, por lei, auxiliar o governo na inspecção e fiscalisação do ensino e que tem, entre outras attribuições, a de propor as medidas e providencias que entender a bem da instrucção primaria, congratula-se com o seu presidente e com o seu secretario pela creação e divulgação da recente Revista

do Ensino, que além de trazer uma feição toda moderna, vem preencher sensível lacuna no Estado e está destinada a prestar inestimáveis serviços ao nosso professorado. O mesmo Conselho louva a nobre, feliz e fecunda iniciativa do operoso dr. secretario de Estado, competentemente auxiliado no tentamen pelo distincto dr. director geral da Secretaria do Interior e applaude este acto como uma promessa do rejuvenescimento das lettras e do ensino entre nós, promptificando-se a tudo quanto for reclamado de suas luzes, experiencia ou patriotismo.

Sala de sessões do Conselho Superior de Instrucção Publica do Pará, 20 de Setembro de 1911.

Indico que o Conselho Superior de Instrucção Publica nomeie uma commissão, dentre os seus membros, para offerecer os seus serviços junto ao redactor-chefe da Revista do Ensino, não só emittindo opinião sobre qualquer trabalho didactico ou technico sobre que for consultada, como tambem para collaborar effectivamente em tudo quanto julgue de utilidade ao conhecimento do professorado primario do Estado, em secção especial.

Sala das sessões do Conselho Superior de Instrucção Publica do Pará, 20 de setembro de 1911.

Estas indicações foram, pelo Conselho, approvadas unanimemente, sendo nomeados para comporem a commissão de que se occupa a ultima indicação os conselheiros drs. Arthur Porto, Paulino de Brito e normalista Anna Barrau Meninea.



Tendo um dos diarios desta capital dado publicidade a uma grave denuncia, na qual eram envolvídos o director e uma professora do grupo escolar de Santa-Izabel, o sr. desembargador Augusto Olympio, secretario da Instrucção Publica, fez seguir para aquella localidade o sr. dr. Leopoldino Lisbôa, inspector escolar, afim de abrir, a respeito, rigoroso inquerito.

De volta dessa commissão, o sr. dr. Leopoldino já apresentou áquella alta auctoridade do ensino minucioso relatório, dando conta circumstanciada do resultado obtido.

#### Corrigenda

A' pagina 116 deste fasciculo, linha 18, ha uma transposição de palavras que altera o sentido de texto, devendo lêr-se como se segue:—«E desta feita, mais que nas anteriores, o certamen se apresentou tendente a cumprir o seu papel de educador da juventude.»

—Na relação dos expositores que, na ultima exposição escolar de Desenho e Pintura, obtiveram menções honrosas, relação que inserimos em outro lugar, escaparam os nomes dos seguintes concorrentes, ambos alumnos do 5º grupo escolar da capital:

246—Desenho—Aurelio Azevedo Valente.

239—Idem—Amadeu Fiocchi

---

Conego Antonio Gonçalves da Rocha

Estava já em impressão o primeiro numero da Revista do Ensino, quando ocorreu, nesta capital, o fallecimento do venerando sacerdote, conego Antonio Gonçalves da Rocha, que era, tambem, um dos mais antigos e provecos membros do magisterio paraense.

Dahi o facto de sómente agora registrarmos o luctuoso acontecimento, que encheu de profundo pezar não só as classes em que elle exercia, com rectidão e destaque, seu activo labor, como a sociedade em geral, em cujo seio gosava o extincto de respeitosa estima, tanto pelas suas virtudes, como pelo cultivo do seu espirito.

Titulado pela Escola Normal do Pará, em 1885, o esforçado educador exerceu vários cargos na instrucção publica, entre estes o de lente de latim no antigo Lyceu Paraense e o de membro do Conselho Superior de Instrucção Publica.

Falleceu com 78 annos de idade, ainda em pleno exercicio de sua actividade, desempenhando, a contento de seus pares, que o elegeram por unanimidade, o logar de presidente da Liga dos Professores Normalistas, gremio que muito deve á sua dedicação, e no qual iniciou elle uma série de proveitosas conferencias pedagogicas, sendo seus discursos, em seguida, publicados em folhetos e distribuidos pelo professorado primario do Estado.

A este, como á familia do morto, consignamos, nestas linhas, as expressões do nosso sentir.

---





# A Revista

É com justificado desvanecimento que assignalamos a fidalga acolhida feita, pelas classes ledôras do nosso meio, a este mensário de ensino.

Aliás, não nos surprehendeu o gésto. Já o esperávamos, como uma decorrencia lógica do estado de desenvolvimento a que tem chegado, nestes dias que passam, a nossa cultura mental.

No seio do professorado primário, laboriosa classe a que a Revista particularmente se destina, foi ella recebida com alvoroçado carinho.

A exteriorisação desse sympáthico e consoladôr movimento que se fez em tôrno desta publicação—e que muito nos penhóra e anima, —tivémol-a nas expressões que nos fôram dirigidas, pessoalmente e por escripto, como no juízo da imprensa, a proposito do seu primeiro número.

As transcripções que se seguem valem por uma affirmação do nosso profundo reconhecimento.

## Revista do Ensino

Vae marcar um successo o apparecimento d'esta publicação, cujo valor incontestavel, pelos fins a que se destina, torna-a-á um modelo entre as congeneres n'esta parte do Brazil.

A Revista do Ensino, cuja primeira pagina de impressão tivemos occasião de ver hontem, está sendo preparada com cuidado especial, quer na sua feição material, quer nos variados elementos intellectuaes que lhe constituem o texto.

É uma publicação directamente subordinada á Secretaria d'Estado do Interior e Instrucção Publica, superiormente dirigida pelo sr. desembargador Augusto Olympio.

A Revista será publicada uma vez por mez, sahindo o primeiro número no proximo dia 7 de setembro.

(D'O Jornal, de 6 de setembro)

## Revista do Ensino

Circulará hoje o 1º numero da Revista do Ensino, mensario destinado a propagar os cursos referentes á instrucção e do qual ja por vezes nos temos occupado.

O sr. desembargador Augusto Olympio, que teve e idéa da fundação d'essa utilissima publicação, assumiu sua direcção suprema, sendo auxiliado por um corpo de redacção composto dos srs. drs. Fléxa Ribeiro, redactor-chefe, Leopoldino Lisbôa e Juruema Franco. Occupa o cargo de secretario o sr. Olavo Nunes.

Conta essa promissora revista scientifica um escolhido corpo de collaboradores, no qual se enfileiram nomes sobejamente festejados no meio intellectual de Belém.

O apparecimento da Revista do Ensino, que sabemos será cuidadosamente impressa, marcará certamente um ruidoso seccesso nas lettras paraenses.

(D'A Provincia do Pará, de 7)

Entre os acontecimentos de mais destacado relevo, na vida administrativa do Estado, alinha-se, inquestionavelmente, o apparecimento, hontem, no nosso meio, da *Revista do Ensino*, publicação official de incontestavel valor, pelos fins a que se destina.

A idéa da fundação da *Revista*, nos moldes com que sahio para a publicidade e que a distinguem das suas congeneres, pelo acurado gosto com que foi confeccionada, a encantadora feição artistica de impressionar, á primeira vista, partiu do illustre sr. desembargador Augusto Olympio, que, com muita competencia, superintende os negocios da secretaria d'Estado da Instrucção Publica, e foi francamente applaudida pelo emerito chefe do Estado, sempre disposto a apoiar toda medida de resultados proveitosos ás classes sociaes, componentes do Estado. A *Revista* consultava de perto os interesses do ensino publico, cuja elevação de nivel constitúe uma séria preocupação do governo de s. exc., compenetrado de que «nos paizes novos a verdadeira fonte vital de progresso da nacionalidade reside na amplitude e aperfeiçoamento da instrucção popular».

A *Revista do Ensino* veio perfeitamente ao encontro d'este ideal, por cuja integral realisação, como se vê logo á sua primeira pagina, trabalhará esforçadamente.

Preparada com esmero, com um corpo de redacção e collaboradores de que muito ha a esperar, marcou, não ha negar, tão opportuna quanto importante publicação, um verdadeiro successo no meio paraense.

A *Revista*, que sahirá no dia 15 de cada mez, traz no seu numero de 70 paginas abundante e preciosa collaboração, além das photographias das tres normalistas classificadas no concurso aberto ultimamente, para provimento de um lugar de adjuncta do 6.º grupo escolar; e do artigo que, soba epigraphie «Pela Instrucção», esta folha publicou a respeito do concurso.

A *Revista do Ensino* está sob a immediata direcção do sr. desembargador Augusto Olympio, Secretario d'Estado do Interior e Instrucção Publica, e tem como redactor-chefe o dr. Fléxa Ribeiro, como secretario nosso collega de imprensa Olavo Nunes e como redactores os drs. Leopoldino Lisbôa e Ju-ruema Franco.

S. exc. o sr. desembargador Augusto Olympio, acompanhado do corpo redaccional da *Revista*, esteve hontem, pela manhã, na residencia do exmo. sr. dr. João Coelho, illustre chefe do Estado, offerecendo a s. exc. alguns exemplares do primeiro numero da referida publicação, que o dr. governador achou encantadora, pela feição artistica que a mesma apresenta, e o valioso texto que a enriquece, applaudindo francamente o nobre tentamen e felicitando o seu director e redactores.

A *Revista* foi-nos offerecida pessoalmente pelo sr. dr. Leopoldino Lisbôa, não encontrando aqui palavras com que agradecer tamanha gentileza.

No seu proximo numero, a sahir no dia 15 de outubro vindouro, publicará, conforme já annuncia, os seguintes trabalhos:

—«O Delta Amazonico»—Alfredo Lamartine.

—«A philosophia no Brazil»—Moreira de Souza.

—«Anarchia orthographica»—Fléxa Ribeiro.

D'aqui, só podemos ter applausos a tão util quão valiosa contribuição ao problema do ensino publico.

(D'O *Jornal*, de 8)

Revista do Ensino

Surgiu hontem o importante mensario, cujo nome serve de titulo a esta noticia. E' uma publicação de feição moderna e exclusivamente dedicada á

propaganda pedagogica no Estado do Pará. Iniciativa magnifica do espirito culto do sr. desembargador Augusto Olympio, illustre secretario do interior justiça e instrucção publica, que é o seu director, e sob a chefia do largo descortino de Fléxa Ribeiro, incontestavelmente uma das mais sérias cerebrações do nosso meio intellectual, a **Revista do Ensino** vem preencher uma grave lacuna, um grande hiato no nosso systema de educação. A selecção que presidiu á escolha dos seus collaboradores revela a preocupação com que fôram organizados os moldes de tão util publicação. O farto summario, que vai a seguir, dá idéa do que é esse órgão official de propaganda publica:

.....  
Em paginas nitidas estampa a futura revista os retratos das professoras Izaura Pires de Brito, Odina Cardoso e Donatilla d'Oliveira, classificadas em primeiros lugares, no ultimo concurso realisado na Secretaria do Interior.

E' com verdadeiro desvanecimento que registamos o apparecimento do bello mensario, cuja feitura artistica e caprichosa, de feição européa, nada deixa a desejar, quer no conjuncto, quer nos trabalhos contidos, o que muito honra as officinas graphicas do Instituto Lauro Sodré.

(D'A Provincia do Pará, de 8)

### Revista do Ensino

O sr. Leopoldino Lisbôa, inspector escholar, veio hontem, pessoalmente trazer a esta redacção o primeiro numero da **Revista do Ensino**, a utilissima publicação que, sob os melhores auspicios, inicia-se brilhantemente, demonstrando á primeira vista largo proveito que, certamente, dará ao magisterio publico do Estado, assim tambem a profunda lacuna que vem preencher no regimen escholar e educativo paraense.

Melhor não poderia ser a escolha de seu corpo dirigente e redaccional, onde destacamos os mais finos espiritos do nosso meio culto-scientifico e litterario.

E' director da **Revista do Ensino** o exmo. sr. desembargador Augusto Olympio de Araujo e Souza, secretario d'Estado do interior e instrucção publica, occupando o cargo de redactor-chefe o dr. Flexa Ribeiro, director da secretaria do interior.

Os outros funcionarios são: secretario geral, o sr. Olavo Nunes; redactores os drs. Leopoldino Lisbôa e Juruema Franco, tendo um distincto e numeroso corpo de collaboradores.

A **Revista do Ensino** é publicação official de sciencias, lettras e especialmente de pedagogia.

(D'O Estado do Pará, de 8)

### Revista do Ensino

O apparecimento, no dia 7 do corrente, da **Revista do Ensino**, veio assignalar um acontecimento de incontestavel destaque na vida administrativa do Estado.

Fundada pela iniciativa do illustre desembargador Augusto Olympio, muito digno secretario d'Estado da Instrucção Publica, e sob os auspicios do exm. sr. dr. João Coelho, a **Revista** preenche sobejamente os fins a que se destinam as suas congeneres, no progresso e no aperfeiçoamento da instrucção collectiva.

Alem da sua suggestiva e cuidada feição artistica, que vem pôr em prova, mais uma vez, os já reconhecidos meritos de que gosam as officinas graphicas do "Instituto Lauro Sodré", a **Revista** offerece tambem ao leitor um texto variado e erudito, para o que dispõe de um corpo de collaboração estudioso e culto.

A *Revista do Ensino* está sob a immediata direcção do sr. desembargador Augusto Olympio, Secretario d'Estado do Interior e Instrucção Publica, e tem como redactor-chefe o dr. Fléxa Ribeiro, como secretario o nosso compatriota Olavo Nunes e como redactores os drs Leopoldino Lisbôa e Juruema Franco.

E' este o variado texto do numero da *Revista*, que nos foi pessoalmente offerecida pelo sr. dr. Leopoldino Lisbôa:

.....

(D'O *Cosmopolita*, de 9)

### Revista do Ensino

Entre as commemorações mais importantes á data da nossa emancipação politica, salientou-se a publicação da promissora *Revista do Ensino*, creada pela secretaria da instrucção publica.

Satisfazendo necessidade palpitante em nosso meio, apresenta-se a novel publicação como o producto dos intuitos patrioticos do eminente sr. governador do Estado e do illustre secretario do interior.

Quer em sua parte artistica quer na intellectual, é a *Revista do Ensino* bem digna d'esse honroso titulo.

Fazemos os mais francos votos pela prosperidade da novel *Revista*, que se acha sob a sabia orientação do sr. desembargador Augusto Olympio, tendo como redactor-chefe o distincto sr. dr. Fléxa Ribeiro, como secretario o nosso confrade Olavo Nunes, e como redactores os drs. Leopoldino Lisbôa e Juruema Franco.

Agradecemos a gentil offerta de um exemplar da futura *Revista*, que nos veio fazer, pessoalmente, o sr. dr. Leopoldino Lisbôa, de parte do sr. desembargador Augusto Olympio.

(D'A *Noite*, de 9)

### Revista do Ensino

Circulou hontem e tivemos a satisfação de receber um exemplar da *Revista do Ensino* publicação official de sciencias e letras e especialmente de pedagogia, dirigida pelo exm. sr. desembargador Augusto Olympio de A. Souza, actual Secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica d'este Estado, que lhe dá o melhor de seus esforços e de sua intelligente actividade e competencia.

A *Revista* tem como redactor-chefe, o dr. Fléxa Ribeiro, nome assáz conhecido na litteratura brazileira; como secretario, o sr. Olavo Nunes e redactores os drs. Leopoldino Lisbôa e Juruema Franco.

Dispõe de um corpo de collaboradores escolhido entre os mais conhecidos escriptores de Belem e de reconhecida competencia nos diversos assumptos de seu vasto e utilissimo programma.

Apresenta-se bem impressa, em excellente papel e com uma feitura artistica, que impressiona agradavelmente o leitor.

Com taes elementos de successo é de prevêr franco triumpho e longa vida no meio do jornalismo paraense que a *Revista* vem honrar, occupando-se de assumptos de real interesse social e concorrendo para a diffusão elevada da instrucção e da educação publica.

Tem a *Revista* as suas columnas francas para a collaboração do magisterio publico e pessoas dedicadas ao estudo das questões do ensino.

O seu primeiro numero traz o seguinte summario:

.....

A Revista apparece a 15 de cada mez e recebe assignaturas a 12\$000 por anno, sendo, porem, para o professorado a 10\$000.

O primeiro numero da Revista será encontrado á venda na livraria Sabino Silva. Pará Chic e outras.

(D'O Diario Official, de 10)

### Revista do Ensino

Appareceu no dia 7 do corrente, na capital do Estado, o primeiro numero da Revista do Ensino, publicação dedicada exclusivamente á propaganda pedagogica neste Estado, tendo uma feição moderna.

A magnifica revista é iniciativa da dedicação do exm. sr. desembargador Augusto Olympio, esforçado secretario do Interior, Justiça e Instrucção Publica, sendo chefe da redacção o dr. Flexa Ribeiro, director geral da Secretaria da Instrucção Publica.

Incontestavelmente a Revista do Ensino vem preencher uma sensivel lacuna no desenvolvimento da instrucção popular; e por isso applaudimos com satisfacção a boa vontade e o interesse que o desembargador dr. Augusto Olympio desenvolveu, satisfazendo assim a realisacção de uma ideia realmente digna da coaljuvacao de todos quantos se interessam pela instrucção primaria.

(Do Santarem, de 16)

### Revista do Ensino

Recebemos o primeiro numero d'este mensario publicado sob os auspicios do sr. desembargador Augusto Olympio, secretario d'Estado do Interior. E' redactor-chefe o distincto litterato dr. Flexa Ribeiro.

Esta publicação significa um valioso estimulo ao professorado, sobretudo primario, que nella encontrará copiosas informacões muito do seu interesse.

Na noticia do concurso ultimamente realisado para preenchimento de um logar de adjunta, veem intercalados os retratos das professoras normalistas, senhoritas Izaura Brito, Odina Cardoso e Denatilla Oliveira, que obtiveram as notas mais elevadas na classificacção.

Entre os artigos chamou a nossa attencção o de Fernão de Azurara intitulado—Bibliotheca do professor—; e nos chamou a attencção porque o auctor concede uma preferencia injustificada aos grammaticos e philologos luitanos em prejuizo dos nacionaes, quando é geralmente sabido que n'este ramo de estudos os brasileiros tem ultimamente levado grande vantagem aos seus irmãos de além-mar.

Não nos parece que no estado actual da linguagem do Brazil e de Portugal se possa ainda, como ha 200 annos, leccionar portuguez aos meninos brasileiros pelos livros elementares feitos para uso dos meninos portuguezes.

A prova temol-a n'esta mesma grammatica de Epiphanio Dias, aconselhada aos professores pelo sr. Fernão de Azurara, a qual ensina, entre outras coisas para nós inadmissiveis, que *em* é diphthongo, e se pronuncia *ãe*! Lembra o caso do acolyto lisboeta, contado pelo padre Corrêa de Almeida, o immortal satyrico mineiro: todas as vezes que o padre dizia—*perá omni sæcula sæculorum*—o acolyto respondia:

—A não!

Agradecendo o numero da Revista do Ensino com que fomos mimoseados, fazemos votos para que o illustre sr. desembargador secretario d'Estado da Instrucção publica e seu digno auxiliar tenham a felicidade de se vêr comprehendidos e correspondidos n'esta iniciativa por todo o magistério, e especialmente o primario, que deve, a nosso vêr, tomar [um logar mais importante n'esta util publicacção.

(D'A Palavra, de 20).

# Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, é de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais razoaveis. É editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

## Augusto Ramos Pinheiro

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

## Eponina de Oliveira Condurú

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

## Ten.<sup>te</sup> C.<sup>el</sup> Raymundo Alves da Cunha

Paraenses Ilustres

## J. B. de Brito Bastos

Geometria Pratica

## Manoel João Alves

Collecção de Traslados

## Vilhena Alves—(Fran.<sup>co</sup> F. de)

Compendio de Analyse Moderna

## João Gualberto da Costa

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na Livraria Classica compra sempre

Rua Conselheiro João Alfredo,—59

Caixa Postal—253

Telegramma—JOTASANTOS.

PARÁ—BELÉM

# *Livraria Moderna*

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

*Completo sortimento de livros escolares;  
litteratura, sciencias poesias e jurisprudencia.*

**Grande deposito de livros em branco em todos os formatos**

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios  
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

**Vendas a dinheiro**

**SABINO SILVA**

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna. Caixa postal 216

# Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

# Pará-Chic

LIVRARIA

(DE)

**M. FREITAS & C.<sup>A</sup>**

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e  
Deposito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO  
PARAENSE", Variadissimo sortimento de  
livros sobre sciencias, artes, indus-  
tria, direito etc, dos mais re-  
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para'

# DR. ACYLINO DE LEÃO

Médico

MOLESTIAS INTERNAS, MOLESTIAS DE CRIANÇAS E SYPHILIS

**Residencia:** Avenida Almirante Tamandaré, 92 A  
(entre a praça da Trindade e a Travessa S. Matheus)

Consultorio: LARGO DA MISERICORDIA, 14  
(esquina da Rua Trese de Maio)

*das 9 ás 10 da manhã; das 4 1/2 ás 5 1/2 da tarde*

## Drs. Moreira de Sousa e Fléxa Ribeiro

Escriptorio de advogacia tr. 7 de Setembro, n.º 24

Das 8 ás 11 da manhã e das 2 ás 4 1/2 da tarde.

## AGRIMENSORES

MIGUEL MORAES E PEDRO ARGEMIRO  
DE MORAES SARMENTO,

acceitam demarcações neste

Estado e no do Amazonas.

Confeccionam plantas de terras já demarcadas e encarregam-se de todo e qualquer serviço de sua profissão.

Escriptorio: Rua CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO n.º 83

(altos do Pará-Chic)



## Bibliographia

Recebemos do sr. Henrique de La-Rocque, professor de allemão do *Gymnasio Paes de Carvalho*, um exemplar do *Vade-Mecum do estudante da lingua alleman*. O sr. professor La-Rocque destina-o a facilitar o apprendizado daquella disciplina.

---

---

**Toda a correspondencia destinada á Revista do Ensino deve ser dirigida para a Caixa Postal n. 502—Pará-Brasil.**

---

---

**A REVISTA DO ENSINO será encontrada á venda nos seguintes estabelecimentos commerciaes de Belem: Livraria Moderna, rua João Alfredo, 89;--Pará-Chic, rua João Alfredo, 83; --Livraria Bittencourt, rua 15 de Novembro, 15;--Livraria Clássica, rua João Alfredo, 58.**

---

---

## Correio d' A Revista

**E. L. (Maracanan)**—Recebemos o trabalho sobre a *prosodia portuguesa*, que nos enviou. Julgamos que elle seria de utilidade para o público, se cada uma de suas affirmações viesse demonstrada por leis phonéticas de historia da lingua, a par de explanações sobre a authenticidade do emprego das dicções. Caso o queira completar neste sentido, a Revista dar-lhe-á publicidade.

A REVISTA DO ENSINO permutará com as publicações similares.  
Toda a correspondencia que se lhe destine deve ser endere-  
çada á CAIXA POSTAL n. 502 (Pará—Brasil).

---

---

## SUMMÁRIO de 7 de Setembro de 1911

---

---

|  |                            |
|--|----------------------------|
| A Revista do ensino .....  | <i>Redacção.</i>           |
| A philosophia na cultura scientifica.....  | <i>Moreira de Souza.</i>   |
| A cultura da memoria segundo a pedagogia scientifica (SCIENCIA DA EDUCAÇÃO.—SCIENCIAS BIO-<br>LOGICAS.—SCIENCIAS MORAES).....  | <i>João de Figueiredo.</i> |
| Hygiene social (SELECÇÃO NATURAL NA HUMANIDADE.—ENTRAVES E DIFFICULDADES QUE O DESENVOLVI-<br>MENTO SOCIAL LHE IMPÓS.—MEIOS ARTIFICIAES DE CORRIGIL-A PELA ASSISTENCIA ÀS CRIANÇAS.—HYGIENE<br>ESCOLAR DO TALHE E DA VISTA.—INSPECÇÃO MÉDICA DE PROFESSORES E ALUMNOS.—PROPHYLAXIA DAS MO-<br>LESTIAS TRANSMISSIVEIS.—COMBATE AO ALCOOLISMO E ÀS ENTONICAÇÕES ALIMENTARES )..... | <i>Acylino de Leão.</i>    |
| O ensino de desenho.....   | <i>Theodoro Braga.</i>     |
| Primeiras noções sobre as sciencias (A SENSACÃO E AS COISAS.—AS CAUSAS E OS EFEITOS.—A RAZÃO<br>DAS COISAS.—A EXPLICACÃO).....   | <i>S. de Padilha.</i>      |
| Notas sobre o clima da Amazonia.....   | <i>Adolpho Ducke.</i>      |
| Bibliotheca do professôr (A LINGUA PORTUGUÊSA).....  | <i>Fernão d'Azurara.</i>   |
| Concurso primário .....  |                            |
| Pelo magisterio (DECRETOS, PORTARIAS, VÁRIAS) .....  |                            |
| Notas e Noticias.....  | <i>N.</i>                  |
| Legislação do ensino .....   |                            |
| A Revista.....   |                            |
| Bibliographia.....   | <i>F. V.</i>               |

---

---

A REVISTA DO ENSINO fará a critica dos livros que lhe forem offerecidos.

---

---

